

◊ LUGAR DAS ARTES PLÁSTICAS NO
CONTEXTO DE UM JARDIM DE
INFÂNCIA WALDORF

Ana Catarina da Costa Rito Dias Martins

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa
para obtenção do grau de mestre em Educação Artística

2023-2024

| ' ' | | ' ' |

O LUGAR DAS ARTES PLÁSTICAS NO CONTEXTO DE UM JARDIM DE INFÂNCIA WALDORF

Ana Catarina da Costa Rito Dias Martins

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa
para obtenção do grau de mestre em Educação Artística

Orientadora: Professora Doutora Ana Tudela de Sousa

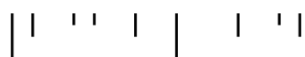
Júri

Presidente: Professor Doutor Miguel Falcão

Arguente: Professora Doutora Ana Bela Mendes

Orientadora: Professora Doutora Ana Tudela de Sousa

2023-2024



AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Ana Tudela de Sousa, o meu mais profundo agradecimento pelo seu acompanhamento, orientação e partilha de conhecimento cruciais no desenvolvimento desta dissertação.

Aos professores do Mestrado em Educação Artística pelo contributo tão enriquecedor das suas aulas, determinante para o desenvolvimento da presente dissertação.

Aos meus colegas de Mestrado, porque sem eles este caminho teria sido muito mais solitário.

Ao Jardim de Infância Waldorf, pelo acolhimento e colaboração. Em especial à educadora, pais e a todas as crianças da sala, cujas contribuições foram essenciais para a realização deste estudo.

À minha família, pelo apoio, compreensão, disponibilidade e presença. Sempre!

As cem linguagens da criança

“A criança
é feita de cem.
A criança tem
cem linguagens
cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de brincar e de falar.
cem, e sempre cem,
modos de escutar
de se maravilhar, de amar
cem alegrias
para cantar e compreender.
cem mundos
para descobrir,
cem mundos
para inventar.
cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e mais cem, cem e cem)
mas roubam-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura
separam-lhe a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
para pensar sem as mãos
para fazer sem a cabeça
para ouvir sem falar
para compreender sem alegria
para amar e se maravilhar
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
para descobrir o mundo que já lá está
e dos cem roubam-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão ligadas.
Dizem-lhe, em suma, que as cem não
estão lá.
A criança diz:
Mas as cem existem.”

Malaguzzi (2022)

RESUMO

| ' ' | | ' ' |

No âmbito do Mestrado em Educação Artística na Escola Superior de Educação de Lisboa surge o presente trabalho, intitulado *O lugar das Artes Plásticas no contexto de um Jardim de Infância Waldorf*. Assim, através desta investigação, procuramos compreender o papel das Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf, em contexto de Jardim de Infância, perceber como se integram as Artes Plásticas nesta pedagogia e como desenvolve a criança a sua expressão plástica neste contexto.

A metodologia utilizada identifica-se como qualitativa, tendo sido utilizados diversos instrumentos e técnicas de recolha e tratamento de dados, como entrevistas aos elementos da comunidade educativa (crianças, educadora e pais). Optou-se, ainda, por uma observação direta em contexto de sala num Jardim de Infância Waldorf, no distrito de Lisboa, com crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos. A interpretação dos dados recolhidos foi realizada através de um processo de análise de conteúdo, que permitiu extrair algumas conclusões, considerando o objeto de estudo e a sua problemática.

A Pedagogia Waldorf, desenvolvida por Rudolf Steiner, valoriza profundamente as artes plásticas como uma parte essencial do desenvolvimento integral da criança. A arte não é uma disciplina isolada, mas está integrada em todas as áreas do currículo, no entanto, nesta pedagogia a abordagem ao uso de imagens é cuidadosamente considerada, principalmente nos primeiros anos, o que contraria o conhecimento de que permitir que as crianças tenham contacto com imagens oferece várias vantagens para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Se, por um lado, uma prática das artes plásticas, no seio de uma pedagogia Waldorf, pela exploração de técnicas tradicionais e o recurso a elementos naturais, assente na manipulação e combinação de uma grande variedade de materiais, potencia a imaginação; por outro lado, também não é dispensável uma prática das artes plásticas cultivada, com recurso a imagens, que tanto pode contribuir para enriquecer o repertório visual das crianças, estimulando a sua criatividade e sentido crítico.

Palavras chave: Educação Artística, Artes Plásticas, Pedagogia Waldorf, Cultura Visual.

ABSTRACT

| | ' ' | | ' ' |

Within the scope of the Master's Degree in Artistic Education at the Escola Superior de Educação de Lisboa, this work appears, entitled *The place of visual arts in the context of a Waldorf kindergarten*. Therefore, through this investigation, we seek to understand the role of Fine Arts in Waldorf Pedagogy, in the context of kindergarten, to understand how Fine Arts are integrated into this pedagogy and how children develop their artistic expression in this context.

The methodology used is identified as qualitative, with various instruments and techniques for collecting and processing data being used, such as interviews with members of the educational community (children, educator and parents). We also opted for direct observation in a classroom context in a Waldorf Kindergarten in the Lisbon district with children aged between three and six years old. The interpretation of the data collected was carried out through a process of content analysis, which allowed us to draw some conclusions considering the object of study and its problems.

Waldorf Pedagogy, developed by Rudolf Steiner, places great emphasis on the visual arts as an essential part of a child's integral development. Art is not just an isolated subject, but is integrated into all areas of the curriculum, however, in this pedagogy the approach to the use of images is carefully considered, especially in the early years, which goes against the knowledge that allowing children to have contact with images offers several advantages for their cognitive, emotional and social development. If, on the one hand, a practice of fine arts, within a Waldorf pedagogy, through the exploration of traditional techniques and the use of natural elements, based on the manipulation and combination of a wide variety of materials, enhances the imagination; on the other hand, a cultivated practice of visual arts, using images, is also not dispensable, as it can contribute so much to enriching children's visual repertoire, stimulating their creativity and critical sense.

Keywords: Artistic Education, Fine Arts, Waldorf Pedagogy, Visual Culture.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. A Antroposofia e a Pedagogia Waldorf	4
1.1.1. Rudolf Steiner e a Antroposofia	4
1.1.2. A Origem da Pedagogia Waldorf	4
1.1.3. A Criança na Pedagogia Waldorf	5
1.1.4. O Educador na Pedagogia Waldorf	6
1.1.5. A Pedagogia Waldorf em Portugal	9
1.2. As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf	10
1.2.1. Currículo e Didática	10
1.2.2. Cor e Técnicas	10
1.2.3. A Imagem, os Materiais e os Estereótipos	12
1.3. Arte, Educação Artística e Criatividade	17
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	27
2.1. Problemática em Estudo e Definição do Problema.....	28
2.1.1. Objetivos da Investigação e Questões Orientadoras	28
2.2. Natureza e Desenho do Estudo – Participantes	29
2.3. Estudo de Caso – Jardim de Infância Waldorf	32
2.4. Instrumentos e Técnicas de Investigação	37
2.5. Princípios Éticos de Investigação	39
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
3.1. Introdução	41
3.2. Análise de Conteúdo	41
3.3. Limitações ao estudo	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	66

APÊNDICE A - Consentimento Informado	67
APÊNDICE B - Transcrição da entrevista à educadora	71
APÊNDICE C - Transcrição da entrevista à educadora/atelierista	74
APÊNDICE D - Transcrição da entrevista às crianças	77
APÊNDICE E - Transcrição da entrevista a pais	94
APÊNDICE F - Transcrição da entrevista a pais	97
APÊNDICE G - Notas de Campo	99
APÊNDICE H - Figuras (fotografias primeiro momento observação)	105
APÊNDICE I - Figuras (fotografias segundo momento observação)	114

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Guião de entrevista às crianças	30
Tabela 2 - Guião de entrevista à educadora de infância	30
Tabela 3 - Guião de entrevista à educadora/atelierista	31
Tabela 4 - Guião de entrevista a pais	32
Tabela 5 - Organização semanal de atividades	34
Tabela 6 - Calendarização das sessões de observação	39
Tabela 7 - Análise de Conteúdo – entrevista à educadora de infância	41
Tabela 8 - Análise de Conteúdo – entrevista à educadora/atelierista	43
Tabela 9 - Análise de Conteúdo – entrevista aos pais	45
Tabela 10 - Análise de Conteúdo – entrevista às crianças	46
Tabela 11 - Análise de Conteúdo – entrevista às crianças	48

ÍNDICE DE FIGURAS

Figuras 1 a 4 – Sala de atividades	105
Figura 5 – Mesa de estação (Outono)	106
Figura 6 – Mesa de estação (Natal)	106
Figuras 7 a 14 – Materiais disponíveis em sala	106
Figuras 15 a 18 – Espaço Exterior	108
Figuras 19 a 26 – Desenhos com blocos de cera	109

Figuras 27 e 28 – Modelagem de cera de abelha	111
Figuras 29 e 30 – Elaboração do presente de Natal	111
Figuras 31 a 38 – Pintura com aguarelas	112
Figuras 39 a 41 – Dramatização de um conto pelas crianças	113
Figuras 42 a 46 – Modelagem de cera de abelha	114
Figuras 47 e 48 – Construção de um tear	115
Figura 49 – Elemento decorativo alusivo à Páscoa	116
Figura 50 – Mesa de estação (Primavera)	116
Figuras 51 a 57 – Desenho com blocos de cera	116
Figuras 58 a 70 – Pintura com aguarelas	118

INTRODUÇÃO

| | . . | | . .

A presente dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Lisboa incide sobre a temática da educação artística e a sua aplicabilidade no jardim de infância.

Considerando que a diversidade das oportunidades proporcionadas às crianças no jardim de infância é fundamental para fomentar aprendizagens significativas, as artes podem contribuir para o bem-estar, ajudando a estabelecer organizações sociais e apoiando a comunicação e interação com os pares e com o mundo nas infâncias (Damásio, 2010). É fundamental, desta forma, integrar as crianças em ambientes onde possam contactar regularmente com as artes, com os seus processos e com os seus criadores e, ao mesmo tempo, promover momentos em que sejam ouvidas e expressem a sua interpretação dessas experiências artísticas. As crianças são atores sociais com ação sobre o mundo em que vivem, com direito a expressarem as suas “vozes” e a se representarem como sujeitos de conhecimento nos seus próprios termos (Ferreira, 2004).

Tal como refere Rodrigues (2002, p.14), «a Educação Artística nas escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções». As artes no Jardim de Infância precisam de ser desenvolvidas de forma a despertar a capacidade criadora que existe em cada uma das crianças e a sua sensibilidade potenciando a sua curiosidade, dinamismo, imaginação e criatividade.

Silva et al. (2016), nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE, 2016), defende que o contato e observação de diferentes modalidades das artes visuais (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, filme, entre outras) em diferentes contextos (museus, galerias, monumentos e outros centros de cultura) permitem à criança a inserção na cultura do mundo a que pertence. Cabe ao educador seleccionar esses contextos e promover oportunidades para as crianças observarem, explorarem e criarem interesse por diferentes manifestações artísticas.

O domínio da Educação Artística, no âmbito das OCEPE está englobado na Área da Expressão e Comunicação. No entanto, é importante referirmos que na Educação Pré-escolar é fundamental ter em conta a transversalidade das Áreas de Conteúdo, pois «As diferentes linguagens artísticas, que fazem parte deste domínio (Artes Visuais, Jogo Dramático/Teatro, Música e Dança), são meios de enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação das crianças» (OCEPE, 2016, p.47). Devemos partir do que as crianças já sabem para o que desconhecem, ampliando e partilhando os seus conhecimentos e tendo em conta os seus contextos familiares. Assim, a

intencionalidade do educador é fundamental, para criar um currículo diversificado, que lhes permita apreciar o que os rodeia e fomentar o seu espírito crítico, «alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos» (2016, p.47). É referido ainda a importância do ambiente educativo em todo este processo, dado que este é o suporte curricular do educador, a organização do espaço e dos materiais poderá condicionar ou potenciar as oportunidades de exploração e criação das crianças no domínio da educação artística.

Como educadora, ao longo dos anos, fui aprofundando o meu conhecimento acerca das várias pedagogias e apercebendo-me de que algumas têm na sua origem a preocupação com a criança, o seu desenvolvimento integral pleno e saudável, entre as quais a Pedagogia Waldorf, o que me levou a procurar conhecê-la melhor.

O presente estudo pretende ser um contributo para o conhecimento das Artes Plásticas como uma parte integrante do currículo na Pedagogia Waldorf, que estimula o desenvolvimento integral da criança. Tentando compreender: 1) Como se estabelece a relação entre as artes plásticas e a Pedagogia Waldorf, 2) Como se integram as Artes Plásticas numa sala de jardim de infância Waldorf, 3) Como desenvolve a criança a sua expressão artística neste contexto, 4) De que forma as artes plásticas contribuem para o desenvolvimento da criança.

No que respeita à estrutura, a dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo deste trabalho, Enquadramento Teórico, são apresentados três subcapítulos. No primeiro, são abordadas a antroposofia e a Pedagogia Waldorf. No segundo, são analisadas as Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf em Portugal. No terceiro, são apresentados os principais aspetos que fundamentam a Arte, a Educação Artística e a Criatividade.

O segundo capítulo, Enquadramento Metodológico, está organizado em cinco subcapítulos. A apresentação da problemática em estudo e definição do problema constitui o primeiro; no segundo, a Natureza e Desenho do Estudo, no terceiro, é apresentado o Estudo de caso; no quarto, os Instrumentos e Técnicas de Investigação; no quinto, os Princípios Éticos de Investigação.

No terceiro capítulo, procede-se à Apresentação e Discussão dos Resultados, e por fim, são partilhadas as Considerações Finais.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

| " | | " |

1.1. A Antroposofia e a Pedagogia Waldorf

1.1.1. Rudolf Steiner e a Antroposofia

Lanz (2005) define Antroposofia como uma filosofia espiritual desenvolvida por Rudolf Steiner (1861-1925), no início do século XX, que integra os aspetos espirituais da existência humana com os aspetos científicos e materiais.

A palavra "antroposofia" vem do grego "anthropos" (humano) e "sophia" (sabedoria), significando literalmente "sabedoria humana". A Antroposofia integra diversas áreas de conhecimento, tais como: Espiritualidade, Educação, Agricultura, Medicina, Arte e Arquitetura (Steiner, 2012).

De acordo com a filosofia antroposófica, o conhecimento espiritual pode ser alcançado através do desenvolvimento interior e da meditação, complementando o conhecimento científico tradicional transmitido. Assim, no campo da Educação, Steiner fundou o Movimento das Escolas Waldorf, que seguem princípios antroposóficos. Estas escolas enfatizam o desenvolvimento global e integral da criança, incluindo aspetos intelectuais, artísticos e práticos.

No entanto, a Antroposofia não está isenta de críticas. Alguns autores argumentam que as suas bases espirituais não são cientificamente verificáveis e que certas práticas, como a medicina antroposófica, carecem de evidências científicas sólidas. Por outro lado, os seus defensores afirmam que a Antroposofia oferece uma abordagem mais holística e humanizada para diversas áreas da vida.

Em síntese, a Antroposofia representa uma filosofia que procura unir ciência e espiritualidade, oferecendo uma visão integrada do ser humano e do mundo, que pode ser aplicada a diferentes esferas de ação, entre elas a educação.

1.1.2. A origem da Pedagogia Waldorf

Gobel (1994) no prólogo do catálogo da exposição - Pedagogia Waldorf, apresentada por ocasião da 44ª conferência sobre educação da UNESCO, em Génèbra afirma que

«A formação e a educação são decisivas para o futuro da sociedade humana. Direitos humanos e democracia, entendimento internacional, paz e tolerância só podem ser alcançados através da educação. Tudo aquilo que hoje não ficar semeado, amanhã não poderá dar frutos».

Estas são questões atuais que se prendem à educação, a “chave” da sobrevivência do homem como ser cultural e social. (Gobel e McAlice, 1994).

A Pedagogia Waldorf surgiu em 1919, na Alemanha, fundada por Rudolf Steiner, filósofo, educador e artista, também fundador da Antroposofia. A primeira escola Waldorf surge como resposta às necessidades sentidas pelos trabalhadores da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria. A Europa vivia então o Pós Primeira Guerra Mundial e Rudolf Steiner foi convidado pelo diretor da fábrica para realizar uma série de palestras sobre questões sociais e educativas. A proposta pedagógica de Steiner preconizou ideais e métodos de aprendizagem pouco convencionais para a época que procuravam ajudar o ser humano na sua contribuição consciente para a evolução da humanidade através da realização do seu próprio projeto de vida.

Esta pedagogia procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico da criança, tendo por base a ideia de que o desenvolvimento de cada ser humano é único, logo o ensino deve partir sempre das características individuais de cada um. Apresenta como principal objetivo desenvolver indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis. Neste contexto, nas escolas Waldorf, os educadores possuem grande autonomia para determinar o currículo e cada conhecimento que se pretende ensinar é abordado várias vezes durante o ciclo escolar, mas nunca da mesma maneira, sempre respeitando a capacidade de compreensão de cada um.

De acordo com a filosofia educativa Waldorf, a formação do ser humano é encarada em várias dimensões físicas, anímicas e espirituais, estimuladas através de uma permanente abordagem artística, plasmada em atividades específicas para cada idade com recurso a brinquedos muito simples, em geral artesanais, preferencialmente de madeira ou de tecido (o que se traduz, atualmente, na ausência de ecrãs).

Focadas na articulação entre o sentir e o pensar, estas atividades ocorrem para que a criança aprenda tanto a comunicar com clareza, encontrando a melhor forma de expressar as suas ideias e pensamentos, como a estar disponível para ouvir o que o outro tem a dizer desenvolvendo a empatia e a solidariedade.

1.1.3. A Criança na Pedagogia Waldorf

Partindo do pressuposto de que o papel da escola é o de acolher cada criança como uma pessoa única, estabelecendo com ela uma relação de confiança e possibilitando-

lhe descobrir, desenvolver, valorizar e potencializar as suas capacidades, a Pedagogia Waldorf assenta num conhecimento profundo das fases de desenvolvimento humano. Nesse sentido, é essencial proporcionar à criança, como ser único que é, experiências sensoriais nos primeiros anos de vida, é imperativo não contrariar a sua vitalidade, criatividade e imaginação e permitir-lhe “respirar”. Os sentidos, a liberdade, a constante conexão com a natureza, o estímulo da curiosidade são então os pilares fundamentais para esta abordagem pedagógica.

A criança deve tornar-se sujeito da sua própria aprendizagem, sendo criadora e construtora do seu próprio conhecimento.

Henriques (2017) fala-nos da vontade, do sentimento e do pensamento. A vontade, se a criança está disponível para utilizar as “mãos”, o sentimento, se já consegue integrar o “coração”, isto é, os afetos nas suas ações; e o pensamento, se já consegue recorrer à “cabeça”, isto é, pensar de forma autónoma, elaborando raciocínios mais complexos. A criança tende a imitar o adulto, por isso o educador mantém uma postura calma, respeita o ritmo de cada criança e procura manter rotinas constantes, de modo a proporcionar segurança, o terreno fértil para toda e qualquer atividade.

Outra dimensão que devemos ainda focar é a cultural, ou seja, não só a criança traz a sua bagagem familiar, inscrita em determinada/s cultura/s, como também se apropria de outras culturas nos espaços escolares.

Desde muito pequena a criança participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, enfim dos grupos com os quais convive. Gradativamente, ela vai descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos (e outras crianças) no dia a dia. A sua formação como sujeito em processo de humanização vai-se estruturando a partir das experiências assimiladas em interação com as outras pessoas. É, pois, inserida no ambiente afetivo e cultural que a criança vai desenvolver o seu processo de socialização. (Ferraz & Fusari, 1999, p.41, citado por Betti, 2020, p.11).

1.1.4. O Educador na Pedagogia Waldorf

O papel do educador é fundamental no desenvolvimento das capacidades artísticas da criança, devendo este considerar os saberes já apreendidos e colocar novos desafios, no sentido de defender a «autenticidade da expressão... desbloquear a criatividade, contrariando a massificação da imagem ou o estereótipo» (Rodrigues, 2002, p.118).

Ao propor sugestões artísticas, é importante dar à criança a oportunidade de refletir, permitindo a conexão entre o pensamento e a experiência, de forma a ampliar o seu repertório cultural e expressivo. É na expressão artística, que a criança desenvolve a imaginação e evidencia a sua capacidade de criação. Por conseguinte, o educador deve apoiar e incentivar todo o processo, bem como oferecer propostas diversificadas, inovadoras e desafiadoras, que possam promover aprendizagens significativas.

Seguindo esta linha de orientação, é essencial cuidado na escolha de materiais, que deverão ser ricos e diversificados, pois as crianças nesta faixa etária são sensíveis à experimentação e manipulação de diferentes objetos, tal como já referido.

O Jardim de Infância, numa abordagem Waldorf deve ser pensado pelo educador como um espaço onde a criança pode desenvolver os seus processos de criação artística e as suas formas de expressão, onde os erros contribuem para a descoberta de novos caminhos e possibilidades, onde o contato com experiências artísticas diversificadas conduz a situações de aprendizagem enriquecedoras.

Segundo Ferraz e Fusari (1999, p.56), citadas por Betti (2020, p.17):

o maior compromisso do professor é, portanto, adequar o seu trabalho para o desenvolvimento das expressões e percepções infantis... Através deste trabalho com aprimoramento das potencialidades perceptivas das crianças, pode-se enriquecer suas experiências de conhecimento artístico e estético. E isso se dá quando elas são orientadas para observar, ver, ouvir, tocar, enfim perceber as coisas, a natureza e os objetos a sua volta. Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, faz parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida.

Nas escolas Waldorf, o educador tem um papel fundamental, privilegiando a autoeducação e uma relação profunda entre Homem, Natureza e Cosmos. A imaginação e a criatividade são estimuladas tranquilamente respeitando o ritmo biológico de cada um. O educador deve conhecer muito bem cada criança, compreender o que sente e para o que está apta.

O educador é um modelo, pelo que exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança, e por isso, a creche e o jardim de infância devem ser um prolongamento do ambiente familiar. Constituindo o ritmo um dos princípios fundamentais, o educador deve fomentar uma sintonia com os ciclos da natureza, com a sucessão dos momentos

do dia, orientando a criança em momentos de contração e de expansão. A repetição é outro dos princípios que subjacentes à Pedagogia Waldorf, na qual as atividades repetem-se durante determinado período de tempo, geralmente quatro semanas.

Assim, cabe ao professor, através de um processo de autoeducação contínuo criar ambientes de aprendizagem que potenciem as características de cada criança. O currículo, entendido de modo bastante flexível, assenta num olhar atento às dimensões da criança já mencionadas, de modo integral, procurando adequar o processo de ensino e aprendizagem às experiências e emergências de cada uma e do grupo.

O professor tem como principal tarefa conhecer cada um, quem é cada criança e o que necessita, privilegiando as suas vivências, o contato direto com a natureza e baseando a sua relação no respeito com o mundo que o rodeia. Steiner afirmou, tal como hoje está demonstrado na investigação neurológica de Immordino-Yang e António Damásio (2007), que o que nos faz aprender e interiorizar conhecimentos são os afetos e não a racionalidade fria e distante do ensino tradicional, “Eu sinto, logo existo, “Nós sentimos, logo aprendemos”.

Se assim for, as aprendizagens adquiridas perdurarão por toda a vida, de forma orgânica, crescendo com as constantes aprendizagens ao longo da mesma. Desta forma, a Pedagogia Waldorf distingue-se pelo seu carácter formativo e não informativo.

O papel do educador é fundamental no desenvolvimento das capacidades artísticas da criança, devendo considerar os saberes já apreendidos e colocar novos desafios, no sentido de defender a «autenticidade da expressão...desbloquear a criatividade, contrariando a massificação da imagem ou o estereótipo». (Rodrigues, 2002, p.118).

Ao propor sugestões artísticas, é importante dar à criança a oportunidade de refletir, permitindo a união entre o pensamento e a experiência, de forma a ampliar o seu repertório cultural e expressivo. É na expressão artística, que a criança desenvolve a imaginação e evidencia a sua capacidade de criação, nesse sentido, o educador deve apoiar e incentivar todo o processo, bem como oferecer propostas diversificadas, inovadoras e desafiadoras, que possam promover aprendizagens significativas.

Seguindo esta linha de orientação, é essencial a preocupação na escolha de materiais ricos e diversificados, pois as crianças nesta faixa etária são sensíveis à experimentação e manipulação de diferentes materiais, tal como referido anteriormente.

O Jardim de Infância deve ser pensado como um espaço onde a criança possa desenvolver os seus processos de criação artística e as suas formas de expressão, onde os erros contribuem para a descoberta de novos caminhos e possibilidades, onde

o contato com experiências artísticas diversificadas conduzem a situações de aprendizagem enriquecedoras. A criança deve tornar-se sujeito da sua própria aprendizagem, sendo criadora e construtora do seu próprio conhecimento.

1.1.5. A Pedagogia Waldorf em Portugal

A pedagogia Waldorf surgiu em Portugal na primeira metade do século XX, por influência da família luso-suíça, Abecassis Leroi, existindo uma escola Waldorf em Lisboa que acabou por ser encerrada pelo regime de Salazar. Em 1980 este movimento renasce com a criação da Associação Waldorf de Lisboa por Vera Leroi. (Waldorf Infância Viva, 2024).

Em 1984 surge o Jardim de Infância São Jorge em Alfragide, no concelho da Amadora e em 1988 a Escola Primavera no Algarve, fundada por Margrit Kegel onde a maioria das crianças e dos educadores era estrangeira, mantendo-se em funcionamento até 1996. Em 1997, junta-se a este movimento de pais a Educadora Eva Herre, e é fundado o Jardim de Infância Waldorf Internacional, sediado até hoje na zona de Lagos, mais precisamente em Barão de S. João (Waldorf Infância Viva, 2024).

Desde 1990 que o Movimento Waldorf tem vindo a crescer, atualmente o Ministério da Educação reconhece quatro escolas: a Escola Waldorf A Oliveira no Algarve (até ao sétimo ano); a Escola Casa da Floresta em Lisboa, Monsanto (até ao sexto ano); a Escola da Terra em Sintra (até ao quarto ano); e a Escola do Jardim do Monte da HARPA em Alhandra (até ao nono ano) (Waldorf Infância Viva, 2024).

A Associação Portuguesa de Escolas com Pedagogia Waldorf (APEPW) foi fundada em 2018 pelas escolas e jardins de infância existentes em Portugal na altura. A APEPW tem como fim «apoiar, reconhecer e regular todas as respostas educativas, nomeadamente creches, jardins de infância, escolas do ensino básico e secundário, cuja base social e pedagógica assente na Pedagogia Waldorf (...) e fazer-se reconhecer e representar, junto dos organismos das respetivas tutelas, como regulador autónomo do currículo da pedagogia Waldorf em Portugal» (APEPW, 2024).

No âmbito da formação, é possível fazer formação inicial em Pedagogia Waldorf, na Associação Percurso Waldorf (Lisboa) e na Harpa (Alhandra) (APEPW, 2024).

1.2. As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf

1.2.1. Currículo e Didática

As Escolas Waldorf valorizam os trabalhos manuais, o contato com a natureza e as experiências sensoriais, respeitando a individualidade de cada criança, o brincar, a imaginação e a descoberta. Os programas são abertos, dinâmicos, evidenciam uma grande preparação e preocupação nas diversas vertentes, quer estética, científica e artística e não seguem um único formato. À criança é permitido brincar, criar, descobrir, sem seguir horários rígidos e preencher as agendas dos adultos. O ambiente educativo é criado para ajudar no desenvolvimento harmonioso de cada criança seguindo o seu próprio ritmo e partindo do princípio de que cada criança é um ser único, que quando chega à escola não vem vazio de conhecimentos. A criança dá e recebe, aprende e ensina, descobre o mundo em harmonia com a natureza e é-lhe dado tempo e espaço para aprender.

O cuidado com a alimentação, a preocupação pelo consumismo excessivo e o permanente contato com a natureza caracterizam as escolas Waldorf. As avaliações assumem o formato de relatórios, formativos, onde não constam notas, valorizando-se o esforço, o empenho e a evolução, sendo a reprovação inexistente. Promove-se a interajuda e o trabalho colaborativo entre turmas. As disciplinas são as mesmas do ensino convencional, mas os livros dos primeiros anos são feitos pelas crianças e aprendem-se duas línguas desde o primeiro ano. O trabalho com as famílias, a autoconsciência, o espírito crítico, a flexibilidade cognitiva e a capacidade para preservar a própria identidade são qualidades que integram todo o percurso escolar.

1.2.2. Cor e Técnicas

A Teoria das Cores encontra uma sustentação explícita na pedagogia Waldorf. Rudolf Steiner pesquisou e divulgou a obra científica de Goethe (2013 [1840]), na qual o autor investiga o que constitui as cores e qual o efeito das mesmas sobre o ser humano. O ponto de partida para o ensino da pintura é a teoria das Cores de Goethe.

Com foco nas artes plásticas, o currículo Waldorf centra-se em atividades de desenho, pintura, modelagem, adaptando-se à faixa etária de cada classe, respeitando a criança na sua integralidade. É inquestionável o valor atribuído às artes e a sua estreita relação com as restantes disciplinas do currículo. Este sentido artístico materializa-se através do desenho de formas, da experiência com as cores, das atividades de artes.

A cor tem muita importância na Pedagogia Waldorf. Segundo os princípios desta pedagogia, “se uma pessoa quer aprender a conhecer as cores não pode começar estudando e pintando um motivo do mundo exterior; neste caso, a cor passaria a ser algo secundário em comparação com a forma e o motivo.” (Carlgren; Klingborg, 2014, p.54) As atividades praticadas nos primeiros anos, dizem respeito a uma vivência no mundo das cores; que deve partir da criança, por isso é trabalhada.

A psicologia das cores é uma área bastante consolidada e antiga e é indiscutível o efeito estimulante ou tranquilizador dos tons sobre o nós. Influenciam pensamentos, estados emocionais e tomadas de decisão. São diversos os profissionais que fazem uso destes conhecimentos, tais como designers, arquitetos, ou arquitetos paisagistas. É comum determinadas cores estarem ligadas a determinados ambientes, por exemplo, ambientes hospitalares adotam tons pastel, suaves e claros como o verde ou o azul pois estes tons transmitem tranquilidade e sugerem calma e repouso. Por outro lado, cadeias de restaurantes muito conhecidas de todos nós optam por cores como o vermelho ou o amarelo, estas tonalidades comunicam emergência, saciedade e alegria. O vermelho suscita-nos urgência/emergência e é muito utilizado também nos sinais de trânsito.

As crianças adoram cor e estão abertas a todo o tipo de estímulos, principalmente visuais. A cor na criança, tal como no adulto, comunica uma mensagem emocional, de advertência, alegria, criatividade, entre outras. A infância é um período de grande liberdade e criatividade, logo contactar com a cor, desde cedo, é um estímulo ao desenvolvimento da inteligência emocional e criativa das crianças.

Na escola, a cor deve ser pensada como um elemento essencial do ambiente educativo e a sua escolha deve ser intencional. Nas escolas que preconizam a Pedagogia Waldorf, as cores escolhidas para as paredes das salas de aula são por norma o amarelo ou laranja (suaves), pois estas tonalidades solares estimulam a alegria e a energia das crianças. As salas de repouso adotam o verde ou o azul (suaves também), pois estes tons estimulam o descanso.

Mas a escolha da cor não se fica pelo ambiente, é preciso os educadores adotarem práticas estimulantes e promoverem jogos e brincadeiras com cor e para isso a arte desempenha um papel fundamental. Arte como disciplina autónoma e Arte como mediadora de todas as áreas de conteúdo adequadas a cada fase de desenvolvimento da criança. Desde cedo, a aguarela é apresentada às crianças, que sobre papel húmido exploram esta técnica. A aguarela transmite à criança um sentimento de espaço e ar,

que com outro material é difícil obter, por ser difícil fazer misturas e alcançar nuances mais refinadas.

Steiner fazendo referência aos diferentes temperamentos refere que:

uma criança nervosa e irrequieta e outra letárgica e fleumática devem receber tratamentos diferentes, a começar pelo ambiente em que vivem. A esse respeito tudo é importante, desde as cores do quarto e dos objetos que normalmente rodeiam a criança até as cores da roupa com as quais ela é vestida (2012, p.30).

Ao contrário do que o senso comum nos dita, de acordo com a pedagogia Waldorf «uma criança excitada deve ser rodeada e vestida de cores amarelas e vermelhas; no caso de uma criança impassível convém recorrer a tonalidades azuis e esverdeadas», pois o que importa é a cor complementar produzida, no caso do vermelho, será a cor verde; no do azul, a alaranjada, ou seja, se proporcionarmos um ambiente onde prevaleça o vermelho a uma criança de temperamento irrequieto, é produzida a cor complementar verde, e esta cor terá efeitos calmantes.

1.2.3. A Imagem, os Materiais e os Estereótipos

Nós somos o resultado de um largo somatório de contos que mais não são do que conjuntos de histórias reais que formaram e formam parte da nossa vida. (...) A intensidade e a qualidade das experiências de aprendizagem que vivi nesse passado que circunscreveu a minha infância, é diretamente proporcional à dimensão vocacional da profissão que elegemos (Charréu, 2018, p.145).

Segundo Cunha (2021, p.3), «atualmente, no campo da arte, qualquer material é considerado como veículos para configurar ideias e, nas escolas, perduram os materiais tradicionais.» O que são considerados hoje materiais de arte e como a escola entende os materiais de arte? São duas questões que a autora coloca no seu artigo e que são pontos de partida para várias reflexões. Segundo a autora, a escola ainda não compreendeu a necessidade de trazer novos materiais para a sala de aula de modo a permitir que as crianças ampliem os seus processos de criação. Ainda se verifica uma grande diferença entre o que a arte considera como materiais e os materiais que a escola utiliza nas suas propostas de arte. É cada vez mais frequente vermos artistas

contemporâneos a utilizarem nas suas obras os mais diversificados materiais, materiais que não constam das listas escolares, mas que fazem parte do nosso universo diário, do nosso quotidiano. A autora diz-nos que os materiais na Arte são “veículos” para formulação de ideias o artista utiliza um material e atribui-lhe qualquer significado, um objeto que serve um determinado propósito na obra de um artista ganha outro sentido. As crianças também se apropriam dos objetos/materiais e lhes atribuem outros significados juntando-os e combinando-os entre si. A autora defende que embora seja importante os materiais estarem ao dispor das crianças para elas fazerem uso, é fundamental as crianças serem desafiadas a explorá-los segundo todas as suas potencialidades. Os materiais devem estar disponíveis com o propósito de os explorarem, experimentarem e criarem.

Cunha no seu artigo Cenários da Educação Infantil (2005) reflete sobre a constante presença de imagens nos jardins de infância e questiona o seu carácter pedagógico no desenvolvimento das crianças. Pessoalmente, lembro-me, desta realidade de há cerca de vinte anos como estagiária, logo não é uma realidade apenas brasileira, mas universal, mudando apenas as personagens, no entanto, esta “moda” veio caindo em desuso e hoje arrisco-me a dizer que já não faz parte da maioria das salas de jardim de infância. No jardim de infância Waldorf estes cenários não têm e nunca tiveram lugar.

A autora defende a concepção de que a visualidade é mediada pela cultura, isto é, a forma como vemos o mundo é influenciada pela cultura em que estamos inseridos. Assim, focamos o nosso olhar, atribuindo significados ao mundo visual, para aquilo que faz sentido dentro de nossas vivências culturais. Estas imagens são geralmente imagens de personagens televisivas ou de histórias infantis. A questão que se põe é a de que, uma vez que verificamos um excesso de imagens nestes contextos educativos, como é que estamos a lidar com este facto? Se a maioria dos educadores considerava a adoção destas imagens uma mais valia, outros não as achariam significativas para a criança, no entanto, este assunto parece ter sido algo pouco aberto a questionamentos. Neste artigo, a autora cita Pécora (1988, 304) que, no seu livro O Olhar, analisa os sermões do Padre António Vieira do século XVII onde encontra registos sobre o uso intencional das imagens para atrair fiéis: «As palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos» (2005, p.169). Esta ideia de que a imagem vale mais do que mil palavras, permanece até hoje e os media fazem uso deste facto. Durante esses anos as imagens eram usadas na Educação com diversos objetivos, tais

como definir comportamentos, controlar, cuidar ou até para definição de gênero. As imagens eram utilizadas como instrumento pedagógico que pela sua repetição e semelhança associavam a criança a determinada imagem. A maior parte das vezes a adoção de imagens institui práticas culturais, e as mensagens que transmitem são muitas vezes “visíveis”, mas também “invisíveis”, menos explícitas, mas que são aceitas e interiorizadas pela criança, criando uma realidade e moldando o seu imaginário. Esta escolha de imagens é uma necessidade e imposição do adulto.

Apesar desta realidade, estar cada vez mais afastada das paredes dos nossos jardins de infância, onde é frequente vermos as próprias produções das crianças, ela continua a entrar nas escolas, porque vivemos numa cultura que considera profundamente as imagens, elas entram nas nossas vidas e na das crianças sem nos apercebermos dos efeitos que têm. Hoje, presenciamos uma infundável indústria de merchandising – objetos, livros, brinquedos, peças de roupa, filmes, etc. – que inevitavelmente exercem funções pedagógicas no desenvolvimento independentemente dos contextos económicos, sociais e culturais.

As imagens mostram-nos o mundo, influenciam o nosso modo de o ver, compreender e senti-lo, o contexto temporal e espacial em que são apresentados determinam os significados construídos. Segundo Cunha (2005, p.29) todos os tipos de imagens, sejam elas fotografia, filme, televisão, pintura, escultura, oferecem visões sobre o mundo, traduzem o mundo em termos visuais, no entanto, estas imagens não são as janelas transparentes do mundo; elas interpretam o mundo, mostram modos próprios de vermos, «editam um modo de olharmos o mundo».

As imagens com que a criança se depara irão influenciar o seu gosto e caracterizar o grupo onde está inserida, neste campo também as obras de arte formatam visões do mundo cheias de significados, evidenciando estereótipos de classe, étnicos e de gênero. A autora refere que «pertencer a um grupo social/cultural significa atribuir sentido às mesmas coisas, utilizar e aceitar códigos culturais semelhantes» (2005, p.36). A quantidade e qualidade de imagens a que estamos expostos pré-definem comportamentos, hábitos, valores, gostos, modos de ver e de pensar. A escola tem um papel fundamental fomentando o olhar crítico e sensível com que cada criança olha o mundo. O diálogo aberto e construtivo com as crianças será importante, na medida em que permite uma maior reflexão e consciência da importância do erro para a aprendizagem.

Os estereótipos relacionados à arte são percepções simplificadas e generalizadas de pessoas, grupos étnicos, culturas ou ideias. Embora possam ser baseados em algumas observações ou características comuns, eles tendem a ser redutores. É importante ressaltar, que a arte pode ser uma ferramenta poderosa de questionar e desafiar estereótipos, bem como de promover a representação diversa e inclusiva. No entanto, também pode ser uma área em que os estereótipos são perpetuados ou explorados de maneira problemática. Neste sentido, a conscientização sobre esta questão na Educação Artística é fundamental, para promover uma compreensão mais justa e mais precisa da diversidade humana. A presença de modelos propostos e muito dirigidos no ensino formal, poderá influenciar a liberdade de criação e o processo artístico das crianças. É importante ressaltar que muitos artistas têm usado as suas obras para desconstruir essas representações e promover uma visão mais diversa da sociedade. No entanto, consideramos que, por vezes, os media, são veículos de transmissão de estereótipos, dado manipularem imagens e informação que chegam a cada um de nós de forma mais agressiva e transmitindo padrões de beleza pré-estabelecidos.

Enquanto educadora, motiva-me perceber como desconstruir os estereótipos na sala de aula e na escola, uma vez que constatamos que muitas vezes é o professor o responsável pelo uso destas estereotípias, desde as imagens escolhidas para a decoração nas salas, passando também pela fomentação da ideia das produções iguais e ao considerar expressão plástica como artesanato ou trabalhos manuais, pela escolha das datas comemorativas e também pelas suas próprias ideias. É frequente olharmos para as paredes onde estão expostos trabalhos que não são criação das crianças, mas sim todos iguais, baseados num modelo de imagens facilmente reproduzíveis e limitando a possibilidade de a criança desenhar de outro modo. Nestes casos, o educador desvaloriza a capacidade das suas crianças e valoriza a cópia, a técnica e o bonito e torna qualquer proposta num exercício mecânico e desprovido de sentido.

Segundo Mizieski e Feldhaus (2016) os estereótipos surgem de várias formas, fazem parte do nosso quotidiano e a sua desconstrução é um processo lento e de longo prazo. Estes são moldes, modelos ou cópias considerados corretos, os melhores e os mais bonitos e reduzem diretamente e/ou indiretamente as capacidades de criação das crianças.

Maria Acaso, numa das suas obras mais notáveis *La educación artística no son manualidades* (2014) desafia a visão tradicional e por vezes limitada da educação artística, que muitas vezes é reduzida a atividades manuais ou decorativas e propõe

uma visão renovada e mais significativa. A autora argumenta que essa abordagem superficial não promove um verdadeiro entendimento da arte ou da criatividade. Defende que a educação artística deve ser um processo crítico e reflexivo que envolva a análise, a interpretação e a criação de arte de maneira significativa e acredita que as crianças devem ser incentivadas a pensar criticamente sobre a arte e seu papel na sociedade e sugere que a educação artística deve ser integrada com outras disciplinas, promovendo uma abordagem interdisciplinar que enriqueça a compreensão das crianças sobre o mundo e a cultura. Maria Acaso enfatiza a importância de desenvolver o pensamento criativo e a capacidade de inovação das crianças e acredita que a educação artística deve proporcionar ferramentas para que os alunos possam expressar as suas ideias e emoções de forma original e autêntica. A autora também defende que a educação artística deve ser relevante para os contextos sociais e culturais das crianças. Isto significa abordar temas contemporâneos e questões que têm impacto real na vida dos estudantes, tornando a arte uma forma de envolvimento e comprometimento social. Em suma, a autora promove uma visão mais ampla e profunda da arte na educação, indo além das atividades manuais e propondo um ensino que englobe uma prática crítica e reflexiva da arte.

Na pedagogia Waldorf as manualidades têm um papel importante e são integradas de maneira significativa no currículo. Essas atividades não são vistas apenas como trabalhos manuais ou decorativos, mas como uma parte essencial do desenvolvimento integral da criança.

Steiner (2013) defende que as atividades manuais, como tricô, crochê, costura, tecelagem ou trabalho em madeira ajudam a desenvolver a coordenação motora (fina e grossa) e também promovem habilidades cognitivas, como a concentração, planejamento e resolução de problemas. O trabalho com as mãos ajuda a desenvolver a paciência, a perseverança e a autoestima, pois as crianças veem o resultado concreto do seu esforço e muitas destas atividades são feitas em grupo, promovendo a cooperação e o trabalho em equipa. Na pedagogia Waldorf as manualidades estão frequentemente associadas aos ciclos naturais e às estações do ano.

O currículo Waldorf defende que as manualidades oferecem uma oportunidade para que as crianças expressem a sua criatividade e individualidade, pois elas são incentivadas a criar e a experimentar diferentes materiais e técnicas, o que nutre a sua imaginação. Estas atividades estão integradas com outras disciplinas, por exemplo, o tricô pode estar relacionado com a matemática (contagem de pontos) e a modelagem pode ser

relacionada com a geografia ou história (formas de relevo ou criação de artefactos históricos). Na pedagogia Waldorf o foco está tanto no processo como no resultado final. Em suma, as manualidades na pedagogia Waldorf são muito mais do que simples atividades manuais. São parte integral do desenvolvimento holístico da criança e promovem habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais.

1.3 Arte, Educação Artística e Criatividade

Definir arte é algo complexo e controverso, que tem sido alvo de debate ao longo da história, por vários autores.

Para o precursor do Movimento de Educação pela Arte, Herbert Read (1893-1968), o conceito de arte deveria ser expandido, não se reduzindo à “arte erudita”, mas antes incluindo todos os modos de criação, confundindo-se com a vida:

«A arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar (...) não é apenas algo que se encontra nos museus e galerias de arte, ou em velhas cidades como Florença e Roma. A arte (...) está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos.» (Read, 2022[1943], p.28)

O autor destaca ainda a importância da forma, como algo inerente à obra de arte, ou seja, a configuração que tomou. Essa configuração particular (seja um edifício, uma estátua, um quadro ou um poema) é dada por uma pessoa em particular, a quem chamamos artista. Neste sentido, para Herbert Read (2022 [1943], p.29), um artista «é não só um homem que pinta quadros, mas igualmente um homem que faz música, poesia, ou móveis – até mesmo sapatos e vestidos».

Santos (2006), afirma que a arte é um bem mundial, considerado património cultural da humanidade, pois através de diversas formas de expressão (plástica, musical, dramática, literária) o ser humano regista a sua “história” ao longo dos tempos, caracterizando, através destas representações, a sociedade.

Damásio (2010, p.363) considera que «a arte está ligada à biologia e ao ser humano, na medida em que nos eleva ao mais alto nível de pensamento e sentimento (...) as artes tornaram-se numa via para o refinamento homeostático, que os seres humanos acabam por idealizar e ansiaram por alcançar, o equivalente biológico de uma dimensão espiritual nas questões humanas».

É importante realçar que a definição de arte pode variar de acordo com as perspetivas de cada um e os contextos em que é discutida. O debate sobre o que constitui arte,

continua no tempo presente à medida que novas formas de expressão artística desafiam as definições estabelecidas tornando o conceito de arte algo dinâmico e em constante mudança.

O Roteiro para a Educação Artística da UNESCO (2006) estabelece orientações com o propósito de valorizar e estimular a integração da educação artística nos sistemas educativos e na escola.

Tal como refere Rodrigues (2002, p.118), «a Educação Artística nas escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções» (Rodrigues, 2002, p.14), contribuindo para a «autenticidade da expressão... desbloquear a criatividade, contrariando a massificação da imagem ou o estereótipo».

A arte precisa de ser desenvolvida na infância, de modo a despertar a capacidade criadora que existe em cada uma das crianças e a sua sensibilidade, tornando-as criativas e dinâmicas, curiosas e imaginativas, qualidades estas que a Pedagogia Waldorf valoriza no sujeito e pretende desenvolver na infância.

Reconhecendo que as artes têm um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, possibilitando a sua formação integral como pessoas e como cidadãos, torna-se fundamental a sua promoção como uma necessidade no processo educativo. Considerando a definição de Herbert Read (2022[1943], p.28), assim como o entendimento da arte por autores contemporâneos, como Duncum (2003), Kerry Freedman (2003) e Rosa Iavelberg (2006), a arte faz parte das nossas vidas. Por conseguinte, o desenvolvimento artístico depende das vivências culturais a que somos expostos desde o nascimento. Na educação de infância, as experiências artísticas são fundamentais para que as crianças desenvolvam as suas habilidades natas, construam conhecimento e se desenvolvam em termos físicos e afetivos e também espirituais, de acordo com a Pedagogia Waldorf.

Estes autores reconhecidos na área da educação artística, especialmente pelo seu trabalho sobre cultura visual, vêm questionar como as imagens e os meios de comunicação visual impactam a sociedade e a educação, defendendo a importância de ensinar as crianças a interpretar criticamente as imagens que encontram no quotidiano, dada a influência crescente dos recursos visuais na cultura contemporânea. A educação artística pode ajudar as crianças a entender e a criticar a cultura visual que os rodeia.

Por conseguinte, estes autores enfatizam a relevância da arte na formação integral dos indivíduos e a importância de ensinar as crianças a interpretar imagens, dada a sua

crescente presença e influência na sociedade contemporânea. Assim consideram essenciais abordagens que valorizem a expressão criativa das crianças e a integração da arte no currículo escolar como forma de promover o desenvolvimento crítico e sensível.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) preconizam uma abordagem integrada e globalizante das diferentes áreas de aprendizagem, entre as quais se destaca o domínio da Educação Artística, como uma forma, tanto de apropriação e reflexão sobre o mundo, como de interpretação e comunicação da/s realidade/s com que a criança convive e ainda de experimentação e criação, em resposta/s a essas mesmas realidades, pronunciando-se e agindo assim, através das artes, perante o que acontece. Proporcionar à criança experiências no domínio das artes visuais (como animação, banda desenhada, ilustração, pintura, escultura, fotografia, entre outras) em diferentes contextos, tais como museus, galerias, monumentos, centros culturais e no seio das próprias comunidades, potencia a sua capacidade de criar, de compreender o mundo e integrar-se na/s cultura/s a que pertence.

É importante explorar as artes desde cedo, envolvendo as crianças e colocando-as em contato com obras e artistas, respeitando as suas livres manifestações e produções, apresentando materiais e técnicas diversificadas para as suas criações. As artes devem ser vividas na escola e fora dela, em ambientes não formais, tal como museus e a própria rua, onde podem ser observadas e experienciadas obras de arte urbana e outdoors, entre outros produtos visuais a serem interpretados e refletidos, como as fachadas típicas das casas (arte tradicional) ou a própria natureza, articulando elementos visuais e científicos. Neste contexto, é fundamental trabalhar as artes de forma interdisciplinar, tendo em conta o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo em que as crianças se encontram. Planear atividades artísticas, tanto dentro, como fora das escolas, remete-nos para várias dimensões, surge-nos como uma forma de socialização, torna as crianças capazes de interagir e respeitar o pensamento do/s outro/s e descobrir novas formas de comunicação entre o eu e o/s mundo/s. É indiscutível a contribuição que as artes trazem no desenvolvimento das crianças, uma vez que o sujeito aprende com a interação com o/s outro/s e com o/s meio/s.

Promover as artes na educação de infância é possibilitar experiências variadas e proporcionar liberdade às crianças. No entanto, é igualmente fundamental estar atento às reações das crianças durante as atividades, observando o processo, explorando os potenciais de criação e estimulando o desenvolvimento artístico, para que as artes

venham a contribuir efetivamente para aprendizagens significativas, o que requer práticas pedagógicas com alguma estrutura e intencionalidade, o que pode variar consoante as situações e os contextos. A expressão artística permite a natural articulação entre a dimensão cognitiva e a dimensão afetiva (na verdade, interdependentes) e, sobretudo quando se trata de crianças pequenas, essa expressão é facilitada pela espontaneidade, embora esta seja sempre algo condicionada pelo enquadramento cultural e social das crianças.

É essencial termos presente o lúdico, o brincar é essencial para o desenvolvimento integral da criança, tornando-se um direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos da Criança, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1959. Segundo Garvey (1992) Brincar, é um fenómeno natural e comum na infância, essencial para que a criança aprenda a conhecer-se, a conhecer o outro e o mundo que a rodeia, ou seja, o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, abarcando várias dimensões importantes como o desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional; linguagem e comunicação; criatividade e imaginação. Todos estes aspetos ressaltam a importância de proporcionar às crianças tempo e espaço para brincar em ambientes seguros e estimulantes, e desta forma comunicarem através das diferentes linguagens artísticas.

Betti (2020, p.22) volta a citar Ferraz e Fusari (1999, p.109) ao afirmar que o fazer artístico deve ser associado a atividades lúdicas, pois, «experienciando ludicamente a observação e o contato com as formas e diversos materiais artísticos as crianças se expressam, ao mesmo tempo em que desenvolvem suas potencialidades estéticas».

É necessário encarar a arte como uma forma de linguagem e expressão, a ser valorizada e incentivada, pois constitui em si um processo cognitivo, pelo que, não só pode proporcionar experiências e aprendizagens significativas, como favorece a disponibilidade para aprender. Através das artes a criança consegue libertar-se do que a inibe, torna-se mais confiante e desenvolve a imaginação e a criatividade, processos complexos, que podem ser trabalhados de modo simultaneamente lúdico e profundo. Por conseguinte, as artes devem fazer parte da estruturação das atividades, estar presente nas experiências propostas, com o propósito de favorecer aprendizagens significativas.

No seio da Pedagogia Waldorf e de outros movimentos assentes na autoaprendizagem e/ou promotores da livre-expressão, as vantagens de apresentar obras de arte às

crianças são questionadas, com o argumento de podermos estar a condicionar a sua criatividade e a favorecer a replicação de estereótipos.

Porém, de acordo com alguns autores da educação pela cultura visual (Duncum, 2003; Freedman, 2003; Iavelberg, 2006), ao lermos imagens com as crianças estamos a prepará-las para lerem as imagens que as rodeiam no seu ambiente, desenvolvendo uma dimensão analítica e crítica, por oposição à passividade. A compreensão genuína das crianças sem influência da imagem não existe. Como nos diz Ana Mae Barbosa (2005), a arte e a imagem fazem parte da vida de todos, daí a importância de pensar no modo como abordá-las junto das crianças. A obra de arte e a imagem só são uma má escolha, quando o adulto impõe a sua cópia às crianças, de outra forma são janelas que potenciam o conhecimento e a aprendizagem.

É indiscutível a contribuição das artes nos processos de ensino e aprendizagem das crianças, estimulando-as e incentivando-as a pensar, a sentir e a expressar-se, favorecendo os seus processos cognitivos e criativos. Tal como referem Gloton e Clero (1997, p.25) «todo o esforço autêntico de criação é interior», pelo que será importante promover nas crianças, desde cedo, a liberdade de pensar, de participação ativa, proporcionando-lhes experiências desde pequenas que as inspirem a expressar-se. Godinho e Brito (2010) acrescentam ainda que num primeiro momento a relação da criança com a arte centra-se unicamente em aspetos sensoriais e manipulativos. Desta forma, é na infância que se começa a construir o valor estético e a compreender o mundo em que se vive, tornando-se essencial a promoção de atividades artísticas, que ajudem a organizar, na criança, as suas experiências e a articular o saber, o agir, o pensar e o sentir.

Munari (1981) considera que a criatividade nasce das relações que o pensamento estabelece entre aquilo que conhece. É evidente que não pode estabelecer relações entre coisas que não conhece, nem tão-pouco entre o que conhece e o que desconhece. Se quisermos que a criança se torne uma pessoa criativa, dotada de uma fantasia desenvolvida e não sufocada (como a de muito adultos), devemos fazer com que ela interiorize o maior número de dados possível, para lhe permitir que estabeleça o máximo de relações possível, tornando-a apta a resolver problemas sempre que estes se apresentem.

Segundo as OCEPE, no domínio de Educação Artística, a intencionalidade do educador é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, devendo este,

proporcionar contato com diversas manifestações artísticas, de modo a alargar e enriquecer o seu sentido estético e a incentivar o seu espírito crítico.

A criatividade tem o valor que cada sociedade em determinado tempo lhe dá. Na sociedade atual, onde o desenvolvimento é contínuo e a tecnologia está em constante evolução, a criatividade é fundamental.

As relações entre fantasia, invenção, criatividade e imaginação perduram no tempo. Porém, embora facilmente confundíveis, é necessário distingui-las. Para Munari (1981) estes conceitos estão inter-relacionados, ele define fantasia como tudo o que anteriormente existia, ainda que irrealizável, ou seja, é a capacidade de pensar em coisas que não existem; invenção, como tudo o que anteriormente não existia, mas exclusivamente prático e sem problemas estéticos, ou seja, é a aplicação prática da fantasia, é o processo de criar algo novo que pode ter uma utilidade prática; criatividade, como tudo o que anteriormente não existia, mas é realizável de uma forma essencial e global, ou seja, é a capacidade de gerar novas ideias, combinando elementos conhecidos de diversas maneiras, resultando, por vezes, em soluções para problemas; imaginação, como algo que “vê”, ou seja, a capacidade de visualizar mentalmente objetos ou situações que não estão presentes, a imaginação está presente tanto na fantasia como na criatividade, pois permite experimentar ideias antes de realizá-las. Enquanto a fantasia, a invenção e a imaginação pensam, a criatividade envolve dois processos: pensar e “produzir”. Se tivermos ideias, mas não as pusermos em prática, somos imaginativos e não criativos.

Segundo Mendes (2015, p.60), a criatividade é «um conjunto de disposições internas que permite ao sujeito, perante um estímulo chegar a associações diferentes das habituais. (...) é uma capacidade adaptativa, inata, existente em todo o ser humano, em maior ou menor grau». Por se tratar de uma capacidade, poderá ser desenvolvida, encontrando-se, hoje, longe do mito que a considerava como algo divino que contemplava apenas alguns “bafejados pela sorte”. A autora aponta quatro dimensões para o seu aprofundamento: a pessoa, o processo, o produto e o meio. É sobre esta última dimensão que iremos refletir, pois o meio está diretamente relacionado com a pessoa e favorecerá ou não as condições para o seu desenvolvimento. O meio atua sobre os hábitos, os valores, a educação e, conseqüentemente, a criatividade, que poderá ou não ser fomentada pelos diferentes agentes educativos (família, escola, meio sociocultural). Para Mendes (2021, p.25) «os fatores ambientais, “contexto cultural”, desempenham um papel sobre a criatividade na medida em que agem sobre a concepção

e o nível de atividade criativa, pois, uma cultura pode encorajar ou contrariar a criatividade dos indivíduos.» À semelhança de Mendes (2021), Burgo (2021, p.32) também defende que «o estudo da criatividade (...) deve ser integrado de forma abrangente nos currículos em todos os graus de Ensino» permitindo transformar o meio, convertendo-o num lugar melhor.

Podemos, então, concluir que a educação ocupa um lugar essencial na promoção da criatividade, devendo incluir-se nos programas educativos métodos e estratégias para treinar as aptidões compreendidas pela criatividade, tais como perseverança, individualismo, tolerância e curiosidade, entre outras. Sendo uma capacidade complexa e transversal a todos os campos do conhecimento humano, revela-se fundamental o seu estudo ser integrado nos currículos ao longo de toda a escolaridade. Desta forma, contribuir-se-á para o desenvolvimento do pensamento criativo, essencial em todas as áreas curriculares.

Todd Lubart (2007) defende que a criatividade envolve a produção de ideias ou produtos que são tanto novos quanto apropriados a um determinado contexto. Lubart propõe que a criatividade não é apenas sobre originalidade, mas também sobre a adequação e a eficácia das ideias. O autor defende a ideia de que a criatividade pode ser desenvolvida e estimulada através de práticas educacionais e ambientes que incentivem a experimentação e a livre expressão. A criatividade deve ainda ser encarada como um fenómeno multifacetado que pode ser influenciado por fatores individuais, como a personalidade, e fatores ambientais como a cultura e o contexto social. Damásio (2011) sugere a criatividade como uma capacidade adaptativa, tal como a inteligência. Sir Ken Robinson (2006) considera a criatividade como um processo (não aleatório) de ter ideias originais que têm valor.” Colocando a questão, “Será que as escolas matam a criatividade?”

Esta questão torna-se inquietante uma vez que a criatividade é considerada essencial no desenvolvimento do indivíduo, da cultura e da sociedade. Logo, a educação deveria considerá-la como uma dimensão essencial do currículo. Neste sentido, parece imperativo refletir sobre a criatividade na educação. A criatividade enquanto capacidade de criar é inata, mas pode ser potenciada ou inibida. saber como potenciar a criatividade nas crianças em idade pré-escolar, partindo do pressuposto de que, ao contatar com práticas criativas, a criança tornar-se-á mais crítica e capaz de enfrentar desafios, é essencial. Potenciar características como a perseverança e a abertura a novas experiências em contexto escolar, como criar um ambiente estimulante, livre, onde seja

permitido falhar de modo a potenciar aptidões criativas. Neste sentido, interessa-nos saber de que forma a criatividade é potenciada nas salas de Jardim de Infância Waldorf e de que forma a expressão plástica é um meio de a potenciar.

As crianças em idade pré-escolar (3 aos 6 anos), encontram-se numa fase de exploração, interesse e descoberta pelo mundo que as rodeia, é por isso fundamental proporcionar situações de aprendizagem significativas, tempo e espaço para que a criança pense, elabore hipótese, partilhe as suas ideias, sem medo de errar e onde a criança encare a falha como uma nova oportunidade.

Nas Orientações Curriculares para a Educação de Infância (2016), é referida a importância do ambiente educativo em todo este processo, dado que este é o suporte curricular do educador. A organização do espaço e dos materiais poderá condicionar as oportunidades de exploração e criação das crianças. Também a questão do diálogo aberto e construtivo com as crianças será importante, na medida em que permite uma maior reflexão e consciência da importância do erro para a aprendizagem. A criança ao participar ativamente no seu processo de aprendizagem vai desenvolvendo um conjunto de saberes e experiências que lhe permitirão desenvolver a autonomia e também a criatividade. Uma das formas para as crianças expressarem a sua criatividade é através das artes plásticas, «o desenvolvimento da criatividade e do sentido estético e o contato com diferentes formas de cultura não fazem apenas parte deste domínio [Domínio da Educação Artística], mas deverão estar presentes em todo o desenvolvimento do currículo». OCEPE (2016, p.48)

Em suma, é fundamental proporcionar às crianças momentos de aprendizagem ricos e diversificados, tendo em conta os seus interesses, necessidades e potencialidades, contribuindo assim para o seu desenvolvimento integral. A criatividade pode ser estimulada de diversas formas, através de propostas variadas ou de atividades em que as crianças se desafiem. Enquanto educadores deveremos proporcionar o tempo e o espaço que cada criança necessita, apresentando uma atitude positiva de incentivo e confiança nas capacidades de cada uma.

A pedagogia Waldorf incentiva e encoraja a criatividade, nutre a imaginação (muito incentivada pela leitura de contos e lendas) e conduz as crianças a um pensamento livre e autónomo. Procura-se que as aulas sejam um preparo para a vida e desenvolvam as qualidades necessárias para que os jovens cresçam a saber lidar com as constantes e rápidas mudanças da sociedade, com criatividade, flexibilidade, responsabilidade e capacidade de questionamento. A imaginação e a criatividade são permanentemente

estimuladas através dos contos, das canções, da expressão plástica, mas também através da brincadeira e do contato diário com a natureza. Estimulando a brincadeira ao ar livre com árvores, plantas, paus, troncos e pedras ou utilizando materiais naturais como conchas, cortiça, pinhas e tecidos, estes objetos assumirão várias finalidades em função da imaginação de modo a que a brincadeira faça sentido.

A educadora que colaborou neste estudo, quando nos fala da sua experiência, descreve-nos uma situação que mostra precisamente isto: “Estavam a criança L. e a criança M. a brincar com as grandes caixas de madeira que existem na sala. Dentro da caixa maior a L. junta panos azuis (vários tons), panos lilases e panos verdes e diz para a M: “Anda a dar um mergulho na piscina!”.

Quando, naturalmente, para as crianças uma piscina tem estas cores todas e não só azul, é um sinal que a criatividade e o sentido estético são vividos. Não é uma conversa teórica do adulto para as crianças, não são conceitos abstratos, mas sim fazem parte do mundo da criança. Esse estímulo, acredito é todo um conjunto de fatores importantes; a postura da educadora, os materiais e a liberdade vivida pela criança com esses mesmos materiais.

«Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas» (Fróis (e outros), 2000, p. 201). Henriques (2017, p.147) defende que «A imaginação e a criatividade são estimuladas de uma forma serena, em sintonia com os ritmos biológicos de cada um».

Segundo estes autores «as artes podem ser objeto de interesse ao longo da vida escolar com implicações futuras na vida adulta», mas dificilmente assimilamos o que não compreendemos daí ser determinante a forma como se aprende. A compreensão das artes visuais e o desenvolvimento estético faz-se através do contato direto com a obra de arte, partindo de processos de interpretação, análise e categorização, que podem ser realizados em diferentes contextos, desde museus a escolas. Nas escolas o contato com obras de arte é raro e as artes visuais desenvolvem-se apenas através de atividades de manipulação e exploração de materiais.

lavelberg (2006) refere que a criança que cria através da imaginação, à medida que vai crescendo vai ouvindo críticas desconstrutivas e sem sentido o que a leva a perder a confiança nela própria e no mundo imaginário por ela criado, onde tudo é possível, tornando-se um jovem inseguro que passa a considerar os seus desenhos fracos e

perde a vontade de tentar por ter medo de errar. A criança ao desenhar além do conhecimento de si mesma, ganha compreensão do mundo. «Aprende a ver e a executar o que vê» (2006, p.24), sofrendo influências da cultura, da época, do meio social em que vive. O desenho como linguagem da criança desenvolver-se-á dependendo das suas experiências, aprendizagens positivas levarão à evolução do desenho da criança, por outro lado experiências de aprendizagem negativas levarão ao bloqueio. O educador deve estar ciente que as suas manifestações e intervenções levarão ao desenvolvimento ou bloqueio criativo. Uma criança que afirme que não sabe desenhar, leva-nos a perceber que em alguma altura da sua vida o ouviu dizer ou o sentiu de alguma forma.

Fernando Hernández (2000) (citado por Lavelberg 2006, p.31) defende que o ensino de arte não deve restringir-se a obras de arte, mas incluir toda a cultura visual (objetos de arte, objetos do quotidiano, imagens mediáticas), ou seja, as tecnologias (velhas e novas), a aprendizagem colaborativa, os projetos de trabalho, as experiências de socialização deverão estar a par com o ensino da arte. Neste sentido, para o autor, os objetivos educacionais da cultura visual resumem-se a três pontos: «favorecer o conhecimento para a compreensão do mundo; favorecer o desenvolvimento físico; e favorecer o desenvolvimento criativo» (Lavelberg, 2006, p.31).

Freedman (2003, citado por Lavelberg, 2006, p.34) afirma que «a educação em artes visuais ocorre no campo da cultura visual, dentro e fora da escola, em todos os ciclos de escolaridade», é a partir das nossas experiências, das nossas vivências, que formamos o nosso pensamento sobre o mundo e ficamos permeáveis a novos conhecimentos

Como Lavelberg (2004) refere, e pude constatar ao longo da minha experiência e das minhas observações, a criança em idade pré-escolar desenha com vigor, concentrada e experimenta materiais sem hesitar. Os hábitos, a cultura, a região, e as imagens que cada criança tem acesso marca a sua ideia sobre o que é o desenho e para que serve. Hoje a educação de infância visa o desenvolvimento pleno da criança, com objetivos, conteúdos e finalidades que não se limitam à preparação para o primeiro ciclo. A autora apresenta-nos o conceito de desenho cultivado, conceito que individualiza cada construção em vez de considerar um único modelo de desenho infantil.

2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

| | " | | " |

2.1 Problemática em Estudo e Definição do Problema

A este capítulo está subjacente o enquadramento metodológico alusivo à investigação realizada, prestando atenção a técnicas e metodologias de recolha e tratamento de informação.

Dentro do tema relativo às Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf procurámos aprofundar o Papel das Artes Plásticas com Crianças do Pré-Escolar nesta Pedagogia, partindo da definição do seguinte problema: Que contributos advêm das artes plásticas, integradas na abordagem Waldorf, ao nível da comunicação, motricidade, autonomia e socialização (relação consigo e com o outro).

2.1.1. Objetivos da Investigação e Questões Orientadoras

Para a elaboração desta investigação, a escolha de um fio condutor que permitisse executar e aprofundar determinados aspetos relacionados com a Educação Artística, mais especificamente as artes plásticas e a sua influência no contexto de pré-escolar num jardim de infância Waldorf, formou o conjunto de objetivos que pretendiam ser respondidos ao longo do seu desenvolvimento.

Assim, foram definidos os seguintes objetivos de forma a conduzir e discutir a pertinência desta investigação:

- Aprofundar os fundamentos teóricos sobre o desenvolvimento do ser humano na perspetiva Waldorf;
- Compreender o papel desempenhado pela prática das artes plásticas no desenvolvimento das seguintes competências: comunicacionais, relacionais, autonomia e cooperação;
- Observar as práticas plásticas em contexto de jardim de infância waldorf;
- Analisar os materiais utilizados e os objetos produzidos;
- Verificar de que modo as propostas plásticas surgem a partir dos interesses das crianças e vão ao encontro dos seus interesses;
- Observar a instrumentalização das artes plásticas em função dos momentos festivos;
- Observar de que forma as artes plásticas proporcionam partilha entre o jardim de infância e as famílias.

Para tal foram definidas as seguintes questões orientadoras deste estudo:

- Como se estabelece a relação entre as artes plásticas e a Pedagogia Waldorf?
- Como se integram as artes plásticas numa sala de jardim de infância waldorf?
- De que forma desenvolve a criança a sua expressão artística neste context?

- De que forma as artes plásticas contribuem para o desenvolvimento da criança?

2.2. Natureza e Desenho do Estudo - Participantes

A presente investigação enquadra-se num paradigma Interpretativo. A metodologia utilizada é de cariz qualitativo, pois partimos de um objeto de estudo em que se pretende clarificar as «intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo» e não os comportamentos (Coutinho, 2023, p.28). Baseia-se no método indutivo, uma vez que o investigador observa a intenção, o propósito da ação e esforça-se por entendê-la. Ao longo desta investigação, procurou-se não generalizar, mas sim particularizar, partindo dos dados observados, numa situação concreta.

Como forma de recolher os dados no contexto estudado, a técnica utilizada foi a observação (direta e a indireta). Na observação procedemos diretamente à recolha das informações sem qualquer intervenção, registando posteriormente a informação recolhida através das notas de campo, gravações áudio, fotografias, a análise de objetos visuais (trabalhos das crianças). Na observação indireta, os instrumentos de observação utilizados foram o guião de entrevista (tabelas 1 a 4), recorrendo-se à entrevista semi estruturada (também conhecida como semidiretiva ou semidirigida) conduzida por telefone ou videochamada aos pais, e implementada presencialmente com a educadora, a professora de artes Waldorf, ainda a realização de um *focus group*, em dois momentos distintos, em que participaram seis crianças de cinco e seis anos, sendo colocadas uma série de perguntas pré-determinadas.

Apesar de, inicialmente ter sido prevista a observação não participada, pretendendo-se observar “de fora”, a pedido da educadora interveniente, a investigadora tornou-se participante nas práticas observadas, participando na vida coletiva do grupo e nas dinâmicas propostas em sala. Procurou-se, então, tal como sugerido por Quivy (1998, p. 197) estudar “os seus modos de vida, de dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbá-los o menos possível.”

Eventualmente, por se tratar de um grupo de crianças, a investigadora não sentiu qualquer dificuldade em ser aceite. No entanto, surgiu como limite condicionante a questão do registo, pois o investigador não deve confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos e foi-lhe pedido para não tomar notas no momento, então,

apresentou-se como única solução transcrever os comportamentos observados imediatamente após a observação, o que se tornou uma tarefa complexa.

Tabela 1: Guião de entrevista – Crianças.

Blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de questões	notas
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista Motivar os entrevistados	. Identificar o entrevistador; . Informar sobre o estudo em curso e o objetivo da entrevista; . Solicitar a colaboração; . Garantir o anonimato e a confidencialidade das informações.	Responder de um modo claro e preciso às perguntas dos entrevistados.
Escola	Caraterizar o jardim de infância. Reconhecer a relação entre a criança e o J.I.;	. Perguntar se gostam da escola; . Perguntar o que mais gostam na escola	
Brincar / Artes Visuais	Conhecer os interesses do grupo de crianças. Aferir os seus conhecimentos acerca de arte.	. Perguntar quais as atividades plásticas que desenvolvem na sala; . Perguntar acerca do interesse manifestado no desenvolvimento das mesmas.	
Família	Conhecer a relação da família com a arte; Perceber a importância atribuída pela família às artes visuais no desenvolvimento e aquisição de competências da criança.	. Perguntar acerca das experiências artísticas; . Perguntar quais os recursos visuais disponíveis e utilizados em família.	Pedir exemplos de atividades realizadas.
Agradecimento	Agradecer a colaboração na realização do trabalho.	. Perguntar se, para além das questões colocadas, quer dar mais alguma informação pertinente. . Agradecer a colaboração.	Dar tempo para que as questões sejam colocadas e garantir a sua resposta.

Tabela 2: Guião de entrevista – Educadora de Infância.

Blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de questões	Notas
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado	. Identificar o entrevistador; . Informar sobre o estudo em curso e o objetivo da entrevista; . Solicitar a colaboração; . Garantir o anonimato e a confidencialidade das informações.	Responder de um modo claro e preciso às perguntas do entrevistado.

Docente	Caraterizar o percurso profissional do professor	. Solicitar uma caraterização do percurso profissional.	
Formação	Conhecer a formação do entrevistado, tanto inicial como continua.	. Perguntar em que instituição realizou a sua formação inicial; . Perguntar qual as motivações na escolha da formação Waldorf e onde a realizou.	
Processo pedagógico	Conhecer o modelo pedagógico (planificação e gestão em sala de aula).	. Perguntar que importância atribui às artes plásticas no desenvolvimento e aquisição de competências das crianças; Perguntar quais os recursos visuais disponíveis e utilizados na realização das atividades plásticas;	Pedir exemplos de atividades realizadas.
Agradecimento	Agradecer a colaboração na realização do trabalho.	. Perguntar se, para além das questões colocadas, quer dar mais alguma informação pertinente. . Agradecer a colaboração.	

Tabela 3: Guião de entrevista – Educadora/atelierista.

Blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de questões	notas
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado	. Identificar o entrevistador; . Informar sobre o estudo em curso e o objetivo da entrevista; . Solicitar a colaboração; . Garantir o anonimato e a confidencialidade das informações.	Responder de um modo claro e preciso às perguntas do entrevistado.
Docente	Caraterizar o percurso profissional do professor	. Solicitar uma caraterização do percurso profissional.	
Formação	Conhecer a formação do entrevistado, tanto inicial como continua.	. Perguntar em que instituição realizou a sua formação inicial; . Perguntar qual as motivações na escolha da formação Waldorf e onde a realizou.	
Processo pedagógico	Reconhecer o papel da criança na Pedagogia Waldorf; Conhecer os principais princípios da Pedagogia Waldorf; Conhecer o modelo pedagógico (planificação e gestão em sala de aula).	. Perguntar qual o papel da criança; . Perguntar quais os princípios fundamentais a ter em conta no J.I.; . Perguntar que importância atribui às artes plásticas no desenvolvimento e aquisição de competências das crianças; . Perguntar pelo currículo e sua principal incidência; . Perguntar quais os recursos visuais disponíveis e utilizados na realização das atividades plásticas;	Pedir exemplos de atividades realizadas.

Agradecimento	Agradecer a colaboração na realização do trabalho.	. Perguntar se, para além das questões colocadas, quer dar mais alguma informação pertinente. . Agradecer a colaboração.	
---------------	--	---	--

Tabela 4: Guião de entrevista – Pais.

Blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de questões	notas
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado	. Identificar o entrevistador; . Informar sobre o estudo em curso e o objetivo da entrevista; . Solicitar a colaboração; . Garantir o anonimato e a confidencialidade das informações.	Responder de um modo claro e preciso às perguntas do entrevistado.
Pais	Caraterizar as motivações na escolha do jardim de infância.	. Perguntar quais as motivações na escolha de um Jardim de infância Waldorf;	
Processo pedagógico	Conhecer os princípios da Pedagogia Waldorf.	. Perguntar quais os princípios mais relevantes na Pedagogia Waldorf para o entrevistado;	
	Reconhecer a relação entre a criança e o J.I.; Conhecer a relação da família com a arte.	. Perguntar que importância atribui às artes plásticas no desenvolvimento e aquisição de competências da criança; . Perguntar quais os recursos visuais disponíveis e utilizados na realização das atividades plásticas;	Pedir exemplos de atividades realizadas.
Agradecimento	Agradecer a colaboração na realização do trabalho.	. Perguntar se, para além das questões colocadas, quer dar mais alguma informação pertinente. . Agradecer a colaboração.	

2.3. Estudo de caso: Jardim de Infância Waldorf

Segundo Coutinho (2023, p.335), um estudo de caso consiste em “um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o “caso””. Neste “caso” debruçamos o nosso estudo sobre um pequeno grupo de crianças do jardim de infância, que analisámos com a profundidade possível, no seu contexto natural e em colaboração com os adultos intervenientes.

As artes plásticas, em geral, e as artes plásticas na pedagogia Waldorf, foram apresentadas, previamente neste estudo, sob o ponto de vista teórico. Emergem, agora,

as questões: Como podem as artes plásticas ser integradas numa sala de jardim de infância Waldorf? Como se estabelece a relação entre as artes plásticas e a Pedagogia Waldorf? Como desenvolve a criança a sua expressão artística neste contexto?

Partindo de um estudo de caso, um Jardim de Infância Waldorf, situado na grande Lisboa, pretende-se compreender o lugar que as artes plásticas ocupam na Pedagogia Waldorf e procura-se dar a conhecer as suas práticas artísticas, nomeadamente as artes plásticas num contexto de sala de pré-escolar com crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos.

Este Jardim de Infância foi a primeira iniciativa Waldorf em Portugal, fundada em 1984, pertence a uma Associação sem fins lucrativos e comemora este ano 40 anos de existência. Possui as valências de Creche (a partir de 1 ano) e Jardim de Infância. A Creche recebe crianças dos 12 aos 36 meses, num total de dezasseis, distribuídas por dois grupos, um grupo com seis crianças entre os 12 e os 24 meses e outro com dez crianças entre os 24 e os 36 meses. O Jardim de Infância é constituído por um grupo de crianças entre os 3 e os 6 anos, num máximo de vinte e uma, este ano letivo o grupo é constituído por 19 crianças. A alimentação é ovolactovegetariana com produtos biológicos (Waldorf, 2021).

Neste Jardim de Infância privilegia-se o brincar, tanto na sala como no exterior, no entanto já encontramos algumas atividades dirigidas como o desenho com blocos de cera, a pintura em aguarela, moldelagem de cera de abelha, preparação do pão, limpeza e cuidado da sala e do jardim.

O jardim de infância funciona de segunda a sexta feira entre as 8h e as 17h, após este horário e até às 18h, as famílias que necessitarem poderão beneficiar de forma mensal ou pontual do regime de apoio à família com custos acrescidos (Waldorf, 2021).

“A tarefa do educador é adaptar as tarefas da vida diária de forma a torná-las imitáveis pela criança através do brincar... As atividades da criança no jardim de infância devem derivar diretamente da própria vida e não serem pensadas pela cultura intelectualizada do adulto” (Waldorf, 2021).

A sala de jardim de infância situa-se no piso térreo e divide-se em três espaços, uma sala ampla onde decorrem as atividades do grupo, uma casa de banho e um refeitório (sala de jantar). A sala principal é ampla, apresenta um ambiente agradável, bonito e cuidado, todos os brinquedos estão criteriosamente arrumados e organizados e têm por base materiais de origem natural, blocos, carros, animais de madeira, bonecos de pano, feltro e de lã, panos de algodão e de seda.

A organização das atividades orientadas cumpre uma rotina semanal:

Segunda feira	modelagem em cera de abelha
Terça feira	pintura com aquarela
Quarta feira	pão
Quinta feira	desenho com blocos de cera
Sexta feira	limpeza e organização da sala/jardinagem

Tabela 5 - Organização semanal de atividades.

A participação das famílias é um princípio fundamental, para além das iniciativas diárias que vão sendo promovidas, o jardim promove várias atividades para as famílias participarem e colaborarem, estabelecendo-se uma relação de grande proximidade e envolvimento entre famílias e escola.

Nas escolas Waldorf o educador tem um papel fundamental, privilegiando a autoeducação e uma relação profunda entre Homem, Natureza e Cosmos. A imaginação e a criatividade são estimuladas tranquilamente respeitando o ritmo biológico de cada um.

Ao longo das observações verificou-se que a educação artística promovida neste contexto escolar não compreende propriamente a aprendizagem de técnicas plásticas específicas. As atividades de expressão plástica estão presentes no ritmo do Jardim de infância, no entanto a sua realização depende do interesse e vontade da criança em participar na atividade proposta, nunca assumindo um carácter obrigatório. O objetivo de cada atividade é essencialmente proporcionar à criança o acesso a novos materiais, a sua exploração de modo a desenvolverem as suas capacidades motoras e criativas. No entanto, e apesar do respeito pela liberdade da criança, a educadora está atenta ao interesse do grupo e de cada uma individualmente e se eventualmente alguma criança não participa nas atividades propostas sistematicamente, a educadora reflete sobre as possíveis razões e procura estratégias para despoletar o seu interesse.

Como já foi referido, o brincar é encarado de forma muito séria, pois é desta forma que a criança explora de forma natural o meio e aprende. Esta aprendizagem é estimulada pelo educador através da sua própria ação - imitação. O educador desempenha todas as tarefas de forma séria, interessada, o que leva as crianças a observar e a sentirem curiosidade pelas mesmas, querendo experimentar.

Quando as crianças chegam à sala as atividades estão cuidadosamente preparadas e a educadora canta músicas relacionadas com a atividade a decorrer, de forma a captar a atenção e curiosidade das crianças. Nesta faixa etária, entre os três e os cinco anos, a criança está a desenvolver a memória rítmica, e memoriza facilmente canções e melodias.

No jardim de infância desenvolvem-se várias atividades plásticas e manuais com as crianças e é promovida a colaboração das famílias tanto no dia a dia como para a preparação das festividades.

A pintura a aguarela é uma das atividades propostas com ritmo semanal, o ritmo é outro pilar fundamental para a aprendizagem e diversidade das produções artísticas. Apenas com o uso de três cores primárias, a mesa encontra-se preparada e como referi a educadora entoa melodias conhecidas pelas crianças que convidam as crianças a participar. O material está criteriosamente disposto, com um pincel, um recipiente com água, pequenas taças de vidro com guache diluído em água (cores primárias). A educadora inicia a sua pintura e cada vez que uma criança se aproxima para participar a educadora molha uma folha de papel de aguarela de tamanho A3 cujos cantos foram anteriormente arredondados. A educadora também participa pintando a sua folha, no final, à medida que vão terminando, umas mais rapidamente, outras menos, cada criança levanta a sua folha e coloca-a num espaço próprio para o efeito, depois, sem ser necessário o reforço da educadora, limpam e secam o espaço da mesa que ocuparam e deixam-no preparado para a próxima criança, algumas crianças ainda precisam do reforço e apoio da educadora, mas a maioria fá-lo de forma autónoma.

O desenho com blocos de cera e a modelagem de cera abelha, seguem o mesmo planeamento. As crianças quando entram na sala encontram a mesa organizada com os materiais.

A costura é iniciada também no jardim de infância, é comum a educadora e a auxiliar costurarem, cozerem e remendarem panos, roupas dos bonecos, tarefa a que as crianças assistem com curiosidade e mostrando vontade em fazê-lo também. É também frequente usarem feltro nas suas tentativas e construírem figuras como gnomos para enfeitar a sala ou para alguma festividade. A maior dificuldade segundo a educadora é: “o colocar a linha na agulha, para a qual pedem ajuda ao adulto presente”. As crianças demonstram-se orgulhosas das suas costuras, que vão fazendo ao longo dos dias respeitando o ritmo diário (como podemos confirmar pelas entrevistas realizadas às crianças).

Olhemos então para um dia no Jardim de Infância, a criança chega à entrada da sala acompanhada por um adulto, descalça os sapatos e calça as pantufas (que se encontram numa antecâmara), despede-se do adulto e entra na sala onde a educadora e a auxiliar a cumprimentam bem como ao familiar que a acompanha. As crianças brincam livremente (momento de expansão) e ao mesmo tempo a educadora já tem preparada a atividade do dia, pintura com aquarela, desenho com blocos de cera ou cera de abelha para moldar. Estas foram as três atividades a que assisti, e repetem-se ao longo de todo o ano letivo no mesmo dia da semana. A mesa de “trabalho” está criteriosamente organizada, as cores disponíveis são as primárias e as crianças dirigem-se voluntariamente à mesa para dar início ao seu trabalho.

Foi possível observar o cuidado por parte da educadora em ter os materiais disponíveis quando a criança chega, as folhas A4 de cantos arredondados, os cestos colocados sobre a mesa com os blocos de cera. De seguida, as crianças são convidadas a participar na atividade, mas é respeitada a sua vontade caso não queiram participar. O desenho livre, desenvolve-se sem orientação nem comentário por parte da educadora, pude observar crianças a fazer rabiscos na folha e outras a representar figuras e/ou objetos, a escrever o seu nome e a utilizar apenas uma ou todas as cores disponíveis. A seguir ao som de uma canção, as crianças arrumam a sala, respeitando criteriosamente o lugar de cada objeto, seguindo-se a roda rítmica, onde todo o grupo segue a educadora (momento de contração), que canta e faz suaves movimentos que ajudam cada criança a tomar consciência de si própria. É constantemente estimulado o sentimento de gratidão à natureza, através das canções, dos contos, das brincadeiras na sala e no exterior. Na sala podemos encontrar diversos materiais naturais, bonecas de pano ou de lã, panos de seda ou algodão, vários brinquedos de madeira, mas também pedras e pinhas, estes materiais podem ter várias utilizações, cada criança dar-lhe-á diferentes finalidades como resposta às suas necessidades naquela brincadeira e sempre em função da sua imaginação. O Brincar é algo muito importante e nunca desconsiderado, por isso promovem-se momentos diários de brincadeira. O ambiente transmite tranquilidade e as transições entre atividades fazem-se de forma suave e tranquila. Segue-se o período do recreio (momento de expansão).

2.4. Instrumentos e Técnicas de Investigação

Na diversidade de técnicas que podem ser utilizadas neste tipo de investigação, a entrevista e a observação participante permitem uma relação mais intimista entre o investigador e o objeto de estudo, orientando os procedimentos de trabalho de campo relativamente às questões metodológicas, que vão ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes (Bogdan & Biklen, 1994).

No processo de recolha de dados, o estudo de caso recorre a várias técnicas próprias da investigação qualitativa, nomeadamente o diário de bordo, o relatório, a entrevista e a observação. A utilização destes diferentes instrumentos constitui uma forma de obtenção de dados de diferentes tipos, os quais proporcionam a possibilidade de cruzamento ou triangulação da informação (Coutinho, 2023, p. 341).

Segundo Coutinho (2023, p.341) o diário de bordo «constitui um dos principais instrumentos do estudo de caso». O diário de bordo tem como objetivo ser o instrumento onde o investigador vai registando as notas retiradas das suas observações no campo. Citando Bogdan e Biklen (1994, p. 150) são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo».

A autora salienta a importância da entrevista no estudo de caso, pois é um meio através do qual o investigador compreende como os entrevistados interpretam as suas vivências.

Uma vez que se pretende observar, descrever e analisar as práticas plásticas desta sala de jardim de infância Waldorf, é fundamental a escolha dos elementos participantes e que estes nos tragam perspetivas diferentes. Neste sentido, a observação direta em sala foi feita durante seis dias em dois momentos diferentes, três dias no final de novembro e três dias no final de abril (primeiro e terceiro período respetivamente). O diário de bordo foi construído a partir de algumas notas e imagens recolhidas durante o período em sala e transcrito no final do dia, após as observações. Este foi um pedido da educadora por considerar o registo permanente como um ato que levaria à distração e conseqüente perda de espontaneidade do grupo.

As seis sessões de observação tiveram como objetivo compreender melhor a temática em estudo. O investigador tornou-se participante, pois embora não fosse um membro do grupo interagiu com os participantes.

De acordo com Coutinho (2023, p.330) «num estudo qualitativo a amostra é sempre intencional», observações, entrevistas, fotografias, desenhos e conversas informais podem ser consideradas como fontes de informação.

Para as sessões de observação foi construída uma grelha de observação com os aspetos que guiaram a observação: Quem se observa; como se desenrola a sessão: o que fazem os participantes, contexto e ambiente, clima da sessão, atitudes; como termina a sessão: o grupo está dividido, unido, cansado, aborrecido, entusiasmado, etc.; que atividades ou interações foram significativas para o esclarecimento do problema. Esta observação materializou-se em notas de campo que foram tanto quanto possível descritivas, mas também reflexivas.

Neste estudo foi usada outra técnica muito presente na investigação qualitativa, a entrevista. Foram elaborados guiões de entrevista semiestruturados (pp.30-32), para crianças, educadoras e pais com o objetivo de obter informação que não foi possível obter durante a observação. Procurou-se também conhecer a história pessoal dos participantes e a forma como pensam, interpretam e explicam o tema em estudo. As entrevistas foram conduzidas individualmente.

Foi também realizado um *focus group*, constituído por seis crianças (as mais velhas do grupo, de cinco e seis anos, que frequentavam o último ano de pré-escolar), em dois momentos distintos, no ambiente de sala de aula, descontraído, com o objetivo de obter a perspetiva das crianças relativamente às artes plásticas. Foi feita a gravação áudio e posteriormente a sua transcrição. Foi realizada uma entrevista à educadora da sala, uma entrevistas a mães de duas destas crianças e uma entrevista a uma educadora de infância, atualmente atelierista e professora de artes plásticas num jardim de infância Waldorf e professora no curso do Percurso Waldorf em Lisboa. As entrevistas depois de transcritas foram devolvidas aos participantes «para confirmação como forma de garantir a acurácia das informações recolhidas» (Coutinho, 2023, p. 142).

Coutinho (2023) diz-nos que «não se estuda um caso para compreender outros casos, mas para compreender o caso» (Stake, 1995, citado por Coutinho, p. 340), sendo a constituição da amostra intencional.

Data	Atividade Desenvolvida
15 de novembro de 2023 (4 ^o feira)	Reunião com a educadora
23 de novembro de 2023 (5 ^a feira)	Desenho com blocos de cera
28 de novembro de 2023 (3 ^a feira)	Pintura de aguarela
11 de dezembro de 2023 (2 ^a feira)	Modelagem de cera de abelha
15 de abril de 2024 (2 ^a feira)	Modelagem de cera de abelha
18 de abril de 2024 (5 ^a feira)	Desenho com blocos de cera
23 de abril de 2024 (3 ^a feira)	Pintura de aguarela

Tabela 6 – Calendarização das sessões de observação.

2.5. Princípios Éticos de Investigação

Segundo a Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (2020) os princípios éticos de investigação são fundamentais para garantir a integridade, a responsabilidade e a proteção dos participantes e da sociedade, o que inclui o respeito pela autonomia dos indivíduos e sua proteção, definindo linhas de orientação e defendendo princípios. Neste estudo foram aplicadas os seguintes princípios:

- Na relação com os participantes: Garantia de privacidade e confidencialidade; consentimento livre e informado (relativamente às crianças, é pedido um consentimento por escrito aos encarregados de educação), divulgação da informação; possibilidade de desistência de participação; respeito pela dignidade de cada pessoa, bem-estar e integridade.
- Na relação com a comunidade de investigadores: autoria e coautoria, revisão de pares, publicação; condução e divulgação dos resultados da pesquisa de forma honesta e transparente.
- Na relação com os promotores e colaboradores da investigação: direito à informação e cumprimento de protocolos; comunicação e discussão pública dos resultados obtidos.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

| ' ' | | ' ' |

3.1. Introdução

Para Coutinho (2023), o tratamento e a análise de dados são procedimentos cruciais, mas também “problemáticos”, não só pela eventual diversidade de tipologias dos dados (fotografias, desenhos, gravações áudio e vídeo, relatos, entre outros), como também pela ocasional sobreposição das fases de recolha e análise, que se complementam.

Neste estudo, utilizámos como método a análise de conteúdo. Pretendemos analisar as entrevistas aos vários intervenientes no estudo e, desta forma, sustentar a teoria exposta.

Este capítulo pretende refletir sobre o objeto de investigação - As artes plásticas na Pedagogia Waldorf - após cerca de 30 horas de observação, em contexto de sala, num jardim de infância Waldorf, em Lisboa, e a realização de algumas entrevistas, assim como o diálogo com seis crianças num *focus group* então criado, precisamente por serem aquelas que, numa sala constituída por dezanove, irão transitar para o primeiro ano do ensino básico, no próxima ano letivo. Foi, sobretudo, sobre as crianças que recaiu o nosso olhar, complementado com as perspetivas da educadora de infância dessa sala, de duas mães e de uma educadora/atelierista Waldorf.

3.2. Análise de Conteúdo

Para proceder à análise dos dados obtidos através das entrevistas, foi necessário especificar os resultados relativos a cada grupo de participantes. Desta forma, partimos da interpretação dos dados obtidos com a entrevista realizada à educadora de infância do grupo de crianças observado, e posteriormente, analisámos a entrevista à educadora e atelierista, às mães e às crianças do jardim de infância que compuseram o *focus group*. A diversidade dos grupos participantes permite uma visão mais alargada das várias interpretações dos intervenientes no processo educativo das artes plásticas num jardim de infância Waldorf.

Procederemos à apresentação da análise desenvolvida com base nos dados recolhidos através do registo de observação e de dados extraídos das entrevistas realizadas ao conjunto dos participantes.

Tabela 7: Análise de Conteúdo - Entrevista à Educadora de Infância

Indicadores	Unidades de registo
Caraterização do percurso profissional	Frequentei três anos do curso de escultura na faculdade de Belas Artes, onde conheci a Pedagogia Waldorf. Em 2001 entrei na Escola Superior de Educadores de

	<p>Infância Maria Ulrich onde ouvi e li sobre a antroposofia, mas sempre em formato autodidata. Ainda a estudar fiz visitas guiadas no Centro de Arte Moderna na Gulbenkian. Em 2005 começo a trabalhar na Casa Verdes Anos, onde fico três anos, trabalhei num J.I. na Noruega, na Casa Jardim do Sol em Telheiras e em 2016 comecei a trabalhar no J.I. S. Jorge.</p>
Opção pela Pedagogia Waldorf	<p>Senti que era a forma de estar na educação que me fazia sentido...vou cada vez mais me identificando e aprendendo esta forma de viver.</p>
Espaço Físico	<p>É organizado a pensar no tempo e no espaço das crianças que nele vivem ... onde podem construir as suas brincadeiras sem pressa e com liberdade de movimentos. É importante que todos os materiais sejam naturais e que estejam sempre cuidados. O cuidar do espaço é muito importante no dia a dia da sala.</p>
Cor	<p>Têm de ser o mais suave possível... a sala foi pintada de rosa pálido com pequenas pinceladas de amarelo ... nas atividades (desenho e aguarela) são as cores primárias... cores que passam tranquilidade e não são intrusivas (crianças e adultos).</p>
Espaço Exterior	<p>É um prolongamento do espaço interior, complementam-se... As brincadeiras não são as mesmas... o meu papel para melhor conhecer as crianças é observá-las em ambos os espaços.</p>
Planeamento das atividades	<p>O ritmo dá estrutura e forma ao dia a dia das crianças, permitem-lhes sentirem-se seguros e ajuda-os a saber onde estão no mundo. As atividades são decididas no início do ano e assim se mantêm... As crianças trazem histórias vividas em família, trazem a vontade de fazer um desenho para oferecer a alguém, uma aguarela para mostrar a um familiar. As atividades acontecem na sua rotina, mas há sempre tempo no dia a dia para que as crianças desenvolvam a sua vontade de fazer.</p>
A criança	<p>É preciso conhecer a criança para entendê-la. É importante observar.</p>
A criatividade / Sentido estético	<p>A criatividade não aparece só em atividades direcionadas ou em atividades artísticas, a criatividade é desenvolvida se as crianças tiverem tempo para elas próprias explorarem o mundo que as rodeia. A criatividade desenvolve-se quando as crianças têm um problema e o tentam resolver. Para existir criatividade tem de existir a curiosidade e a curiosidade aparece nas crianças quando elas confiam que o mundo é bom... A criatividade e o sentido estético são vividos, fazem parte do mundo da criança. Esse estímulo é todo um conjunto de fatores importantes: a postura da educadora, os materiais e a liberdade vivida pela criança com esses mesmos materiais... A maior dificuldade que sinto, em relação, ao desenvolvimento da criatividade é a</p>

	“competição” desleal entre o ambiente do J.I. e o ambiente dos desenhos animados/vídeos da televisão, telemóveis e tablets.
Expressão plástica	A expressão plástica é uma das formas da criança se exprimir... as crianças estão envolvidas nas atividades de expressão plástica no dia a dia do J.I. ajudam as preparar as atividades, realizam-nas e ajudam a arrumar... A criança tem autonomia para usar vários materiais, tal como: blocos de cera, cera de abelha e também paus, lama, folhas e todos os materiais naturais do jardim.

Tabela 8: Análise de Conteúdo - Entrevista à Educadora/Atelierista.

Indicadores	Unidades de registo
Percurso Profissional	Educadora de Infância. Fiz a formação inicial na Alemanha. Em 1987 vim para Portugal onde fiz a formação Waldorf e iniciei o primeiro projeto Waldorf em Barão de S. João (Lagos). Atualmente sou atelierista, faço workshops, exposições com as minhas obras e sou professora de pintura no curso Percurso Waldorf em Lisboa. No J.I. já não estou em sala, mas visito jardins de infância para observação e reflexão com as equipas pedagógicas.
J.I. Waldorf	... temos educadores que consideram muito importante a autoeducação, olham e refletem para si próprios, olham para as crianças e querem ser um bom exemplo. Estudam o desenvolvimento espiritual, quem é a criança no primeiro seténio ... é um prazer poder acompanhar estes seres ...
Ser Criança no J.I. Waldorf	É poder ser criança, poder brincar... Não queremos pequenos adultos, pequenos intelectuais... É poder descobrir com movimento e brincadeira o seu mundo e a si próprias...é ser livre. Isto não significa que a criança possa fazer o que quer, mas onde adultos sabem o que a criança precisa para um desenvolvimento saudável.
Importância da educação Waldorf nos primeiros anos	É uma educação saudável que tem a ver com o espírito, a alma e o corpo, três elementos fundamentais para o ser humano, para o seu equilíbrio. Transmite a vivência de que o mundo é bom, dá modelos saudáveis.
Princípios mais relevantes	Ser modelo e Imitação, Ritmo e Repetição. Tudo o que eu faço, penso e sinto repercute-se na criança. O educador é um modelo para a criança. A criança aprende por imitação. O dia é composto por ritmo, brincar dentro e lá fora, a alimentação, as atividades artísticas que se repetem semanalmente; o ritmo do ano, as festas (que são pontos altos na vida da criança). O jardim de infância funciona como uma grande casa.

Artes plásticas e manualidades	... as artes plásticas entram no desenho livre e nas aguarelas, as manualidades dependem um bocadinho do educador. No J.I. cosem-se os vestidos das bonecas, fazem-se saquinhos, borda-se, se uma coisa está estragada cose-se, repara-se. O educador é ativo, faz e a criança quer imitar a atitude, postura, vontade. a criança quer ter um fio, lã, agulha e também elas criam.
Currículo Waldorf	Estão presentes a pintura com aguarela uma vez por semana, ritmicamente, desenho todos os dias ou nalguma situação também ritmicamente uma vez por semana, carpintaria e outros trabalhos manuais como tear também semanalmente.
Meios de expressão visual	A aguarela, a aguarela tem muito a ver com a criança pequena, tênue, fluente, tem cores fortes e bonitas que nutrem a criança. O desenho também é muito importante como forma de expressão da criança.
Técnicas de expressão plástica	Temos um dia de modelagem, mas em vez de modelar com barro, no J.I. usamos a cera de abelha, esta é uma atividade semanal. O barro é usado lá fora, as crianças fazem-no naturalmente no jardim, misturando terra e água. O barro não é usado para fazer objetos mas para brincar e encontram isso lá fora.
Relação entre criatividade e imagem	Que tipo de imagens? Vivas, naturais e que podem ser vivenciadas através dos sentidos ou imagens mortas que são transmitidas pela televisão? Depende do tipo de imagens e da criança em si, nós queremos que a criança tenha as suas próprias imagens. Imagens, livres. As histórias são muito importantes para a criação de imagens por parte da criança, histórias sem ilustração, para que a criança possa construir a sua imagem.
Referências visuais	Imagens, sim, mas criteriosamente escolhidas, imagens de artistas por exemplo. damos imagens o mais verdadeiras possível, imagens esteticamente belas, que não "gritem", suaves.
Imagem	A criança muitas vezes vive em dois mundos, um com os pais, outro no J.I.; são mundos diferentes, que exigem clarificar. O jardim tenta reduzir muito as imagens porque sabemos que a criança tem muito contato com imagens, logo não lhe oferecendo dá-lhe equilíbrio... as crianças são sobrecarregadas.
Artes visuais em contexto de sala	Como educadora mantinha o ritmo semanal, dedicando uma manhã à atividade de pintura.
O Plano anual de atividades contempla atividades fora do J.I. no âmbito das artes visuais	Não. Um artista vai ao jardim de infância e pinta em frente aos meninos, traz-se a vivência para dentro do jardim, isto na vertente artística. Por vezes saímos para ir conhecer a comunidade. O teatro por exemplo, apresenta-se à comunidade, as crianças praticam durante algum tempo e depois fazem uma apresentação. Em festas é comum recebermos teatro de marionetas. A fotografia, o cinema e a banda desenhada não estão

	<p>presentes no jardim de infância, mas as artes visuais podem estar presentes nas salas, por exemplo, é comum vermos a Madona Cistina ou um postal com uma imagem em cima da mesa da estação. Os próprios educadores praticam e fazem trabalhos artísticos, pinturas e envolvem-se nos trabalhos dos artistas. Este é um “alimento” para o educador, é muito importante este contato com artes visuais, com a escultura por exemplo. Fazer arte ajuda na criação da vontade.</p>
--	---

Tabela 9: Análise de Conteúdo - Entrevista a Pais

Indicadores	Unidades de registo
O porquê da escolha de um J.I. Waldorf.	<p>P1 – Identifico-me com muito do que defende, mas principalmente pelo respeito pela criança e pelo seu ritmo.</p> <p>P2 – Inicialmente, pelo contato com a natureza.</p>
Princípios relevantes	<p>P1 – Conexão com a natureza e os seus ritmos. O equilíbrio entre a expansão e recolhimento. O respeito pela criança.</p> <p>P2 – O interesse amoroso e aceitação de cada criança, o contato com a natureza.</p>
Relação escola-família	<p>P1 – Fala sim. Vai contando episódios do seu dia a dia, canta músicas, fala dos amigos.</p> <p>P2 – Todos os dias, umas vezes mais outras menos, mas todos os dias conta o que fez... fala das relações com os amigos, dos projetos, ele gosta de coser ...</p>
Arte	<p>P1 – Nas atividades livres de aguarela e pintura e na atividade musical.</p> <p>P2 – O pai é músico... ele gosta de tocar piano ... quando era pequenino desenhava muito. Na escola desenha, tem manualidades se considerarmos...</p>
Tecnologia	<p>P1 – De forma esporádica e controlada.</p> <p>P2 – Nós pais somos muito viciados em ecrãs e usamos à frete dele ... usa por vezes o nosso (telemóvel). A televisão tentamos restringir, eles veem ao fim de semana, mas durante a semana não.</p>
Literatura	<p>P1 – Sim. Ele tem muito interesse por livros, tentamos ler todos os dias uma história à noite ...</p> <p>P2 – Sim</p>
Brincar	<p>P1 – Brincar livremente, livros, poucos jogos e uma cozinha de brincar. Tentamos ser minimalistas nos brinquedos, tentamos que sejam de madeira, metal, sustentáveis, indo de encontro aos seus interesses.</p> <p>P2 – Mobiliário de madeira, carrinhos, pistas, bonecos, blocos, legos, animais, alguns puzzles (madeira e plástico). O mais determinante é o interesse dele.</p>
Estética	<p>P1 – Tentamos levá-lo a museus com regularidade e estamos muito atentos aos elementos da natureza ...</p>

	<p>como um arco íris, um por do sol, os pássaros a cantar ou uma árvore despida.</p> <p>P2 – É essência ... uma forma de o fazer é manter a harmonia e ter cada coisa no seu lugar.</p>
Criatividade	<p>P1 – A criatividade é alimentada pelo brincar livre e pela continuação da magia que tentamos imprimir nas celebrações.</p> <p>P2 – A criatividade é muito importante, eles estão sempre a criar alguma coisa na sua mente e é importante alimentarmos isso... sugiro muitas vezes a pintura ...o desenho, eles podem utilizar os instrumentos.</p>

Tabela 10: Análise de Conteúdo - Entrevista às Crianças

– 1º focus grupo (11.12.2023)

Indicadores	Unidades de registo
Agregado familiar	<p>P1 – mano, pai e mãe e uma gata.</p> <p>P2 – mano S., pai, mãe, duas cadelas e três gatos.</p> <p>P3 – mano B., mãe, pai e dois cães e a E. (irmã)</p> <p>P4 – com a minha mãe e com o meu pai.</p> <p>P5 – Com a mãe.</p>
Gosto em ir à escola	<p>P1 – sim.</p> <p>P2 – gosto muito (mas mais do Dino Parque e do Jump Yard).</p> <p>P3 – mais ou menos</p> <p>P4 – Gostamos.</p> <p>P5 – Gostamos.</p>
Rotinas do jardim de Infância	<p>P1 – Brincamos</p> <p>P2 – Brinco</p> <p>P3 – Cera de abelha, fazer coisas, desenhos, fazemos os anõezinhos, pintura, ..., velas.</p> <p>P4 – Nós fazemos sempre o mesmo. É primeiro brincar, depois ...</p> <p>P5 – Não, é assim, brincar aqui dentro, comemos a fruta, irmos à casa de banho, brincar lá fora, dormir a sesta, lanchar, ir lá para fora e ir para casa.</p>
O que mais gosta na escola	<p>P1 – Brincar.</p> <p>P2 – Fazer uma vela.</p> <p>P3 – Brincar lá fora.</p> <p>P4 – Brincar, almoçar e dormir a sesta.</p> <p>P5 – Brincar.</p>
O que não gosta na escola	<p>P1 – Alguns almoços (tipo quinoa) e de fazer pinturas.</p> <p>P2 – Toranja, pinturas é para mim mais ou menos.</p> <p>P3 – Há uma coisa que eu odeio, então a R. faz um chá de mel com limão. Eu gosto de quase tudo, a pintura é mais ou menos, dos desenhos eu gosto muito.</p> <p>P4 – Eu antes não gostava de dormir a sesta, mas agora já gosto.</p>

	P5 – Eu não gosto de alguns almoços, feijoada, nem de dormir a sesta.
O brincar	P1 – Motas e polícias. P2 – Dinossauros, e ao dragão e ao cavaleiro. P3 – não me lembro..., quando brincam aos polícias, nós só fugimos de vocês. P4 – Brincar aos unicórnios. P5 – Brincar com os dragões dinossauros robots, são uns dinossauros normais que se transformam em unicórnios.
A sala de atividades (gostam? Atividade preferida?)	P1 – É claro que sim. Brincar com cera. P2 – Eu também. Desenhos. P3 – É claro que sim. Eu gosto muito, muito, muito de brincar. P4 – Gostamos / O que eu mais gosto é coser, nós também cosemos com uma agulha muito grande/ A que menos gosto de fazer é de fazer pão. P5 – Sim. Gosto dos brinquedos / Nós não temos atividades / Gosto da pintura / o que menos gosto de fazer é dormir a sesta.
O desenho (gostam? Desenham o quê?)	P1 – Sim. Desenhos coloridos P2 – Sim. Gosto mais de desenhar dinossauros P3 – Sim. Desenhar a Olívia a fazer uma coisa. P4 – Gostamos. O meu desenho favorito é desenhar a minha família. P5 – Sim. Eu gosto de fazer vulcões e dinossauros.
A pintura (gostam?)	P1 – Mais ou menos. P2 – Gosto. P3 – Mais ou menos. P4 – Sim. P5 – Sim.
A cor (preferida)	P1 – Vermelho, porque eu sou do Benfica. P2 – Verde. P3 – Azul. P4 – Rosa. P5 – A minha é todas, é arco-íris, até o preto e o branco.
Artes plásticas (o que é um artista? És um artista? Conheces algum artista? Já visitaram um museu?)	P1 – Eu sei / Eu não / Não/Eu não (fui a um museu) P2 – Eu sei / Eu sou, porque gosto de pintar / Fui a uma exposição dos dinossauros. P3 – É uma pessoa que pinta pinturas. Retratos e quadros / não, isso seria uma seca / Eu tenho um museu ao pé da minha casa P4 – Sabemos. Um artista é uma coisa que ... Eu já conheço o Van Gogh de pessoa, porque ele já foi à minha escola antiga / Sim (sou uma artista), porque nós pintamos muito aqui na escola / Eu não fui a um museu. P5 – Sei. É uma pessoa que sabe muito bem fazer pinturas / Não (não conheço nenhum artista) / Eu também sou um artista / Sim, (já fui a um museu)

<p>Literatura (Gostam de histórias, histórias com imagens, banda desenhada?)</p>	<p>P1 – Hum Hum. Gosto de livros com imagens. Banda desenhada, é o quê? P2 – Sim. Eu tenho livros de banda desenhada. P3 – Eu adoro, sempre que vou para a cama o pai conta-me uma história, com livro, sem livro, às vezes conta dois livros. As minhas histórias preferidas são as do meu pai porque há partes que ele faz piadas. Gosto com imagens / Eu não (referente aos livros de BD) P4 – Hum, gosto / Prefiro livros com “desenhos” / Não (não conhece livros de BD) P5 – Médio (em relação ao gosto por livros) / Prefiro livros com “desenhos” / Eu tenho a banda desenhada dos Minions.</p>
--	---

Tabela 11: Análise de Conteúdo - Entrevista às Crianças

– 2º focus grupo (23.04.2024)

Indicadores	Unidades de registo
Agregado familiar	<p>P1 – mano, pai e mãe e uma gata. P2 – mano S., pai, mãe, duas cadelas e três gatos. P3 – mano B., mãe, pai e dois cães e a E. (irmã) P4 – com a minha mãe e com o meu pai. P5 – Com a mãe. P6 – com a mãe, o pai e o mano.</p>
Gosto em ir à escola	<p>P1 – Sim. P2 – Não, eu não gosto. P4 – Eu amo. P6 – É a pior coisa do Universo.</p>
Rotinas do jardim de Infância	<p>P5 – almoçamos, vamos à casa de banho, ...</p>
O que mais gosta na escola	<p>P2 – O que eu mais gosto é de comer massinha com molho de tomate. P4 – Também eu. P5 – Também eu.</p>
O que não gosta na escola	<p>P1 – De quinoa. P6 – Arroz de atum</p>
O brincar	<p>P4 – Brincar aos cavalinhos com a Megui. P5 – Brincar aos acampamentos de crustáceos. P6 – Polícias.</p>
A sala de atividades	<p>P1 – Brincar. P2 – Aquarela e desenho. P4 – Tear. P5 – Não fazemos atividades aqui... P6 – Fazer o tear.</p>
O desenho	<p>P1 – Gosto. Colorido P2 – Dinossauros. P4 – Eu amo. P5 – Arco Irís. P6 – Sim.</p>

A pintura	Todos (em uníssonos) – Sim!
A cor	P1 – Vermelho, amarelo, preto e branco. P2 – Verde. P4 – Azul e rosa. P5 – Arco Íris. P6 – Vermelho, dourado, prateado e verde.
Artes plásticas (O que é um artista?) Vocês são artistas? Conhecem artistas? Museus?)	P1 – Artista é que pinta as coisas assim (gesticula e trauteia). / Não (à pergunta se é artista). P2 – Não (à pergunta se é artista) / Eu já fui (museu), fui com a M., o R. (P6), o M. (P1), P4 – Eu conheço o Van Gogh pessoal, ele foi à minha escola antiga / Eu sou artista, eu pinto arco íris e unicórnios e outras coisas / Eu fui ao Parque da Mónica. P5 – Pinta muito bem / Não (à pergunta se é artista). / Eu também (museu) P6 – Eu conheço muitos artistas, o meu pai que é baterista, ele tem três bandas, duas / Eu também (museu) (Referem-se ao Dino Parque na Lourinhã)
Literatura	P4 – Eu gosto. P5 – Não. Eu tenho livros de banda desenhada, têm bonecos. P6 – Gosto de ver os livros. Gosto mais com imagens. (Todos preferem livros com ilustrações e histórias contadas com o suporte do livro em vez de contadas oralmente)

Ao longo das observações, foi possível verificar que o desenho e as restantes atividades de expressão plástica realizam-se em momentos específicos da rotina diária, respeitando o planeamento semanal elaborado no início do ano. Embora a criança se exprima livremente sem interferência da educadora ao longo da realização da sua atividade, não deixa de ter sido a educadora a planear, organizar e possibilitar essa mesma atividade, não sendo observados momentos em que espontaneamente as crianças tenham escolhido os materiais e iniciassem de forma autónoma os seus desenhos ou pinturas.

A Pedagogia Waldorf segundo Lanz (2024) visa incutir nas crianças diferentes interesses, desenvolver a fantasia e a criatividade; a televisão e o excessivo contato com ecrãs levam a criança até imagens irreais, onde luz, espaço, movimento e som são falsos. A criança quando exposta a todos estes estímulos artificiais enfraquece os seus sentidos e as suas faculdades percetivas, o que origina a «atrofia da criatividade, o aumento da passividade, além de um alheamento crescente» (Lanz, 2024, p. 180).

Concluimos que a maioria das crianças participou nas atividades propostas, demonstrando interesse e mantendo-se envolvidas nas mesmas. É de salientar que todas as atividades planejadas foram realizadas. As crianças mostraram-se motivadas e autônomas. Os materiais utilizados para a realização das atividades eram familiares das crianças, que revelaram destreza na sua manipulação, reconheceram-nos e não necessitaram de auxílio da educadora.

Ao longo das sessões observadas nunca foram feitas referências ao trabalho de artistas por parte da educadora (direta ou indiretamente) pelo que por essa via não houve qualquer influência nas suas produções. No entanto, podemos questionar-nos acerca do imaginário destas crianças, acerca do acesso a imagens que poderão ter fora da escola e influenciará o seu repertório visual (ilustrações, televisão, publicidade, etc). A maioria das crianças produziram trabalhos muito criativos e exploraram o potencial da atividade.

Ao observar estas atividades, podemos constatar que proporcionaram experiências enriquecedoras, demonstrando como a prática das artes plásticas, nas suas diversas formas, pode potenciar a imaginação e promover a criatividade das crianças.

Esta investigação surgiu da vontade de conhecer melhor a Pedagogia Waldorf, através da observação das práticas educativas num jardim de infância que segue esta abordagem, e também a partir de entrevistas realizadas às crianças, à educadora, à educadora/atelierista e a duas mães, material este que permitiu o enriquecimento deste estudo.

Relembrando as questões de partida - Como se estabelece a relação entre as artes plásticas e a Pedagogia Waldorf? Como se integram as artes plásticas numa sala de jardim de infância Waldorf? Como desenvolve a criança a sua expressão artística neste contexto? De que forma as artes plásticas contribuem para o desenvolvimento da criança?" - podemos afirmar que na Pedagogia Waldorf a arte ocupa um papel central, a expressão artística é valorizada como essencial para o desenvolvimento integral das crianças, abrangendo não só os aspetos cognitivos, mas também os emocionais e os sociais.

Nesta pedagogia, a arte é integrada no currículo de várias maneiras. No âmbito do desenvolvimento sensorial e motor, as crianças são incentivadas a explorar diversas formas de arte, como a pintura, a modelagem com cera de abelha e argila, e o desenho. A criatividade é altamente valorizada, e as crianças são incentivadas a expressar as suas ideias e os seus sentimentos por meio de projetos artísticos, o que ajuda a

desenvolver a autoexpressão e a confiança. O currículo inclui um forte componente de artes manuais, como tricô, costura e carpintaria, bem como música, onde as crianças aprendem a tocar instrumentos e a cantar em conjunto.

A pedagogia Waldorf dá importância aos ritmos diários, sazonais e de vida, refletidos nas atividades artísticas. As cores e formas são usadas para criar um ambiente que apoia o bem-estar emocional e a aprendizagem. A arte também é usada para mostrar às crianças as diferentes culturas e tradições, promovendo uma compreensão e apreciação mais amplas do mundo.

A abordagem artística na educação Waldorf visa nutrir a imaginação e a criatividade das crianças, preparando-as para desenvolver diversas habilidades e enfrentar os desafios de maneira inovadora.

As técnicas de expressão plástica utilizadas (pintura, desenho, modelagem), bem como as manualidades apresentam à criança diversas formas de conhecimento do meio. Ao serem utilizados materiais naturais a criança tem acesso a diferentes sensações que não aconteceriam com outro tipo de materiais (cheiro, textura, cor, entre outros).

A criança nestes primeiros anos de vida aprende através do brincar, é desta forma que conhece o mundo, e a vontade em imitar o adulto leva-a a desenvolver-se rapidamente, mais do que em qualquer outro momento da sua vida.

No *focus group* criado, tendo como participantes, as crianças mais velhas do grupo, procurou-se, em primeiro lugar, contextualizar o trabalho a desenvolver, comunicando que era um trabalho de investigação em contexto de mestrado em educação Artística, na Escola Superior de Educação.

O diálogo com o grupo focal contribuiu muito significativamente para a perceção de como estas crianças se relacionam com a arte. Esta conversa teve por base um guião de entrevista previamente elaborado.

É de realçar que a previsibilidade, as rotinas e os ritmos não deixam que os momentos de atividade deixem de ser momentos estimulantes e motivadores para as crianças, pois estas atividades estão perfeitamente integradas no dia do jardim de infância.

A pintura com aguarela proporciona uma experiência enriquecedora para os alunos, permitindo-lhes explorar diversos conceitos, ao pintar a criança consegue expressar-se e dizer algo através da sua pintura, isto porque a expressão artística está ligada à imaginação, e neste processo a criança desenvolve a criatividade ao mesmo tempo que aprende que se misturar o amarelo com o azul fica com verde.

Os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento integral da criança, influenciando significativamente o seu futuro bem-estar físico, emocional e cognitivo. É nos primeiros anos que se forma a base sobre a qual todas as futuras aprendizagens e habilidades serão construídas. O Jardim de Infância deve ser a continuação do lar da criança, onde ela pode exprimir o seu verdadeiro eu, e onde encontra educadores conscientes de que são um exemplo para a criança. Os adultos ao demonstrar interesse pelas diversas atividades realizadas levam a criança a querer imitar, para tal observam e reproduzem os seus gestos, desta forma a aprendizagem surge naturalmente, não sendo a criança obrigada a realizar uma atividade que não quer, porque não lhe encontra propósito. É permitido à criança exprimir-se naturalmente, sem pré-conceitos e esta é a semente que brotará mais tarde levando à aprendizagem, à criatividade, à autonomia e autoconfiança. Ser criança num Jardim de Infância Waldorf é “ser uma criança que ainda pode ser criança”, como refere Eva Herre na entrevista realizada.

Sendo o ritmo e a repetição um dos alicerces que sustentam esta pedagogia, a ideia de que fazer as mesmas atividades ao longo do ano poderia se tornar monótono e desmotivante não se confirma, muito pelo contrário, pude verificar no segundo momento de observação mais envolvimento, melhor aquisição da técnica, mais cuidado, nalguns casos até mesmo planeamento, maior autonomia e destreza no manuseamento dos materiais.

Pelas entrevistas realizadas a duas mães podemos aferir que a sua principal motivação ao procurar um jardim de infância Waldorf é o facto de este respeitar a criança e o seu ritmo e privilegiar o contato com a natureza. O jardim de infância representa um lugar de proteção para estas famílias, onde as crianças estão afastadas dos estímulos excessivos da vida exterior, que acabam por receber fora desta bolha, no dia a dia com os seus pais.

De um modo geral, comparando os dois momentos de entrevista às crianças (*focus group*), não se verificaram diferenças significativas nas respostas dos participantes (P). Foi curioso aferir que para algumas crianças as atividades artísticas não são consideradas “atividades” de tal forma que estão integradas no dia a dia do jardim de infância, (P5 – “Não fazemos atividades aqui”). A figura do artista está muito ligada à pintura (P3 – “é uma pessoa que pinta pinturas”, P1 – “artista é que pinta as coisas assim”). Algumas crianças consideram-se artistas porque “gosto de pintar” (P2) “porque pintamos muito aqui na escola” (P4). O tema dinossauros foi mencionado algumas vezes, tanto relativamente às brincadeiras preferidas como relativamente à visita a

museus. A P4 relatou nos dois momentos da nossa conversa em grupo que conhecia um artista, o Van Gogh, por ter ido à sua escola antiga, essa atividade promovida pela escola, foi sem dúvida uma vivência marcante para si. Relativamente aos livros ficou patente a sua preferência por livros ilustrados, e que as histórias, de uma maneira geral, fazem parte da sua rotina familiar.

Para a educadora, o espaço da sala de jardim de infância é organizado a pensar nas crianças que nele vivem, um espaço “onde podem construir as suas brincadeiras sem pressa e com liberdade de movimentos”, com materiais naturais e sempre cuidados, e o espaço exterior é um prolongamento do espaço interior. As cores que constituem o ambiente da sala foram criteriosamente escolhidas, imperando as cores suaves e da paleta do arco-íris. As atividades são decididas no início do ano e assim se mantêm até ao final do ano, pois “o ritmo dá estrutura e forma ao dia a dia das crianças, permitem-lhes sentirem-se seguras ... As crianças precisam de eventos regulares marcando o dia, a semana e o ano.” Em relação à criatividade, a educadora defende que esta,

não aparece só em atividades direcionadas ou em atividades artísticas, a criatividade é desenvolvida se as crianças tiverem tempo para elas próprias explorarem o mundo que as rodeia. A criatividade desenvolve-se quando as crianças têm um problema e o tentam resolver. Para existir criatividade tem de existir a curiosidade e a curiosidade aparece nas crianças quando elas confiam que o mundo é bom.

A educadora dá-nos um exemplo: “Estavam as crianças L. e M. a brincar com as grandes caixas de madeira que existem na sala. Dentro da caixa maior a L. junta panos azuis (vários tons), panos lilases e panos verdes e diz para a M.: Anda a dar um mergulho na piscina!”. E acrescenta:

Quando, naturalmente, para as crianças uma piscina tem estas cores todas e não só azul, é um sinal de que a criatividade e o sentido estético são vividos. Não é uma conversa teórica do adulto para as crianças, não são conceitos abstratos, mas sim fazem parte do mundo da criança.

A expressão plástica é uma forma de a criança se exprimir e no Jardim de Infância tem autonomia para usar vários materiais, tanto os convencionais, como os naturais (paus, folhas, lama, entre outros).

«As crianças elaboram as suas linguagens expressivas sem a intenção de produzir ARTE. Nas crianças o criar – que está em todo o seu agir e viver – é uma tomada de contato com o Mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma» (Cunha, 2023, p.151). Sem dúvida que os educadores transmitem a visão de arte que têm; se acreditarem que não são capazes de desenhar ou que só é possível desenhar estereótipos, permitirão às crianças que também pensem assim. Nas escolas Waldorf os educadores desenham ao mesmo tempo que as crianças, evitam as formas e linhas, definindo os seus desenhos através de manchas de cor e dos seus diferentes tons, e não tecem qualquer tipo de comentário relativamente aos desenhos das crianças. Cunha (2023) aponta as pedagogias expressivistas como pedagogias que, ao deixarem as crianças “livres”, acabam tornando-as reféns de si próprias, repetindo as mesmas formas durante anos, sendo possível verificar que todos os desenhos são muito semelhantes entre si, mesmo quando feitos por diferentes crianças.

Eva Herre, não nega a importância da imagem na vida das crianças, no entanto, cabe ao educador fazer uma criteriosa seleção na escolha das imagens que quer apresentar, “imagens o mais verdadeiras possíveis, imagens esteticamente belas, que não “gritem”, suaves”. No jardim de infância procura-se o equilíbrio, as crianças estão sobrecarregadas por imagens, por isso o jardim reduz este contato.

Com base no cruzamento da interpretação dos registos de observação com a interpretação dos dados obtidos nas entrevistas realizadas, podemos reconhecer que a expressão plástica é considerada muito importante na Pedagogia Waldorf, uma vez que permite proporcionar momentos de aprendizagem significativos, promovendo a imaginação, criatividade, autonomia e cooperação.

3.3. Limitações ao estudo

Ao longo deste percurso surgiram algumas limitações, das quais destaco os alunos que faltaram no dia destinado às entrevistas, a impossibilidade de gravar e tirar notas no momento da observação e a falta de disponibilidades dos pais para realizar entrevistas. Então, de forma a contornar esta última dificuldade e para conseguir o maior número de testemunhos possível, optou-se pela realização de entrevista por vídeo chamada, mesmo assim só duas foram realizadas.

Apesar destas limitações, foi possível o cumprimento de todos os objetivos da investigação, todas as atividades propostas foram realizadas e permitiram a todas as crianças envolvidas experienciar técnicas e materiais, considerando-se este período de investigação muito enriquecedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

| " | | " |

Este trabalho de investigação procurou compreender como são abordadas as artes plásticas nos jardins de infância Waldorf. As atividades realizadas ao longo das sessões observadas não apenas incentivaram a criatividade das crianças, mas também reforçaram a consciencialização sobre a importância da expressão artística nas salas de pré-escolar.

É essencial conhecer o desenvolvimento do ser humano para o educador adequar a sua ação tendo em conta as características da idade das crianças do grupo. As características da infância que mais se destacam nesta fase são o prazer pela descoberta e a curiosidade, as crianças são “esponjas” que absorvem o que as rodeia. A curiosidade impera, querem saber, descobrir, querem perceber tudo o que existe à sua volta. Correr, saltar, explorar são ações que acompanham o brincar, pilar da Pedagogia Waldorf, através do qual as crianças compreendem o mundo.

A expressão plástica é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, tornando-se uma das áreas do conhecimento indispensável no apoio ao seu desenvolvimento emocional, social, cognitivo e físico, preparando-as para os desafios futuros de maneira holística e integrada.

A manipulação de diferentes materiais e texturas estimula os sentidos das crianças promovendo uma maior perceção sensorial e curiosidade. Através da arte, as crianças podem expressar sentimentos e emoções que ainda não conseguem verbalizar. A expressão plástica encoraja a criatividade, pois as crianças exploram as suas ideias e imaginação o que é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e na resolução de problemas. Melhora a concentração e a paciência, já que as crianças aprendem a dedicar tempo e esforço para completar uma tarefa, e ao ver o resultado de todo o seu esforço, aumentam a autoestima e a confiança nas suas capacidades e um aumento de competências ao nível do planeamento e organização. Para além disso, atividades como desenhar, pintar e modelar ajudam a desenvolver a coordenação motora fina, essencial para o desenvolvimento de habilidades futuras, como a escrita.

Concluimos que a arte está presente no dia a dia do Jardim de Infância Waldorf nas suas mais diversas formas. Esta pedagogia olha as crianças com respeito profundo e valoriza a expressão plástica como uma parte essencial no seu desenvolvimento.

Na Pedagogia Waldorf, a arte não é apenas uma disciplina isolada, mas está integrada em todas as áreas do currículo. Esta pedagogia vê a expressão plástica como uma parte vital da educação que contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e

espiritual das crianças, ajudando-as a tornarem-se indivíduos equilibrados, criativos e com sentido crítico.

É, no entanto, importante refletir sobre o facto de a Pedagogia Waldorf defender a ausência ou restrição do uso de imagens “prontas”, ou seja, o uso de imagens é cuidadosamente considerado, especialmente nos primeiros anos. Esta abordagem é defendida por serem muito valorizadas a imaginação e a expressão “espontânea” das crianças. Ao limitar a exposição a imagens “prontas”, a Pedagogia Waldorf procura incentivar as crianças a criar as suas próprias imagens mentais e narrativas, desenvolvendo as suas capacidades de imaginar, criar e inventar. Ao mesmo tempo, considera que, nos primeiros anos, deve ser dada ênfase às experiências sensoriais e ao brincar, considerando que muitas representações visuais podem ser demasiado complexas e abstratas para crianças pequenas, não respeitando a sua fase de desenvolvimento. Esta pedagogia incentiva as crianças a criar as suas próprias “obras de arte”. Ao desenhar e pintar, desenvolvem diferentes capacidades, ao privilegiar experiências com materiais naturais em vez do recurso a imagens, é fortalecida a conexão das crianças com a natureza ao seu redor, experiência cada vez mais rara no universo infantil. As histórias contadas oralmente são outra importante especificidade da Pedagogia Waldorf, com elas procura-se que as crianças criem as suas próprias imagens internas, o que é considerado importante para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Estes princípios refletem a filosofia desta pedagogia, que busca promover um desenvolvimento equilibrado e harmonioso, respeitando o ritmo natural de cada criança e enfatizando a importância da experiência direta com o mundo que rodeia as crianças.

Ao contrário do defendido pela Pedagogia Waldorf, consideramos que permitir e facultar o contato das crianças com imagens é importante para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O contato com imagens estimula o processamento visual, ajuda na compreensão de conceitos espaciais e melhora a memória visual. As imagens podem estimular a criatividade, permitindo que as crianças criem as suas próprias histórias e ideias; incentivar a imaginação, pois cada criança interpreta cada imagem de forma única e pessoal; e ajudar as crianças a expressar-se, pois através delas evocam emoções e sentimentos que, muitas vezes, não conseguem verbalizar. Ao descrever e discutir imagens, as crianças desenvolvem várias capacidades ao nível da linguagem e comunicação; ao analisá-las e interpretá-las desenvolvem a capacidade de observação e o sentido crítico. A motivação e o interesse das crianças pode ser impulsionado por

imagens consideradas por elas interessantes. As imagens podem apresentar às crianças diferentes culturas, histórias e contextos sociais, o que promove a empatia e a compreensão de realidades diferentes das suas. Em suma, introduzir imagens em atividades educativas promove um ambiente rico e estimulante que apoia o desenvolvimento das crianças.

Enquanto educadora, procuro criar situações que estimulem as crianças, lhes captem o interesse, incentivem o seu gosto pelo conhecimento, desenvolvam a criatividade e o seu sentido estético e crítico. Pelo que acima foi exposto, parece-me fundamental proporcionar às crianças o contato com diversas manifestações artísticas de diferentes épocas, culturas e estilos, pois a velha máxima “só gostamos do que conhecemos” aplica-se às várias dimensões das nossas vidas, por isso é fundamental apresentar-lhes diferentes visões de mundo.

No final desta investigação, questionamos se privar as crianças do contacto com referências artísticas (artistas, obras de arte, museus, monumentos, arte urbana, entre outras) com a convicção de que devem imaginar livremente e desenvolver a sua criatividade sem referências exteriores, não será antes uma forma de condicioná-las? Será que as “cem linguagens” de que nos fala Malaguzzi no seu poema, não estarão, desse modo, a ser limitadas? Sabemos que as crianças têm múltiplas maneiras de expressar os seus pensamentos, sentimentos e entendimentos do mundo, têm “cem linguagens”, ou seja, inúmeras formas pelas quais se expressam e cada uma dessas “cem linguagens” oferece uma via única para a comunicação e expressão. As imagens incentivam a exploração e a criatividade, permitindo à criança resolver problemas, cultivar a imaginação e criar. O poema *As Cem Linguagens das Crianças* sublinha o princípio de que as crianças são seres competentes e criativos, capazes de expressar as suas ideias de várias maneiras. Esta pluralidade de linguagens torna-se um desafio, não só para a educação tradicional, que muitas vezes privilegia formas limitadas de expressão, como a linguagem verbal e escrita, como também para as pedagogias designadas “alternativas”, como a Waldorf, que, embora veja a criança como participante ativa no processo de aprendizagem, não lhe permite usar as “cem mãos”, aceder aos “cem mundos para descobrir (...) para inventar (...) para sonhar”... Não ficará a criança, assim, muito aquém dos “cem modos de pensar”, essenciais para criar? Em futuras investigações seria interessante estudar os seténios seguintes e perceber o lugar das artes plásticas e como a imagem é utilizada e apropriada nos seguintes níveis educativos.

REFERÊNCIAS

| ' ' | | ' ' |

- Acaso, M. (2014). *La educación artística no son manualidades. Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual*. Los Libros de la Catarata.
- Antunes, I. (2014). *As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf. O Fazer Artístico da Criança*. Dissertação de Mestrado em Educação Artística. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes.
- APEPW (2024). Associação Portuguesa de Escolas com Pedagogia Waldorf.
<https://www.aepw.pt/>
- Barbosa, A., Cunha, F. (2010). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. Cortez Editora.
- Betti, R. (2020). *A Contribuição da Arte na Educação Infantil*. [Programa de Pós-graduação em Artes, Escola de Belas Artes] Repositório Científico da Universidade Federal de Minas Gerais.
<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34577/1/A%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20da%20arte%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil.pdf>
- Birdin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Qualitative Research for Education*. Porto Editora
- Burgo, F. (2021). A Consagração da Criatividade num mundo em (R)evolução. Educação Artística 2010-2020. Coleção Estudos e Reflexões. Coordenadores Falcão, M.; Leite, T.; Pereira, T. 29-33. Gráfica 99.
- Carlgren, F.; Klingborg, A. (2014). *Educação para a Liberdade*. 10ª ed. Antroposófica.
- Coutinho, C. (2023). *Metodologia e Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.ª ed.). Almedina.
- Charréu, L. (2018). *Infâncias, quadradinhos e ruralidade: Quatro fragmentos das histórias que vivi para me tornar no que sou*. Revista Digital do LAV. Santa Maria, 11(2), 135-146.
- Comissão nacional da Unesco (2006). *Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as capacidades criativas para o Século XXI*. Comissão Nacional da Unesco.
- Cunha, S. R. V. (2005). *Cenários da Educação Infantil*. *Educação & Realidade*. 30(2), 165-185.

- Cunha, S. R. V (2021). *Arte/Educação, Infância e Cultura Visual: territórios da docência e pesquisa*. (1ª Ed.). Editora ZOUK.
- Damásio, A. (2010). *O livro da consciência: A construção do cérebro consciente*. Círculo de Leitores.
- Damásio, A. (2011). *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. Círculo de Leitores.
- Dewey, J. (2010). *Arte como Experiência*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934).
- Duncum, P. (2003). *Visual Culture in the classroom*. *Art Education*, 56 (2), 25-32.
- Duncum, P. (2009). *Visual Culture in Art Education*. *Visual Arts Research*, 35 (1) 64-75.
- Duncum, P. (2010). *Seven Principles for Visual Culture Education*. *Art Education*, 63 (1), 6-10.
- Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos!*. Afrontamento.
- Freedman, K. (2003). *Teaching Visual Culture. Curriculum, Aesthetics, and the Social Life of Art*. Teachers College Press.
- Fróis, J. (coord.). (2000). *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garvey, C. (1992). *Brincar*. Edições Salamandra.
- Gobel, N., & McAlice, J. (1994). *Pedagogia Waldorf: Catálogo para a exposição apresentada por ocasião da 44.ª reunião da Conferência Internacional de Educação da UNESCO em Genebra*. UNESCO.
- Glottom, R., & Clero, C. (1971). *A atividade criadora na criança*. Editorial Estampa.
- Godinho, J., & Brito, M. (2010). *As artes no Jardim de Infância* (1a). Ministério de Educação. Ministério de Educação. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Goethe, W. (2013 [1840]). *Doutrina das cores*. Nova Alexandria.

- Henriques, R.P. (2017a). *Ritmos com sentido: Educar o corpo, a alma e o espírito em escolas Waldorf*. Sarmiento: Revista Galego-Portuguesa de História da Educación, 21, 173-189.
https://research.unl.pt/ws/portalfiles/12564056/Ritmos_com_sentido.pdf
- Henriques, R. P. (2017b). *Ser Professor Waldorf*. Em L.G. Correia, R. Leão & Poças, O Tempo dos Professores (pp.147-161). CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP).
https://run.unl.pt/bitstream/10362/69110/1/Ser_Professor_Waldorf_pages_149_163.pdf
- lavelberg, R. (2021). *O desenho cultivado das crianças: Prática e formação de educadores*. (3ª ed.). Zouk.
- lavelberg, R. & Menezes, F. (2013). *De Rousseau ao Modernismo*. *Revista Ars*, 11(21), 81-94. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2013.64458>
- Immordino-Yang, M.H. & Damásio, A. (2007). *We feel, therefore we learn: The relevance of affective and social neuroscience to education*. *Mind, Brain, and Education*, 1 (1), 3-10.
- Lanz, R. (1998). *A Pedagogia Waldorf: caminho para um Ensino mais humano*. (6.ªed.). Editora Antroposófica Lda.
- Lanz, R. (2005). *Noções Básicas de Antroposofia*. 7ª edição. Antroposófica.
- Lanz, R. (2024). *Pedagogia Waldorf: Um caminho para um ensino mais humano e consciente*. Alma dos Livros.
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. Artmed.
- Malaguzzi, L. (2022). *As Cem Linguagens das Crianças*. APEI, Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Mendes, A. (2015). *A educação da criatividade*. *Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional, Estética e Arte em Educação*. 59-70.

- Mendes, A. (2021). *De que falamos quando falamos de criatividade?* Educação Artística 2010-2020. Coleção Estudos e Reflexões. Coordenadores Falcão, M.; Leite, T.; Pereira, T. 23-28. Gráfica 99.
- Menezes, I. (2022). *Carta ética*. 2ª edição. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Mizieski, M. & Feldhaus, M. (2016). *Desconstruindo Estereótipos: Arte, Educação e Experiência Estética*. Criar Educação, 6(1). PPGE-UNESC
- Munari, B. (1981). *Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Editorial Presença. Martins Fontes.
- Pereira, B. (2022). *A Criatividade na Educação Pré-Escolar*. Relatório Final. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação. Politécnico de Coimbra.
- Pintassilgo, J., & Alves, L. A. M., (Org.) (2019). *Roteiros da inovação pedagógica: Escolas e experiências de referência em Portugal no século XX*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Possebon, E. (2009). *A Teoria das Cores de Goethe hoje*. Tese para obtenção do título de doutor. FAUUSP.
<http://www.sab.org.br/portal/images/Artigos/artes/teoria-das-cores-de-goethe/teoriadascotes-enniopossebon.pdf>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (2.ª ed.). Gradiva.
- Read, A. (2020[1943]). *Educação pela arte*. Edições 70.
- Robinson, K., & Aronica, L. (2009). *The Element*. Viking Penguin.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Edições Asa.
- Santos, S. (2006). *Educação, Arte e Jogo*. (2ª ed.). Editora Vozes
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério de Educação.

- Sousa, A., Iavelberg, R. & Oliveira, M. (2021). *Narrativas docentes na formação em artes visuais de educadores de infância e professores de 1º ciclo*. Em Barrientos-Baez, R. Moreno López & T. (Coords.), *Aportaciones docentes del EEES como innovación en las nuevas aulas* (pp. 325-338). Thomson Reuters.
- Spaggiari, S. & Rinaldi, C. (2022). *As cem linguagens das crianças*. (1ª ed.). APEI Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Steiner, R. (2012). *A educação da criança segundo a ciência espiritual*. (5ª ed.). Antroposófica.
- Steiner, R. (2013). *A Arte de Educar, Baseado na Compreensão do Ser Humano*. (2ª ed.). Antroposófica.
- Waldorf, I. V. (2024). *A Pedagogia Waldorf em Portugal*.
<https://waldorfinfanciaviva.org/pedagogia-waldorf/pedagogia-waldorf-portugal/>
- Waldorf, S. J. (2021). *Jardim de Infância Segundo a Pedagogia Waldorf*.
<https://saojorgewaldorf.com/>
- Yin, R. (2018). *Case Study Research and Applications – Design and Methods* (6ª ed.). Bookman. Cosmos Corporation SAGE.

APÊNDICES

|' '' | | ''

APÊNDICE A - CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

(de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo)

As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf

A presente entrevista surge no âmbito de um estudo realizado para a obtenção do grau de mestre em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa, orientado pela Professora Doutora Ana Sousa. Pretende identificar e caracterizar o modelo pedagógico, bem como o seu contributo para o desenvolvimento da criança tendo em conta o domínio da educação artística. Pretende ainda explicitar a importância das artes plásticas no desenvolvimento integral do indivíduo.

As entrevistas a realizar terão a duração aproximada de 30 minutos (o tempo será ajustado de acordo com a realização e no decurso das mesmas), presencialmente e serão gravadas, caso não exista oposição do/a entrevistado/a. A gravação será destruída até 6 meses após a prestação de provas públicas de mestrado. Será efetuada uma transcrição parcial das entrevistas. Na apresentação de dados e na dissertação no geral, poderão ser transcritos excertos, devidamente citados e sempre garantindo o caráter totalmente anónimo.

Esta entrevista tem o caráter voluntário na participação e não acarreta quaisquer prejuízos, caso não pretenda participar. A informação recolhida é anónima e confidencial, com uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Em qualquer caso, a sua identificação nunca será tornada pública.

A sua colaboração é da maior importância e contributo fundamental para atingir os objetivos a que nos propomos. Muito grata pela sua participação e contributo!

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura/s de quem pede consentimento:

Ana Catarina Martins 937528316, cat.rito@gmail.com

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Nome:

Assinatura:

Data: / /

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

(de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo)

As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf

A presente entrevista surge no âmbito de um estudo realizado para a obtenção do grau de mestre em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa, orientado pela Professora Doutora Ana Sousa. Pretende identificar e caracterizar o modelo pedagógico, bem como o seu contributo para o desenvolvimento da criança tendo em conta o domínio da educação artística. Pretende ainda explicitar a importância das artes plásticas no desenvolvimento integral do indivíduo.

As entrevistas a realizar terão a duração aproximada de 30 minutos (o tempo será ajustado de acordo com a realização e no decurso das mesmas), presencialmente e serão gravadas, caso não exista oposição do/a entrevistado/a. A gravação será destruída até 6 meses após a prestação de provas públicas de mestrado. Será efetuada uma transcrição parcial das entrevistas. Na apresentação de dados e na dissertação no geral, poderão ser transcritos excertos, devidamente citados e sempre garantindo o caráter totalmente anónimo.

Esta entrevista tem o caráter voluntário na participação e não acarreta quaisquer prejuízos, assistenciais ou outros, caso não pretenda participar. A informação recolhida é anónima e confidencial, com uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Em qualquer caso, a sua identificação nunca será tornada pública.

A sua colaboração é da maior importância e contributo fundamental para atingir os objetivos a que nos propomos. Muito grata pela sua participação e contributo!

Ana Catarina Martins 937528316, cat.rito@gmail.com

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura/s de quem pede consentimento:

.....

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito que o meu filho/a _____ participe neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Nome:

Assinatura: Data:/...../.....

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

Estimado Encarregado de Educação;

No âmbito de um estudo realizado para a obtenção do grau de mestre em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa, orientado pela Professora Doutora Ana Sousa sob o tema “As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf” convido o(a) seu(a) educando(a) a participar no mesmo. Este trabalho de investigação terá dois momentos, um no início da investigação e outra no término da mesma (novembro/dezembro e abril/maio). Será utilizada observação não participante e serão utilizadas como instrumento entrevistas (apenas às crianças de 5 e 6 anos).

A participação do(a) seu(a) educando(a) é voluntária. As sessões poderão vir a ser fotografadas. Estes registos serão apenas para efeitos de análise, enquanto material informativo sem referência a qualquer criança específica.

Solicito também a sua colaboração como pai/encarregado de educação (pais/encarregados educação das crianças de 5 e 6 anos) para uma entrevista a realizar no início da investigação (em momento a combinar presencialmente, por zoom, ou por escrito)

O tratamento dos dados obtidos garante o anonimato dos participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos mesmos.

Todos os dados recolhidos serão armazenados de forma a permitir a conformidade com a legislação portuguesa e da União Europeia relativa à proteção de dados e à privacidade. É inteiramente livre de participar ou não neste estudo. Se se voluntariar para participar no estudo, é livre de se retirar a qualquer momento sem consequências de qualquer tipo.

Se tiver qualquer questão poderá contactar:

A aluna Ana Catarina Martins, estudante do Mestrado em Educação Artística na Escola Superior de Educação de Lisboa, através do email: cat.rito@gmail.com,

A Professora Orientadora do Estudo Ana Sousa através do email: asousa@esex.ipl.pt,

O Coordenador do Curso de Mestrado em Educação Artística, Professor Miguel Falcão, através do email: miguel@esex.ipl.pt.

Eu, _____ compreendo os procedimentos acima descritos. As minhas questões foram respondidas de forma satisfatória. Concordo em participar neste estudo e autorizo a participação do meu educando _____.

Lisboa, ____ de _____ de 2023

Assinatura

Consentimento informado para o estudo – As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf

No âmbito do Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação de Lisboa, será realizado um estudo de caso sob o tema As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf, no Jardim de Infância S. Jorge, sendo que este trabalho de investigação utilizará observação não participante na Sala de Jardim de Infância onde serão observadas todas as crianças e serão realizadas entrevistas às crianças de 5 e 6 anos. Pretendemos também realizar entrevistas à equipa pedagógica (Diretora e Educadora) e famílias (Pais ou Encarregados Educação das crianças de 5 anos). Este estudo terá dois momentos, um primeiro entre os meses de novembro e dezembro e um segundo momento entre os meses de abril e maio.

Este estudo tem como objetivos:

- Aprofundar os fundamentos teóricos sobre o desenvolvimento do ser humano na perspetiva Waldorf
- Compreender o papel desempenhado pela prática das artes plásticas no desenvolvimento das seguintes competências: comunicacionais, autonomia e cooperação
- Observar as práticas plásticas em contexto de Jardim de Infância
- Analisar os objetos/materiais produzidos
- Compreender de que modo as propostas plásticas surgem a partir dos interesses das crianças e vão ao encontro dos seus interesses
- Observar a instrumentalização das artes plásticas em função dos momentos festivos
- Observar de que forma as artes plásticas proporcionam partilha entre o J.I. e as famílias

É importante salientar que a decisão de participação dos adultos e crianças neste estudo é inteiramente voluntária e que as suas decisões, sejam elas quais forem, não poderão prejudicá-los.

O investigador responsável pelo estudo estará ao seu dispor para lhe responder a qualquer dúvida ou esclarecimento necessário.

Se tiver qualquer questão poderá contactar:

Ana Catarina Martins estudante do Mestrado em Educação Artística na Escola Superior de Educação de Lisboa, através do email: cat.rito@gmail.com

A Professora Orientadora Ana Sousa, através do email: asousa@eselx.ipl.pt

O Coordenador do Curso de Mestrado em Educação Artística, Professor Miguel Falcão, através do email: miguelf@eselx.ipl.pt

APÊNDICE B - Transcrição da entrevista à Educadora.

1 - Pode falar-me sobre o seu percurso profissional?

O meu percurso profissional começou ainda antes de decidir ser educadora de infância. Ingressei em 1997, após o secundário, na faculdade de Belas Artes de Lisboa no curso de escultura. Após frequentar 3 anos do curso, percebi que gostaria de juntar as artes e as crianças. No curso de escultura ainda conheci uns amigos italianos que me apresentaram a pedagogia Waldorf e foram-me mostrando bibliografia do tema. Em 2001 entrei na Escola Superior de Educadores Maria Ulrich, onde, ainda muito superficial, ouvi e li sobre a antroposofia, mas sempre em formato autodidata, pois no curso ninguém falava de Rudolf Steiner. Ainda a estudar consegui fazer visitas guiadas no centro de arte moderna da Gulbenkian, mas depressa percebi que o tempo que estava com as crianças era pouco, sentia que queria conhecer mais as crianças e as suas histórias. Em 2005 começo a trabalhar num projeto que estava a dar os primeiros passos, a casa verdes anos onde fico 3 anos e depois saltitei entre projetos sempre ligados à pedagogia Waldorf: trabalhei num jardim de infância na Noruega; abri a casa jardim do sol em telheiras e em 2016 comecei a trabalhar no jardim de infância S.Jorge, onde estou até hoje.

2 - Porque decidiu trabalhar com a Pedagogia Waldorf?

Desde o primeiro contato com a pedagogia waldorf que senti que era a forma de estar na educação que me fazia sentido e que era a forma como me identificava a trabalhar. Conforme fui conhecendo mais sobre a pedagogia waldorf e sobre antroposofia vou cada vez mais me identificando e aprendendo esta forma de viver.

3 - Como organiza o espaço físico da sala? Qual a intenção na organização desse espaço?

O espaço físico da sala é organizado a pensar no tempo e no espaço das crianças que nela vivem. As crianças têm de sentir que a sala é um espaço onde podem construir as suas brincadeiras sem pressa e com liberdade de movimentos. É importante que todos os materiais sejam naturais e que estejam sempre cuidados. O cuidar do espaço é muito importante no dia-a-dia da sala. Limpar, remendar ou arranjar os materiais que estão a uso das crianças é uma das tarefas da educadora.

4 - Qual a importância da cor numa sala Waldorf? Que critérios considerou na escolha da cor para a sua sala de J.I.?

As cores numa sala de Jardim de Infância têm de ser o mais suave possível. As cores que as crianças usam nas atividades (desenho e aquarela) são as cores primárias, as cores dos panos, roupas de bonecas, capas e outros brinquedos são de tons suaves e da paleta do arco-íris. A cor escolhida para a parede da sala foi pintada de rosa pálido com pequenas pinceladas de amarelo. Todas as cores que existem na sala são cores que passam tranquilidade e não são intrusivas ao olhar de quem no espaço estiver (crianças e adultos)

5 - Que importância tem o espaço exterior?

O espaço exterior é um prolongamento do espaço interior. Ambos os espaços se complementam. As brincadeiras não são as mesmas, no espaço exterior, onde se desenvolve principalmente a motricidade grossa. O meu papel para melhor conhecer as crianças é observá-las em ambos os espaços.

6 - De que forma são escolhidas e decididas as atividades?

O ritmo dá estrutura e forma ao dia-a-dia das crianças permitem-lhes sentirem-se seguros e ajuda-os a saberem onde estão no mundo. As crianças precisam de eventos regulares marcando o dia, a semana e o ano do jardim de infância. As atividades são decididas no início do ano e assim se mantêm durante todo o ano.

7 - O que costuma fazer quando uma criança não quer participar numa atividade de forma recorrente?

Depende de vários fatores, mas o mais importante é preciso conhecer a criança para entendê-la. Conhecendo a criança e as suas circunstâncias podemos incentivá-la ou deixá-la. É importante observar se a criança não quer fazer a atividade uma vez, ou se é recorrente não querer fazer uma atividade.

8 - Considera importante desenvolver a criatividade nas crianças?

A criatividade não aparece só em atividades direcionadas ou em atividades artísticas, a criatividade é desenvolvida se as crianças tiverem tempo para elas próprias explorarem o mundo que as rodeia. A criatividade desenvolve-se quando as crianças têm um problema e o tentam resolver. Para existir criatividade tem de existir a curiosidade e a curiosidade aparece nas crianças quando elas confiam que o mundo é bom.

9 - De que forma estimula a criatividade, o sentido estético e crítico nas crianças?

Em vez de explicar como é estimulada a criatividade, sentido estético e crítico nas crianças, descrevo uma situação de brincadeira na sala:

Estavam a criança L. e a criança M. a brincar com as grandes caixas de madeira que existem na sala. Dentro da caixa maior a L. junta panos azuis (vários tons), panos lilases e panos verdes e diz para a M: “Anda a dar um mergulho na piscina!”

Quando, naturalmente, para as crianças uma piscina tem estas cores todas e não só azul, é um sinal que a criatividade e o sentido estético são vividos. Não é uma conversa teórica do adulto para as crianças, não são conceitos abstratos, mas sim fazem parte do mundo da criança. Esse estímulo, acredito é todo um conjunto de fatores importantes; a postura da educadora, os materiais e a liberdade vivida pela criança com esses mesmos materiais.

10 - Sente dificuldade na promoção da criatividade nas crianças? Se sim, quais são as dificuldades sentidas?

A maior dificuldade que sinto, em relação, ao desenvolvimento da criatividade das crianças, é a “competição” desleal entre o ambiente do jardim de infância e o ambiente dos desenhos animados/vídeos da televisão, telemóveis e tablets.

11 - Considera a expressão plástica uma forma de expressão da criança?

A expressão plástica é uma das várias formas da criança se exprimir.

12 - No dia a dia do J.I. de que forma é dada à criança a possibilidade de se exprimir artisticamente?

A criança tem autonomia para usar vários materiais, tal como; blocos de cera, cera de abelha e também paus, lama, folhas e todos os materiais naturais do jardim.

13 - Em que medida as ideias e interesses das crianças têm impacto nas atividades que são planeadas e realizadas durante o dia/semana?

Todos os dias as crianças trazem para partilhar histórias vividas em família. Trazem também a vontade de fazer um desenho para oferecer a alguém, trazem vontade de fazer uma aguarela para mostrar a um familiar. As atividades acontecem na sua rotina, mas há sempre tempo no dia-a-dia para que as crianças desenvolvam a sua vontade do fazer.

14 - Sente o envolvimento das crianças quando promove atividades de expressão plástica? De que forma?

As crianças estão envolvidas nas atividades de expressão plástica no dia-a-dia do jardim de infância. Ajudam a preparar as atividades, realizam-nas e ajudam a arrumar.

APÊNDICE C - Transcrição da entrevista à educadora/atelierista Eva Herre

1 - Pode apresentar-se?

Sou alemã, fiz a minha formação como educadora de infância na Alemanha, vim para Portugal em 1987 e vivi e trabalhei no Porto no Colégio Alemão. Conhecia a Pedagogia Waldorf já na Alemanha, e fiz a Formação Waldorf lá também, em Stuttgart. Iniciei o projeto de Jardim de Infância Waldorf em Barão de São João (Lagos) em 1992. Atualmente ofereço arte terapia e workshops de pintura para crianças e adultos e sou professora de pintura no Percurso Waldorf em Lisboa. Já não estou ativa como educadora, mas visito jardins de infância como mentora para as equipas pedagógicas.

2 - Em linhas gerais, o que distingue um jardim de infância Waldorf de um jardim de infância convencional?

No jardim de infância Waldorf temos educadores que consideram muito importante a autoeducação, olham e refletem para si próprios, observam bem as crianças e querem ser um bom exemplo para as crianças. Estudam o desenvolvimento espiritual, conhecimento que advém do Rudolf Steiner, quem é a criança no primeiro seténio e de onde vem. Para o educador é um presente poder acompanhar estes seres que chegam do cosmos, para se incarnar na terra. Também a escolha dos materiais dos brinquedos e diferente, mais natural.

3 – O que é ser Criança num Jardim de Infância Waldorf?

É ser uma criança que ainda pode ser criança, que pode brincar, não queremos pequenos adultos, pequenos intelectuais. São crianças que podem descobrir com movimento e brincadeira o seu mundo e a si próprias. Uma criança livre, isto não significa que a criança possa fazer o que quer, mas onde adultos sabem o que cada criança precisa para um desenvolvimento saudável.

4 – Porque é que é tão importante a Educação Waldorf nos primeiros anos?

Porque é uma educação saudável que tem a ver com o espírito, a alma e o corpo, três elementos fundamentais para o ser humano, um olhar para o todo da criança. Transmite a vivência de que o mundo é bom, dá modelos saudáveis.

5 - Quais os princípios que considera mais relevantes nesta pedagogia?

Ser Modelo e Imitação, Ritmo e Repetição. Tudo o que eu faço penso e sinto repercute-se na criança, o educador é um modelo para a criança e mostra isso na sua atitude. A criança aprende por imitação, o dia é composto por ritmo, brincar dentro e lá fora, a alimentação, as atividades artísticas que se repetem semanalmente; o ritmo do ano, as festas, que são pontos altos na vida da criança. O jardim de infância funciona como uma grande casa.

6 - Artes plásticas e manualidades são áreas distintas na Pedagogia Waldorf?

Manualidades no jardim e infância são poucas, cosem-se os vestidos das bonecas, fazem-se saquinhos, borda-se, se uma coisa está estragada cose-se, repara-se. O educador é ativo, esta entrega em uma actividade e a criança imita a atitude, postura, vontade. Assim criamos um ambiente de “fazer com alegria” na sala, a criança também

quer ter um fio, lã, agulha e também elas criam. As artes plásticas entram no desenho livre e nas aguarelas; as manualidades dependem um bocadinho do jeito do educador, no meu caso estava muito envolvida no tingimento natural através de flores e plantas naturais por isso levava estas vivências para o jardim de infância, outros colegas trazem vivências de carpintaria, fazer feltro, lã, lavar, cardar, etc.

7 - O Currículo Waldorf no primeiro seténio incide mais em que área?

No primeiro seténio (e também no segundo) estão presentes a pintura com aguarela uma vez por semana, ritmicamente, desenho todos os dias ou nalgumas situações também ritmicamente uma vez por semana, carpintaria também semanal e outros trabalhos manuais como tear.

8 - Entre os meios de expressão visual que podemos utilizar, para si, quais são os mais indicados para explorar com a criança no primeiro seténio?

A aguarela, a aguarela tem muito a ver com a criança pequena, ténue, fluente, tem cores suaves e bonitas que nutrem a criança. O desenho também é muito importante, aqui expressa a criança o seu próprio desenvolvimento.

9 - Que técnicas de expressão plástica são usadas no dia a dia do jardim de infância?

Temos um dia de modelagem, mas em vez de modelar com barro, no jardim de infância usamos a cera de abelha, esta é uma atividade artística semanal, o barro é usado mais lá fora, as crianças fazem-no naturalmente lá fora, no jardim misturando terra e água. O barro não é usado para fazer objetos, mas para brincar e modelar livre e naturalmente.

10 - A criatividade desenvolve-se a partir do conhecimento, quanto mais a criança vê, quanto mais referências tiver, mais irá desenvolver a sua criatividade. Por outro lado, a ausência de imagens e a falta de acesso a referências visuais poderão originar alguns bloqueios. Concorda com esta afirmação? Porquê?

Que tipo de imagens? Vivas, naturais e que podem ser vivenciadas através dos sentidos ou imagens mortas que são transmitidas pela televisão. Depende do tipo de imagens e da criança em si, nós queremos que a criança tenha imagens mais naturais e autênticas, originais. Imagens que deixam as crianças livres, imagens belas que devem estar lá.

As histórias são muito importantes para a criação de imagens por parte da criança, histórias sem ilustração, para que a criança possa construir a sua imagem.

11 - A Pedagogia Waldorf permite o acesso a referências no âmbito das artes visuais para o desenvolvimento da criatividade da criança?

Imagens sim, mas criteriosamente escolhidas, imagens de artistas por exemplo. Damos imagens o mais verdadeiras possíveis, imagens esteticamente belas, que não “gritem”, suaves.

12 - A criança de hoje é exposta constantemente à imagem. De que forma a Pedagogia Waldorf integra (ou não) este facto na sua ação em contexto

educativo? Ignora? Reverte, isto é, introduz eventuais “antídotos”? Ou ainda valoriza ou extrai benefícios desta realidade?

A criança muitas vezes vive em dois mundos, um com os pais, outro no jardim de infância, são mundos diferentes, que exigem clarear/clarificar. O jardim tenta reduzir muito as imagens por que sabemos que a criança tem muito contato com imagens, logo não oferecendo dá-se o equilíbrio. Não é preciso muito, as crianças são sobrecarregadas. Se há imagens demais à volta das crianças, as crianças já não conseguem criar as suas próprias imagens

13 - Como trabalha/trabalhava as artes visuais na sua sala? A imagem é/era integrada?

Enquanto educadora mantendo o ritmo semanal, dedicando uma manhã à atividade de pintura. Agora já não estou em sala...

14 - As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar promovem a observação e o contato de diferentes modalidades das artes visuais (pintura, escultura, fotografia, cinema, banda desenhada, etc.) em diferentes contextos (museus, galerias, monumentos, etc.). O plano anual de atividades do jardim de infância contempla este tipo de recursos/atividades?

Não. Um artista vai ao jardim de infância e pinta em frente aos meninos, traz-se a vivência para dentro do jardim, isto na vertente artística. Por vezes saímos para ir conhecer a comunidade. O teatro por exemplo, apresenta-se à comunidade, as crianças praticam durante algum tempo e depois fazem uma apresentação. Em festas é comum recebermos teatro de marionetas. A fotografia, o cinema e a banda desenhada não estão presentes no jardim de infância, mas as artes visuais podem estar presentes nas salas, por exemplo, é comum vermos a Madona Cistina ou um postal com uma imagem em cima da mesa da estação. Os próprios educadores praticam e fazem trabalhos artísticos, pinturas e envolvem-se nos trabalhos dos artistas. Este é um “alimento” para o educador, é muito importante este contato com artes visuais, com a escultura por exemplo. Fazer arte ajuda na criação da vontade e encontrar o nosso equilíbrio.

APÊNDICE D - Transcrição das entrevistas às crianças

Apresentação: M. (P1) / R. (P2) / M. (P3)

11/12/2023

1 - Olá M. olá R., olá M. Obrigada por ficarem comigo este bocadinho do vosso intervalo. Eu gostava de saber com quem vivem.

P1 – com o mano.

- Tens um mano? E mais?

P1 - Um pai e uma mãe.

- E o R., com quem é que vive?

P2 - Eu tenho o Santiago, a minha mãe e o meu pai e as minhas cadelas e os meus gatos.

- Quantas cadelas são?

P2 - São duas, antes eu tinha três só que um virou uma estrelinha e agora eu tenho dois.

P1 - Eu também tenho uma.

- Um quê, uma gata? E como se chama a tua gata?

P1 - Miugie.

P2 -A minha é Jonas, Kallie, Upie e os meus cães são Brownie e Lira.

- Muito bem, e tu Madalena, com quem é que tu vives?

P3 - Com um mano Baltazar e com uma mãe e um pai e dois cães.

- Dois cães? E como é que eles se chamam?

P3 - Ah sim, a Esperança, tenho 2 irmões.

- E a Esperança anda aqui na escola, na tua sala?

P3 - Sim é aquela que tem o cabelo dourado.

- Como o teu. Só que o teu tem caracóis e o dela é liso

P3 - O meu mano está lá em cima, só que hoje está doente. Na sala da Joana.

2 - Gostam de vir para a escola?

P1 – Sim

P3 – Mais ou menos

P2 – Eu gosto muito, mas mais do Dino Parque e do Jump Yard.

3 - O que fazem na escola?

P2 - Brincamos e agora vamos para a escola primária.

P1 - Brinco

- Brincam...

P3 - Cera de abelha, fazer coisas, desenhos, fazemos os anõezinhos, pintura.

Eu disse coser coisas.

- Coses coisas, pintura, desenho, cera de abelha

P3 - Velas.

P1 - Eu já fiz a minha, e eu também.

4 - O que mais gostam na escola? Porquê?

P1 - Brincar

P3 - Brincar lá fora

P2 - Fazer uma vela.

- Gostaste de fazer a vela que fizeram hoje para presente para oferecerem aos pais no Natal?

P1 - Não, é para nós levarmos para casa.

- É para vocês? Mesmo?

5 – O que gostam menos de fazer na escola? Porquê?

P1 - Alguns almoços. Tipo quinoa

P2 - Há uma coisa que eu odeio, então a Rita faz um chá de mel com limão.

P3 - Um dia eu provei uma coisa horrível! Toranja

- Não gostas de toranja?

P3 - Não

P2 - Um dia eu comi uma coisa que não gostei. Se o R. estivesse cá também era o R....

- Um dia eu venho falar com o R., ele hoje não está cá, não pude falar hoje com ele.

6 - E das atividades que vocês fazem na escola, na sala, o que vocês gostam menos de fazer?

P1 - De fazer pinturas

P3 - Eu gosto de quase tudo porque as pinturas é mais ou menos, dos desenhos eu gosto muito

P2 - A pintura também é para mim mais ou menos.

P3 - Eu não gosto de pinturas

7 - Qual é a vossa favorita, aquela que gostam mais?

P1 - Motas e polícias

P2 - Gosto de brincar aos dinossauros

P3 - Eu não me lembro...

P1 - Gostas de brincar com a Esperança...

P3 - Quando brincam aos polícias, nós só fugimos de vocês.

P2 - E ao dragão e ao cavaleiro

8 - Gostam da vossa sala? Porquê?

P1 - É claro que sim

P3 - É claro que sim

P2 - Eu também

9 – Em sala qual é a vossa atividade favorita, aquela que vocês mais gostam?

P1 - Brincar com a cera

P3 - desenhos

P2 - eu gosto muito, muito, muito de brincar

10 - Gostam de desenhar?

Todos - Hum. Hum, ...

- R. o que tu mais gostas de desenhar?

P2 - Gosto mais de desenhar dinossauros

- M.?

P1 - Desenhos coloridos

- Fazer desenhos coloridos, e a Madalena

P3 - Eu ... desenhar o Olívia a fazer uma coisa, a Olívia está a dormir e ela não vê.

- A Olívia é uma amiga?

P3 - Sim, mas isso é a coisa mais engraçada que eu acho. Então é assim, um dia a Olívia estava a dormir tão ferradas que nem viu, nem reparou que fez uma coisa muito engraçada. Então, pôs a cabeça dentro das cuecas e depois ela fez, sabem o que?

P1 e P2 - O quê?

P3 - Cocó na cabeça dela

(todos riem)

11 – Gostam de pintar?

P2 - Gosto

- Tu gostas de pintar e o M.?

P1 - Mais ou menos

- E a M.?

P3 - Mais ou menos

12 - Qual é a vossa cor favorita?

P1 - A minha cor é vermelho, porque eu sou do Benfica.

P2 – Verde

Olho para a M., o M. precipita-se e diz:

P1 - Rosa, eu sabia

P3 – Azul

- Eu - Azul!

13 - O que é um artista?

P1 - Eu sei

P2 – Eu sei

P3 – É uma pessoa que pinta pinturas. Retratos e quadros

14 - Conhecem algum artista?

P1 – Eu não

P3 – Não, eu não

P2 – não

15 - Acham que são artistas? Porquê?

P1 -Não

P2 - Eu sou

P3 – não. Isso seria uma seca,

P1 - Yeah! Estávamos sempre a pintar...

- M. tu não és uma artista?

P3 – Não

M., tu não és um artista? P

P1 - Não

- Porquê?

P1 - Porque não

- Mas o R. disse que era um artista. Porquê R.?

P2 - Porque gosto de pintar

- Muito bem...

16 - Já foram a um museu?

P1 - Eu não

P3 - Eu tenho um museu ao pé da minha casa

- E já foste lá?

P3 - Não

P2 - Eu só fui a uma exposição dos dinossauros

- A exposição dos dinossauros no parque dos dinossauros?

P2 - Não. O parque dos dinossauros é no Dino Parque na Lourinhã

- E foi aí que tu foste a esse parque?

P2 - Não porque o Dino Parque era mais longe na Lourinhã

- Então tu foste a uma exposição onde viste dinossauros

P2 - Sim

- E tu lembras-te como se chamava essa exposição

P2 - Não. Ela estava no meio da estrada

- E com quem é que tu foste?

P2 - Com o Francisco, com a Margarida, ela tinha caído numa pedra

- Os pais também foram?

P2 - Sim

- Os teus pais ou os dos teus amigos?

P2 - Os dos amigos, os meus...

- Foram os pais e os amigos?

17 - Gostam de ouvir histórias? Contadas oralmente ou com livros?

P3 - Eu adoro

- Gostas de ouvir histórias M..

P3 - Sim

- E gostam que vos contem histórias com livro ou sem livro?

P3 - Sempre que eu vou para acama o meu pai conta-me uma história

- E conta com livro ou sem livro?

P3 - Conta com o livro, conta sem livro, às vezes conta dois livros. As minhas histórias preferidas são as do meu pai porque há partes que ele faz piadas. O pai conta a história com livro, sem livro, o pai inventa as histórias. E depois lá na história então ele diz assim. E depois a Esperança fez um cagalhão e a Madalena comeu o cagalhão.

- E tu achas graça a essas histórias?

E o M.? M., tu gostas de ouvir histórias?

P1 - Hum, hum

- Os pais contam-te histórias?

P1 - Hum, hum

- E a R. (educadora) conta histórias

Todos - Hum, hum

- E com livros ou sem livro, oralmente sem livro

P2 - Em casa com livro,

P1 - Com a minha mãe também é com o livro

- Ouvem histórias com livro, a R. também conta histórias com livro?

Todos - Hum, hum

18 - E esses livros tem ilustrações? Têm desenhos, tem imagens, ou só tem letras?

P3 - O da escola não

P1 - Os meus tem imagens

P2 - Os meus também

- E gostam mais de ver livros só com palavras ou com imagens?

Todos - Com imagens.

P2 - o meu pai um dia contou-me uma história que era um menino que estava disfarçado só que era na verdade era só um cocó.

- Oh meu Deus!

19 - E livros de banda desenhada, vocês já ouviram falar de livros de banda desenhada?

P1 - De banda desenhada, é o quê?

- São livros assim com quadrinhos, na mesma página tem muitos quadrinhos com várias imagens

P2 - Eu tenho livros de banda desenhada

P3 - Eu não

- Eu já terminei, obrigada eu só tinha estas perguntas para fazer. Queres dizer alguma coisa R.?

P2 – Não

Não queres dizer mais nada. E tu queres dizer alguma coisa M. aqui para minha gravação? Então muito obrigada, gostei muito de falar convosco.

18/01/2024

Apresentação: L. (P4) /F. (P5)

Olá L., olá F., obrigada por falarem agora um bocadinho comigo.

- Eu gostava de saber que idade é que tu tens L.?

P4 - Eu tenho... Eu não sei quantos são estes (olha para os dedos)

Eu - Então vamos contá-los. Quantos são?

Todos - 1 2 3 4 5

- Tens só esta mão ou também tens este dedo ainda?

P5 – 1 2 3 4 5 6

- 6 anos Luna! E tu Francisco?

P5 - 5

– 5! E vocês vivem com quem?

P5 – Eu vivo com a mãe, o pai mudou do Algarve para cá e amanhã é o pai que me vem buscar e vai-me deixar em casa da avó que eu vou dormir lá.

– Que sorte! E tua L.?

P4 – Eu ainda não dormi na casa da minha avó e eu vivo com a minha mãe e com o meu pai porque eles mudaram de casa, mas à mesma eu vivo com eles os dois.

– Na casa nova, e estás a gostar da tua casa nova?

P4 – Não é nova é antiga.

P5 – a minha mãe vive em casa o pai vive em Linda a Velha.

- E vocês gostam de vir para a escola?

Todos - Gostamos

- O que vocês fazem na escola?

P4 – Nós fazemos sempre o mesmo. É primeiro brincar, depois...

P5 – Não é assim... brincar aqui dentro, comemos a fruta, irmos à casa de banho, comer a fruta, brincar lá para fora, dormir a sesta, lanchar, ir lá para fora e ir para casa.

- E o que mais gostam da escola?

P5 – Brincar.

P4 – Eu mais gosto de brincar, almoçar e dormir a sesta

- E porquê?

P4 – Dormir a sesta, eu antes não gostava nada, era o pior da escola, agora como sou mais crescida eu já gosto de dormir a sesta, hoje eu fui a última a acordar.

– Hoje foi mesmo uma sesta descansada

P5 – Não, não... o Gui... A Rita disse para o Gui ficara qui deitado a tarde inteira.

- E o que é que vocês têm aqui na escola que vocês não gostam muito?

P5 – O quê?

– Eu coisa de que não gostem? Gostam de tudo na escola ou há alguma coisa de que não gostam?

P5 – Eu não gosto de alguns almoços, feijoada

P4 – Eu gosto de feijoada

P5 – e mais nada

- O que gostam menos de fazer na escola?

P4 – Eu antes gostava menos de fazer na escola, mas agora gosto mais de fazer na escola é de dormir a sesta.

– Já me tinhas dito, realmente, e tu Francisco, o que menos gostas de fazer na escola?

P5 – É dormir a sesta

– Muito bem! E qual é a vossa brincadeira preferida?

P4 – A minha brincadeira preferida é brincar aos unicórnios com a minha mãe.

– E aqui na escola?

P4 – Não, não, aqui na escola eu brinco ... a minha brincadeira é brincar aos unicórnios com a M.

P5 - A minha brincadeira é brincar com os dragões dinossauros robots, são uns dinossauros normais que se transformam em unicórnios.

- E gostam da vossa sala?

P4 – Gostamos

P5 – Sim

- Porquê?

P5 – Porque sim.

P4 – Sim

- O que é que a sala em que vos faz gostar dela?

P5 – Os brinquedos

P4 – Sim. E quando a Margarida não está aqui eu e o Francisco brincamos juntos com as caixas aos dinossauros.

P5 – Lá!

- Então e aqui na sala qual é a vossa atividade preferida?

P5 – Nós não temos atividades.

- Não? Por exemplo aguarela...

P4 – Sim, nós temos aguarela.

– Fazer o pão?

P4 – Fazemos.

P5 – Não é aguarela aquilo

– então é o quê?

P5 – Nós temos baldes de tinta e despejamos para uns blocos e depois pintamos

– Os blocos de cera, têm muitas atividades.

P5 – Não, são blocos de vidro

– Então de todas essas atividades qual é a que tu mais gostas F.?

P5 – É a pintura

- Pintura, e tu (olho para a L.)?

P4 – A que eu mais gosto é coser, nós também cosemos com uma agulha muito grande.

– E tu achas divertido

P4 - Queres que eu te mostre

– Podes mostrar no final?

P4 – Sim.

– No final mostras-me, então. Então e destas atividades qual é a que tu menos gostas de fazer Luna?

P4 – A que menos eu gosto de fazer é de fazer pão, porque eu não gosto nada de fazer pão

– E tu Francisco, qual é que menos gostas de fazer?

P5 – É dormir a sesta.

– É? E gostam de desenhar?

P5 – Sim

P4 – Gostamos

– E o que é que mais gostam de desenhar? Quando fazem um desenho o que é que gostam de fazer?

P5 – Eu gosto de fazer vulcões e dinossauros

P4 – Tu nunca fizeste isso Francisco!

P5 – Já, já

– Já tentaste não é, pelo menos? E tu Luna, o que é que gostas de desenhar?

P4 – O que eu mais gosto

P5 – Vou mostrar

– Mostras no final, está bem Francisco? Eu vou ver o coração da Luna e vou ver os teus desenhos.

P5 – O meu desenho e o meu anão.

– Sim

P4 – A minha pintura favorita é desenhar a minha família

P5 – e a minha é desenhar vulcões, dinossauros e a minha família.

– Desenhar. Eu agora ia perguntar, e pintar, gostam?

P5 – Sim

– Já me tinham dito que sim. E qual é a vossa cor favorita?

P4 – A minha cor favorita é rosa

P5 – A minha é todas, é arco íris

– As sete cores do arco-íris?

P5 – Não, são todas

– Gostas de todas?

P5 – Até o preto e o branco

– Muito bem. E vocês sabem o que é um artista?

P4 – Sabemos

P5 - Sei

- O que é um artista?

P4 – Um artista é uma coisa que ...

P5 – É uma pessoa que sabe fazer muito bem pinturas

P4 – Si, eu já conheço o Van Gogh de pessoa, porque ele já foi à minha escola antiga.

– Uau! Que sorte! Então tu já conheces um artista

P4 – Sim

– E tu conheces algum artista Francisco?

P5 – Não

P4 – Eu tenho um livro dum artista

– Tens um amigo artista, muito bem

P4 – Sim, eu tenho um livro dum artista e um amigo artista

– Ah! Um livro, muito bem! Como se chama esse teu amigo artista?

P4 – Van Gogh

– Ah, o Van Gogh

– E vocês...

P5 – Eu também sou um artista

– Era isso que eu ia perguntar tu és um artista Francisco? E tu és uma artista?

P4 – Sim

– Porque é que vocês são artistas?

P4 – Porque nós pintamos muito aqui na escola

P5 – Sim

- E já foram a um museu?

P5 – Eu já

P4 - Não

– Com quem?

P5 – Com a avó e com o avô

P4 – Eu não fui a um museu

P5 - e tinha um bloco de vidro gigante com um Playmobil de dinossauro inteiro montado com várias coisas e uma mãe T-Rex e um bebé T-Rex preso

– Que incrível!

P5 – E os caçadores estavam a levar o bebé.

– Olha, e tu gostaste de ir a esse museu?

P5 – Não tinha ossos

– Não tinha ossos, só tinha construções de Playmobil

P5 – Não...

– de lego

P5 – não

– Não?

P5 – Tinha um Pequeno Trossauro

– Era uma Museu de Dinossauros

P5 – Sim, e tinha muitos Lourinhãlossauros.

– Muito bem

P4 – A Rita já foi a um Museu de dinossauros que tinha um cristal gigante

– Uau!

P5 – Eu gosto muito de dinossauros

– E de histórias? Gostam de ouvir histórias?

P4 – Não. Eu tenho um livro dos animais, e não é um livro dos dinossauros

– E não gostas de ouvir histórias?

P4 – Hum, gosto

– Médio? Mais ou menos? E gostas mais de ouvir histórias contadas ou através do livro? Gostas de ouvir uma história em que estás a ver o livro ou só a imaginar?

P4 – Gosto de ver a história do Corti que é imaginar

– Imaginar. E tu Francisco? Gostas de histórias?

P5 – De imaginárias e de livros

– E de livros...

P5 – Há uma história do Miguel que o Miguel vive na praia do Carvoeiro que é numa casa vermelha e branca

– E tu viste essa imagem no livro ou imaginas como é que será essa casa?

P5 – Imagino não, eu já vi.

– Já viste? Uau

P5 – Existe essa praia

– Pois existe, a praia do Carvoeiro. E os livros que vocês costumam ver têm desenhos? Ilustrações?

P5 – Sim

– E vocês gostam de livros... preferem livros com esses desenhos, com ilustrações ou sem ilustrações?

P5 – Com desenhos

– Com ilustrações?

P5 – Sim

– Tu também?

P4 – Sim

– E livros de Banda Desenhada? Vocês já viram? Sabem o que é?

P4 – Não

P5 – Eu sei

– Sabes? E gostas?

P5 – Eu tenho uma banda desenhada dos Minions

– Hum, muito bem!

P5 – Tenho muitas cartas.

– Muito obrigada pela vossa colaboração! Já terminámos.

Focus Grupo 23.04.24

P1/P2/P3 (faltou)/P4/P5/P6

- Olá. Gostava de saber se gostam de vir para a escola?

P2 – Não, eu não gosto

P1 - Sim

P4 - Eu amo

P6 - É a pior coisa do Universo

- Essa cara não me parece de quem odeia! O que é que vocês fazem na escola?

P5- Almoçamos, vamos à casa de banho. Fazemos cocó

- Eu estou a gravar a vossa voz, se vocês falarem todos ao mesmo tempo eu chego a casa e não consigo perceber nada

- Das coisas que fazem na escola o que mais gostam de fazer?

P2 - O que eu mais gosto é de comer massinha com molho de tomate

P4 - Também eu

P5 - Também eu

- E o que gostam menos?

P1 - De quinoa

P6 - Arroz de atum. Posso mostrar-te o nosso tear?

- Assim não reconheço as vossas vozes e não entendo o que dizem... Se disser um de cada vez é mais fácil

- Qual é a vossa brincadeira favorita

P4 – Brincar aos cavalinhos com a Megui

P5- Brincar aos acampamentos de crustáceos

P6 - Policias

- Na sala com a R. qual é a atividade que mais gostam de fazer?

P1 - Brincar

P6 - Fazer o tear

P5 - Não fazemos atividades aqui

- Então não fazem? Aquarela, desenho

P2 - A minha é aquarela e desenho

P4 - Tear

(todos quiseram mostrar o seu tear)

- Estão muito avançados, estão espetaculares, uau!

- E gostam de desenhar?

P1 - Gosto

P6 - Sim

P4 - Eu amo

- E o que mais gostam de desenhar?

P1 - Colorido

P5 - Não, não, não, Arco Íris

P2 - Dinossauros

- E de pintar, gostam?

Todos - Siiiiim

- Agora esta pergunta é para um de cada vez.

Todos - Ok

- Qual é a tua cor favorita?

P2 - Verde

- Deixa ouvir a L., vamos seguir assim

P4 – a minha cor favorita é azul e rosa

P5 - Eu sabia

- A tua Francisco...

P5 - Arco íris

- Gostas de todas, quase todas

P2 - Vermelho e amarelo

P1 - Vermelho amarelo preto e branco

P6 - Vermelho, dourado, prateado e verde

- E o que é um artista?

P1 - Artista é que pinta as coisas assim (gesticula e trauteia)

Eu estava a perguntar o que é um artista e o M. disse que era um senhor que pinta e canta, ao mesmo tempo?

P1 – Não

Ah só pinta?

P1 - Sim

- Acham que um artista é alguém que pinta?

P5 - Pinta muito bem

- Pinta muito bem. E conhecem algum artista?

P4 – Eu conheço o Van Gogh, pessoal

- Conheces pessoalmente o Van Gogh?

P4 - Sim ele foi à minha escola antiga

- E vocês são artistas?

P1 - Não

P2 - Não

P5 - Não

P6 - Eu conheço muito artistas, o meu pai que é baterista, ele tem 3 bandas, duas

- Uau, e tu também tocas bateria?

P6 - Não

- E vais tocar um dia ou não gostas muito? É muito barulhento?

P6 acena com a cabeça

- E porque é que vocês acham que não são artistas

P4 – Eu sou artista

- Ai és?

P4 - Eu pinto arco íris e unicórnios e outras coisas

- Já foram a um museu? Ver o trabalho dos artistas?

P5 - Um dia vou ver o T Rex

P2 - Eu já fui. Fui ao Dino Parque na Lourinhã

P6 - Eu Também

P2 - Foste comigo, o R.

P4 - Eu fui ao parque da Mónica

- Gostaram. Eu já lá fui e gostei imenso

P2 - Eu fui com a M., o R., o M., nos ficámos lá até à noite.

P5 - E a O.

P2 - Eu disse Olívia

P5 - Não, não, não.

- E gostam de ouvir histórias?

P5 - Não

P4 - Eu gosto

- Vocês ouvem histórias durante o dia?

P5 - Não

P6 - Eu de vez em quando

- E quando vocês vão dormir a sesta aqui na escola, a R. não conta uma história?

P6 - Conta

R., gostas mais de histórias contadas, como a R. conta quando vão dormira sesta ou como os pais contam em casa a ler o livro?

P6 - Eu a ver o livro

- Gostas mais de ver o livro?

- E os livros tem ilustrações? Sabem o que são ilustrações?

P6 - Eu sei, Imagens

- Os vossos livros têm imagens

P6 - Sim

- E gostam mais de livros com imagens ou sem imagens?

Todos - Com imagens

- E livros de banda desenhada. Conhecem

P5 - Eu tenho

- Queres explicar aos amigos?

P5 – Não. Tem bonecos

- Como veem foi muito rápido, obrigada.

APÊNDICE E - Transcrição da Entrevista a pais

As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf

A presente entrevista surge no âmbito de um estudo realizado para a obtenção do grau de mestre em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa, orientado pela Professora Doutora Ana Sousa. Pretende identificar e caracterizar o modelo pedagógico, bem como o seu contributo para o desenvolvimento da criança tendo em conta o domínio da educação artística. Pretende ainda explicitar a importância das artes plásticas no desenvolvimento integral do indivíduo.

A informação recolhida é anónima e confidencial, com uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Em qualquer caso, a sua identificação nunca será tornada pública.

A sua colaboração é da maior importância e contributo fundamental para atingir os objetivos a que nos propomos. Muito grata pela sua participação!

Idade 33

1. Porque escolheu um Jardim de infância Waldorf?

Inicialmente pelo contato com a natureza porque percebi que naquele JI as crianças teriam contato diário com a natureza.

2. De todos os princípios porque se rege uma escola Waldorf, qual é para si o mais relevante?

O interesse amoroso e aceitação de cada criança, o contato com a natureza é importante e o que me levou até lá, mas ao conhecer a pedagogia posso dizer que este princípio é de fato o mais importante

3. O seu filho fala da escola em casa? Se sim, o que ele relata?

Todos os dias, umas vezes mais outras menos, mas todos os dias conta o que fez. Aina ontem contou que levou uma paulada da Madalena. Normalmente ele conta-me tudo, fala das relações com os amigos, também fala dos projetos, ele gosta de cozer por exemplo, mas eventualmente também fala das professoras

4. O seu filho tem contato com arte? De que forma?

O pai é músico, portanto com essa parte tem. Ele gosta de tocar piano, temos um piano em casa e ele gosta muito e tem os desenhos dele, agora não tem desenhado tanto mas quando era pequenino desenhava muito. E na escola desenha, na escola tem as manualidades se considerarmos...

5. Em casa, o seu filho tem acesso a ecrãs?

No nosso caso infelizmente, nós pais somos muito viciados em ecrãs e usamos à frente deles, tentamos que não aconteça, mas acontece. Ele não tem telemóvel, mas usa por vezes o nosso, tentamos que não seja numa base diária. A televisão tentamos restringir, eles veem ao fim de semana, mas durante a semana não.

6. Em casa, o seu filho tem livros ilustrados?

Sim tem. Uma amiga manda-nos muitos livros, não são muito seleccionados, os que compramos são mais alinhados com ele. Ele tem inclusivamente A Bíblia, ilustrada para crianças, mas chegámos á conclusão que não era adequada e retirámos. As ilustrações não são muito bonitas. Ele tem muito interesse por livros, tentamos ler todos os dias uma história à noite, ou então pega um livro e fica connosco na sala a ver porque não brinca no quarto.

7. Ao contar uma história privilegia o conto oral ou recorre a livros infantis?

O mais habitual é usar livros, mais recentemente com o mais pequenino comecei a inventar histórias e como as conto tantas vezes... surgiu de forma espontânea e não são contos tradicionais.

8. Ao decorar o quarto do seu filho, teve especial atenção a que elementos?

Em termos de mobiliário tentámos usar mais madeira, cama, secretária e mesa de madeira do IKEA. Ao nível de brinquedos são muitos os materiais.

9. Que brinquedos se encontram no quarto do seu filho?

De tudo um pouco, carrinhos, pistas, temos bonecos pequeninos, bonecas tipo bebés, blocos de construção, legos, animais (marca alemã), alguns puzzles. O Mateus quando era pequenino tinha muito interesse por puzzles, entretanto perdeu. Alguns de madeira outros de plástico.

10. Ao comprar um brinquedo o que privilegia? (privilegia a estética, se é belo, privilegia o que o brinquedo propõe desenvolver, se é didático ou privilegia o material de que é feito ou a sua utilidade).

Penso muito na qualidade e para além disso penso sempre no que ele gosta, a sua utilidade, qualidade e ecologia do brinquedo, se é ecológico. Mas o mais determinante é o interesse dele, ele agora quer uma prancha de spinning e uma bicicleta.

11. Considera importante o desenvolvimento da criatividade em crianças de idade pré-escolar? Se sim, como o promove?

Sim, a criatividade é muito importante, eles estão sempre a criar alguma coisa na sua mente e é importante alimentarmos isso. Um adulto que não é criativo acaba por ficar limitado, é menos versátil e menos feliz.

A nível das artes, ao nível da música, é algo que o pai consegue passar, eles podem utilizar os instrumentos da forma que quiserem, existindo apenas o limite de os utilizar para tocar música. Sugiro muitas vezes a pintura, se ele está aborrecido sugiro que faça um desenho. Nas brincadeiras tento aceitar ao máximo as soluções de brincadeira que eles trazem, tento manter-me neutra perante coisas que eles apresentam, a roupa deixo que eles combinem o que querem, não imponho, não imponho limites desde que estejam quentes.

12. Considera importante o desenvolvimento do sentido estético em crianças de idade pré-escolar? Se sim, como o promove?

Sim, nas crianças e nos adultos é essencial. Nós somos pessoas muito desarrumadas e uma forma de o fazer é manter a harmonia, e ter cada coisa no seu lugar, apesar da dificuldade é algo que procuramos fazer, ao ser pais olhamos para nós próprios de uma forma que nunca nos tínhamos mostrado. A questão do sentido estético é algo que caminhamos para lá. Temos de melhorar...

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE F - Transcrição da Entrevista a pais

As Artes Plásticas na Pedagogia Waldorf

A presente entrevista surge no âmbito de um estudo realizado para a obtenção do grau de mestre em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa, orientado pela Professora Doutora Ana Sousa. Pretende identificar e caracterizar o modelo pedagógico, bem como o seu contributo para o desenvolvimento da criança tendo em conta o domínio da educação artística. Pretende ainda explicitar a importância das artes plásticas no desenvolvimento integral do indivíduo.

A informação recolhida é anónima e confidencial, com uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Em qualquer caso, a sua identificação nunca será tornada pública.

A sua colaboração é da maior importância e contributo fundamental para atingir os objetivos a que nos propomos. Muito grata pela sua participação!

Idade ___40___

1. Porque escolheu um Jardim de infância Waldorf?

Porque me identifica com muito do que defende, mas principalmente pelo respeito pela criança e pelo seu ritmo.

2. De todos os princípios porque se rege uma escola Waldorf, qual é para si o mais relevante?

A conexão com a natureza e os seus ritmos. O equilíbrio entre a expansão e recolhimento. O respeito pela criança.

3. O seu filho fala da escola em casa? Se sim, o que ele relata?

Fala sim. Vai contando episódios do seu dia, canta músicas. Fala dos amigos.

4. O seu filho tem contato com arte? De que forma?

Nas atividades livres de aquarela e pintura e na atividade musical coordenada pela mãe de uma criança.

5. Em casa, o seu filho tem acesso a ecrãs?

De forma esporádica e muito controlada.

6. Em casa, o seu filho tem livros ilustrados?

Sim.

7. Ao contar uma história privilegia o conto oral ou recorre a livros infantis?

Recorro a livros.

8. Ao decorar o quarto do seu filho, teve especial atenção a que elementos?

Ao espaço para brincar livremente, aos livros e a que ele participasse na preparação do seu novo quarto.

9. Que brinquedos se encontram no quarto do seu filho?

Livros, poucos jogos e uma cozinha de brincar.

10. Ao comprar um brinquedo o que privilegia? (privilegia a estética, se é belo, privilegia o que o brinquedo propõe desenvolver, se é didático ou privilegia o material de que é feito ou a sua utilidade).

Tentamos ser minimalistas nos brinquedos...só agora aos 5 anos já tem demasiados brinquedos...mas até agora conseguimos controlar. Tentamos que sejam de madeira, metal ou sustentáveis. Que sejam brinquedos de acordo com os seus interesses, mas para que possa brincar livremente.

11. Considera importante o desenvolvimento da criatividade em crianças de idade pré-escolar? Se sim, como o promove?

Sim, a criatividade é alimentada pelo brincar livre (raramente fazemos atividades direcionadas) e pela continuação da magia que tentamos imprimir nas celebrações.

12. Considera importante o desenvolvimento do sentido estético em crianças de idade pré-escolar? Se sim, como o promove?

Tento levá-lo a visitar museus com regularidade e estamos sempre muito atentos aos elementos e espetáculos da natureza que vão surgindo diariamente como um arco-íris, um por do sol, os pássaros a cantar ou uma árvore despida.

Muito obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE G - Notas de campo

Dias de observação: 23 e 28 de novembro e 11 de dezembro de 2023 e 15, 18 e 23 de abril de 2024.

Primeiro momento de observação:

Dia 15 de novembro (4º feira) – Reunião com a educadora da sala.

Depois de algumas trocas de emails com a Diretora do jardim de Infância, reuni hoje com a educadora da sala para juntas delinear o todo o planeamento das sessões que me proponho realizar, explicar o objetivo do estudo, a sua organização e deixar os consentimentos informados para que pudesse entregar aos pais para assinarem.

Visito a sala pela primeira vez, transmite um ambiente calmo, familiar e muito cuidado. As paredes estão pintadas de rosa muito claro com algumas pinceladas de amarelo, os materiais são naturais, onde prevalece a madeira, os panos e as roupas dos bonecos são de tons suaves e respeitam a paleta do arco íris. A “casinha” ocupa uma área considerável da sala e o seu telhado é feito de tule que se encontra preso ao teto, encontramos também uma mesa redonda com algumas cadeiras, um tapete e um armário baixo onde podemos ver diversos cestos com diferentes objetos. A sala tem duas grandes janelas que dão para o espaço exterior e entre elas encontramos a mesa de estação. Contínuo à sala temos a casa de banho e a sala das refeições, ambas para uso exclusivo deste grupo.

Um dos pedidos da educadora foi o de registar o menos possível quando as crianças estiverem presente, a querer usar a imagem fazê-lo preferencialmente com uma máquina fotográfica e evitar o uso do telemóvel por ser um objeto que desperta nas crianças um grande interesse e curiosidade, foi-me também pedido que não fizesse registos escritos e nos momentos de observação estivesse ocupada a fazer qualquer atividade como tricot ou coser algo, pois o cuidar do espaço é muito importante no dia do jardim de infância e limpar, remendar ou arranjar os materiais que estão a uso das crianças é uma das tarefa do adultos.

Dia 23 de novembro (5ª feira) – 1º dia de observação.

Desenho com blocos de cera

Chego uns minutos antes das 9h e na sala apenas estão presentes a auxiliar e duas crianças, a educadora chega de seguida e prepara a mesa para a atividade do dia – desenho com blocos de cera.

As crianças continuam a chegar e a mesa redonda de madeira junto à parede está preparada cuidadosamente para a atividade, folhas A4 de cantos arredondados e dois cestos de verga pequenos com bloco de cera de três cores, amarelo, azul e vermelho. As crianças à medida que chegam são convidadas a desenhar, algumas aceitam, sendo a maioria, outras não querem e dirigem-se para as áreas da sala e iniciam as suas brincadeiras, a sua vontade é respeitada, mas a educadora está sempre atenta e sabe quem nunca quer desenhar ou o faz com pouca frequência, neste caso aborda a criança de maneira diferente, e embora não imponha a sua vontade acaba por levá-la a sentir vontade em participar.

Todas as produções são diferentes, umas crianças demoram-se nas suas criações e utilizam as diferentes cores, outras apenas “rabiscam” com maior ou menor intensidade, usando apenas uma ou mais cores,

À volta da mesa encontramos apenas seis cadeiras, uma ocupada pela educadora, por isso a dinâmica que se cria é muito fluida, as crianças iniciam os seus desenhos em alturas diferentes à medida que vão chegando ou quando uma cadeira vaga. Quando a educadora percebe que mais nenhuma criança deseja desenhar recolhe as folhas e guarda os materiais, preparando a sala para o momento da rotina seguinte. Tudo flui e as transições são feitas com tranquilidade, o que não é muito comum sentir numa sala de jardim de infância, para isso talvez ajude a canção que tanto a educadora com a auxiliar entoam à medida que também elas vão arrumando a sala.

Dia 28 de novembro (3ª feira) – 2º dia de observação.

Pintura de aguarela

A atividade está preparada na sala de refeições com todo o material já disponível. Em cada lugar podemos ver um frasco com água, um pincel, três boiões pequenos com a aguarela (pigmento diluído em água – cores primárias), uma esponja, um pano e uma placa acrílica para colocar a folha.

Quando as crianças chegam são convidadas a participar. A educadora pega numa folha de papel A3 de cantos arredondados e molha-a numa bacia com água, depois dá a folha à criança que usa a esponja e o pano para humedecer uniformemente ou tirar o excesso. Quando o grupo está organizado a educadora senta-se e também ela inicia a sua pintura, com calma, movimentos suaves e em silêncio. Todos participam de forma autónoma, a educadora não questiona sobre o que estão a pintar. Quando terminam levam a sua pintura para secar e limpam a mesa com o pano que têm à sua disposição. A educadora apenas intervém para sugerir a arrumação quando a criança se esquece. As folhas são de papel para aquarela e os cantos são previamente arredondados. Só em casos pontuais a educadora sugere à criança que finalize o trabalho, isto, quando a criança está há demasiado tempo a pintar e a “estragar” a pintura sujando tudo à sua volta.

Quando uma criança nunca quer pintar, a educadora insiste para que realiza a atividade, caso contrário, sobretudo com as mais novas não insiste. Segundo a educadora, é preciso conhecer a criança para entendê-la, só conhecendo a criança e as suas circunstâncias é que é possível decidir entre incentivá-la ou deixá-la, também é importante observar se a criança não quer fazer a atividade desta vez ou se nunca a quer fazer.

Durante a pintura algumas crianças conversam sobre diversos temas, outras sobre as suas pinturas, outras ficam focadas e em silêncio. Têm três cores disponíveis, as cores primárias, o amarelo, o azul e o vermelho. Muitas crianças sabem que ao juntar estas cores conseguem outras, outras crianças descobrem-no pela primeira vez e admiram-se com o resultado.

Eu também pinte, a pedido da educadora, não só para experienciar a técnica, mas também para participar e não observar apenas.

Dia 11 de dezembro (2ª feira) – 3º dia de observação.

Modelagem com cera de abelha

A cesta com os blocos de cera está em cima da mesa, as crianças ao chegar são convidadas a sentar-se, eu também pego num bloco e começo a manusear a tentar “construir” algo, o bloco é duro e primeiro temos de o aquecer com o calor das mãos. Os blocos de cera agora já não têm a forma inicial (forma de paralelepípedo), e agora são

pequenas esferas, mais uma vez as cores disponibilizadas são as três primárias, o vermelho, o amarelo e o azul. Enquanto umas crianças estão a moldar a cera, a educadora convida outras (duas a duas) a sentarem-se junto dela e a fazer o presente de natal para a família. Este ano o presente é uma vela feita com “folha” de cera de abelha, previamente cortada e que é enrolada pela criança à volta do pavio colocado pela educadora, depois cada criança cola uma estrela previamente cortada com uma forma na vela onde prende um cartão com o seu nome.

Passaram-se cerca de quarenta e cinco minutos, o grupo é convidado a arrumar a sala através da entoação de uma canção, às crianças que não fizeram o presente é-lhes explicado que o farão no dia seguinte. Depois de arrumada a sala o grupo vai à casa de banho e depois reúne-se novamente no centro da sala para dar início à roda rítmica.

Segundo momento de observação:

Dia 15 de abril (2ªfeira) – 4º dia de observação.

Modelagem com cera de abelha

A cesta com os blocos de cera está em cima da mesa, as crianças ao chegar são convidadas a sentar-se, eu também pego numa “bola” e começo a manuseá-la (continuo a achar que é um verdadeiro desafio moldá-la), como é muito dura temos de primeiro aquecê-la com o calor as mãos, e aos poucos vai ficando cada vez mais moldável. Os blocos de cera agora já não têm a forma inicial e muitos já não têm as cores iniciais, as primárias, encontramos “bolas” com cores indefinidas, mas próximas dos acastanhados (resultante da mistura). É possível ver formas a serem moldadas pelas mãos das crianças, caracóis, dinossauros e muitos anõezinhos cujo barrete é a cápsula de uma bolota, utilizada por ter a forma de cúpula. A educadora senta-se ao lado da mesa e as crianças mais velhas vão-se dirigindo a ela para darem continuidade ao seu trabalho de tear, trabalho que a educadora também está a desenvolver, parando regularmente para dar orientações às crianças que lhe pedem. O tear é uma atividade feita apenas pelos mais velhos, as crianças que no próximo ano irão frequentar o primeiro ano, e este trabalho depois de concluído irá transformar-se num estojo que os acompanhará nesse novo ciclo. As crianças que não estão ocupadas com estas duas atividades brincam na sala, em pequenos grupos, na área da casinha, com os blocos de construções, fazem “piqueniques” no tapete, entre outras brincadeiras.

Dia 18 de abril (5ªfeira) – 5º dia de observação.

Desenho com blocos de cera

A mesa de trabalho tem as cestas com os blocos de cera, as folhas estão também sobre a mesa (folhas brancas A4 com os cantos arredondados) e a criança ao sentar-se retira uma e inicia o seu desenho. Algumas crianças escrevem o seu nome de forma autónoma e sem lhes ser pedido, aquelas que ainda não o fazem a educadora escreve por trás da folha o seu nome a lápis, quando terminam o seu desenho. Os blocos apresentam alguma sujidade própria do contato entre eles e a educadora propõe limpá-los no dia seguinte (esta limpeza é feita com azeite e um pouco de lã). Os desenhos apresentam-se agora mais elaborados, muitas crianças mostram-se mais atentas aos pormenores, as cores são todas usadas e é curioso ver como elas tentam de forma propositada encontrar novos tons que resultam da mistura das cores primárias. Algumas crianças viram a folha e continuam a desenhar na parte de trás, quando terminam arrumam os blocos na cesta e colocam o seu desenho no armário.

Dia 23 de abril (3ªfeira) – 6º dia de observação.

Pintura de aquarela

Hoje a auxiliar da sala não esteve por isso a educadora perguntou-me se podia dar início e supervisionar a pintura com aquarelas, enquanto ela estava na sala a receber as crianças e a acompanhar o resto do grupo. A mesa já estava com alguns materiais e foi apenas necessário organizá-los, uma das crianças veio prontamente ajudar-me e foi o primeiro a iniciar a sua pintura. Foi curioso ver que a alteração da rotina, a minha presença em vez da educadora, modificou o ambiente, falaram mais, algumas crianças cobiçaram e desdenharam nas pinturas de uns e outros e embora demonstrassem empenho e interesse na sua pintura, ouvia-se mais conversa e sentia-se mais interação entre o grupo, algo que na vez anterior não aconteceu. Ao terminar a maioria pegou na sua folha e foi pô-la a secar no lugar definido para o efeito e depois voltava para limpar a mesa e levar os boiões para lavar. Ao comentar com a educadora a minha percepção de como tinha corrido a atividade, ela referiu que eles foram-se sentando perto dos amigos da sua preferência, algo que ela subtilmente não permite e é a “chave” para criar o ambiente que desta vez senti diferente.

De uma forma geral pude constatar que as pinturas foram realizadas de uma forma mais intencional, ou seja, a maioria não se limitou a molhar o pincel na tinta e a passar na folha, mas programou o que queria pintar, escolheram as cores e conseguiram fazer várias tonalidades. Houve crianças a dizerem: “eu hoje vou fazer vários tons de vermelho”, e ao longo da sua pintura usou apenas o vermelho e o amarelo, ou “eu vou pintar só com o azul e o amarelo”, e assim o fez. Também notei uma grande evolução ao nível da organização, da arrumação e limpeza, sendo quase desnecessária a minha intervenção.

APÊNDICE H - Primeiro Momento de Observação (Fonte: própria)

Figuras 1 a 4 – Sala de atividades



Figura 1

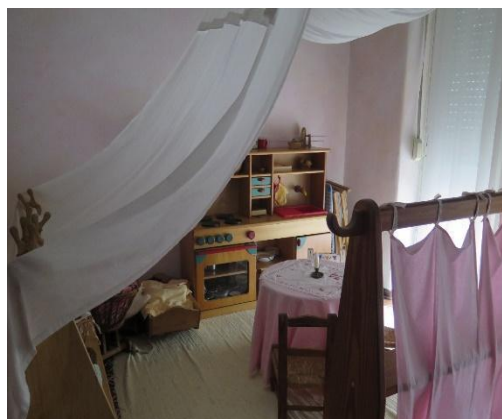


Figura 2



Figura 3



Figura 4



Fig. 5 - Mesa de estação (outono)



Fig. 6 - Mesa de estação (Natal)



Figura 7 – Materiais disponíveis
(lenços)



Figura 8 – Materiais disponíveis
(bonecas de pano)



Figura 9 – Materiais disponíveis
(animais de madeira)



Figura 10 – Materiais disponíveis
(conchas)



Figura 11 – Materiais disponíveis
(pequenos troncos e pedaços de cortiça)



Figura 12 – Materiais disponíveis
(animais de lã)



Figura 13 – Materiais disponíveis
(sólidos de madeira)



Figura 14 – Materiais disponíveis
(pedras)

Figuras 15 a 18 – Espaço exterior



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

Figuras 19 a 26 - Desenho com blocos de cera



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26

Figuras 27 e 28 - Modelagem de cera de abelha



Figura 27



Figura 28

Figuras 29 e 30 - Elaboração do presente de Natal para as famílias



Figura 29



Figura 30

Figuras 31 a 38 - Pintura com aguarelas (preparação da sala, organização da atividade e exploração livre)



Figura 31



Figura 32



Figura 33



Figura 34



Figura 35



Figura 36



Figura 37



Figura 38

Figuras 39 a 41 - Dramatização de um conto pelas crianças



Figura 39



Figura 40



Figura 41

APÊNDICE I - Segundo Momento de Observação (Fonte própria)

Figuras 42 a 46 - Modelagem de cera de abelha



Figura 42



Figura 43



Figura 44



Figura 45



Figura 46

Figuras 47 e 48 - Construção de um tear



Figura 47



Figura 48



Figura 49 - Elemento decorativo alusivo à Páscoa



Figura 50 - Mesa de estação (primavera)

Figuras 51 a 57 - Desenho com blocos de cera



Figura 51



Figura 52



Figura 53



Figura 54



Figura 55



Figura 56



Figura 57

Figuras 58 a 70 - Pintura com aguarelas



Figura 58



Figura 59



Figura 60



Figura 61



Figura 62



Figura 63



Figura 64



Figura 65



Figura 66



Figura 67



Figura 68



Figura 69



Figura 70